

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
Departamento de Letras Vernáculas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

**ASPECTOS SÓCIO-DIALETAIS DA LÍNGUA FALADA EM
FORTALEZA: AS REALIZAÇÕES DOS FONEMAS /r/ e /r/**

MARIA SILVANA MILITÃO DE ALENCAR

FORTALEZA

2007

MARIA SILVANA MILITÃO DE ALENCAR

**ASPECTOS SÓCIO-DIALETAIS DA LÍNGUA FALADA EM
FORTALEZA: AS REALIZAÇÕES DOS FONEMAS / r / e / ʀ /**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Linguística da Universidade Federal do Ceará como
parte dos requisitos para a obtenção do grau de
Doutor em Linguística.

Área de concentração: Descrição do Português.

Orientadora: Profª. Dra. Maria Socorro Silva de
Aragão.

FORTALEZA

2007

“Lecturis salutem”

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR

Telma Regina Abreu Camboim – Bibliotecária – CRB-3/593

tregina@ufc.br

Biblioteca de Ciências Humanas – UFC

A354a

Alencar, Maria Silvana Militão de.

Aspectos sócio-dialetais da língua falada em Fortaleza [manuscrito]:
as realizações dos fonemas /r/ e /r/ por Maria Silvana Militão de Alencar.
– 2007.

184 f.: il.; 31 cm.

Cópia de computador (printout(s)).

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de
Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Lingüística, Fortaleza (CE),
29/06/2007.

Orientação: Profa. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão.

Inclui bibliografia.

1- LÍNGUA PORTUGUESA – PORTUGUÊS FALADO – FORTALEZA (CE). 2- LÍNGUA PORTUGUESA –
REGIONALISMOS – FORTALEZA (CE). 3- LÍNGUA PORTUGUESA – FONOLOGIA. 4- LÍNGUA
PORTUGUESA – DIALETOS – FORTALEZA (CE). 5- LÍNGUA PORTUGUESA – ASPECTOS SOCIAIS –
FORTALEZA (CE). I- Aragão, Maria do Socorro Silva de, orientador. II- Universidade Federal do Ceará.
Programa de Pós-Graduação em Lingüística. III- Título.

CDD(21ª ed.) 469.79831

20/07

Esta Tese de Doutorado foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Doutor em Lingüística, outorgado pela Universidade Federal do Ceará e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca do Centro de Humanidades (CH) da referida Universidade.

Autorizo, para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Tese por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Maria Silvana Militão de Alencar

BANCA EXAMINADORA

Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão (UFC)
Orientadora/Presidente

Dra. Ivone Tavares de Lucena (UFPB)
1ª Examinadora

Dr. Wilson Júnior de Araújo Carvalho (UECE)
2º Examinador

Dr. Antônio Luciano Pontes (UECE)
3º Examinador

Dra. Emília Maria Peixoto Farias (UFC)
4ª Examinadora

Tese defendida e aprovada em 29/06/2007

Para meus netos

Raul

Samira

Samuel

AGRADECIMENTOS

Acima de qualquer expectativa, a Deus, minha força, meu refúgio e minha luz;

À Profa. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão, pelo apoio, pela confiança em mim depositada, pela orientação firme e pelo incentivo na minha caminhada acadêmica que, ora, culmina com este trabalho;

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará (UFC), pelas possibilidades de crescimento acadêmico;

Agradecimentos extensivos aos meus ex-professores do PPGL, em especial, à Profa. Dra. Maria Elias Soares pelo seu brilhantismo profissional;

Aos meus colegas do Curso de Pós-Graduação, pelo companheirismo e ajuda nos momentos difíceis que superamos;

Aos informantes, que se dispuseram a colaborar nesta pesquisa, sem os quais nada seria possível;

À FUNCAP, pela concessão da bolsa;

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desse trabalho.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo descrever e analisar as marcas sócio-dialetais da língua falada em Fortaleza, com enfoque particular nas diferentes realizações dos fonemas /r/ e /r/. Utiliza como suporte as bases teórico-metodológicas da Fonética e da Fonologia, com abordagem da Dialectologia e da Sociolinguística, uma vez que, foi feito, além do estudo dos aspectos sonoros, o estudo das variações diatópicas (regionais) e diastráticas (sociais). A escolha desse tema justifica-se por vários motivos, dentre os quais, acreditamos que o aspecto fonético, como objeto de estudo, seja um dos que mais fácil e rapidamente denotam as variações linguísticas, pois é neste nível que as diferenças, tanto regionais quanto sociais, tornam-se mais evidentes e onde as mudanças, geralmente, têm início. Depois, se a língua é vista como um sistema que possui uma heterogeneidade sistemática torna-se possível priorizar uma análise linguística voltada para um aspecto determinado, no caso, as realizações do **r** fortalezense. Destacamos, também, o papel relevante das pesquisas empíricas que têm por finalidade a descrição da língua portuguesa em suas variantes, no sentido de definir o que de fato constitui o português do Brasil. A metodologia do trabalho segue as linhas gerais do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, com as devidas adaptações. No levantamento dos dados para a análise, foram considerados oito fatores, sendo três sociais (faixa etária, grau de escolaridade e sexo) e cinco estruturais (tonicidade da sílaba que contém o fonema, dimensão do vocábulo, categoria gramatical, natureza do contexto fonológico precedente e natureza do contexto fonológico subsequente) que, posteriormente, foram distribuídos em quatro contextos para análise das variantes do **r** no falar fortalezense. No cômputo geral dos dados, os resultados mostraram que: no contexto inicial, prevalece a fricativa glotal [h]; no contexto intervocálico, dá-se o contraste fonêmico entre /r/ e /r/; nos contextos pós-vocálico medial e final, dependendo da variável natureza do contexto fonológico subsequente, podem ocorrer as variantes [h], [h̃], [r] e [Ø]; o apagamento em posição pós-vocálica final é mais forte do que em posição pós-vocálica medial; no contexto pós-vocálico medial a variável que mais favorece o apagamento é preenchida por obstruintes fricativos, mas a consoante rótica manifesta, também, uma tendência a ser suprimida quando seguida de soantes (nasais). Tais resultados nos levaram a concluir que, nos estudos relacionados à variação dos róticos, em língua portuguesa, não podemos enfatizar apenas o aspecto contrastivo. As diferenças fonéticas devem ser analisadas segundo o contexto em que ocorrem, levando-se em conta fatores linguísticos e/ou sociais.

Palavras-Chave: Fonética e Fonologia; Variação regional e social; Variação do /r/ e /r/; Falar fortalezense.

RÉSUMÉ

Ce travail a pour but décrire et analyser les marques socio-dialectiques de la langue portugaise parlée à Fortaleza, afin de mettre en évidence les différentes manifestations des phonèmes /r/ et /r/. Il est ancré sur les bases théoriques-méthodologiques fondées sur la Phonétique et la Phonologie et une approche issue de la Dialectologie et de la Sociolinguistique, vu qu'une étude des aspects sonores, a été réalisée, simultanément, concernant les variations diatopiques (régionales) et les variations déastratiques (sociales). Le choix du thème se justifie par plusieurs raisons, étant donné que l'aspect phonétique en tant qu'objet d'étude, à notre sens, c'est celui qui révèle, le plus facilement voire rapidement, les variations linguistiques, puisqu'à ce niveau-là, les différences régionales et/ou sociales, deviennent plus évidentes et, notamment, où généralement, débutent les changements. Par la suite, si la langue est perçue comme un système qui possède une hétérogénéité systématique, il sera possible d'accorder la priorité à l'analyse linguistique vers un aspect déterminé et, pour ce, les réalisations du « r » fortalézien. Nous soulignons aussi l'évidence du rôle dans les recherches empiriques qui ont pour but la description de la langue portugaise dans ses variantes, afin de préciser ce qu'en réalité constitue le portugais du Brésil. La méthodologie de ce travail suit les lignes générales du Projet Atlas Linguistique du Brésil – ALiB, en faisant les adaptations nécessaires. Le relevé des données provenant de l'analyse, nous conduit vers huit composants: trois sociaux (tranche d'âge, scolarité et sexe) et cinq structuraux (l'aspect tonique de la syllabe qui contient le phonème, la dimension du vocable, la catégorie grammaticale, la nature du contexte phonologique précédent et la nature du contexte phonologique subséquent), qui postérieurement ont été distribués dans quatre contextes qui se sont prêtés à l'analyse des variantes du r dans le parler fortalézien. Selon l'analyse générale des données, les résultats démontrent que: dans le contexte initial prévaut la friction glottal [h]; dans le contexte intervocalique survient le contraste phonémique parmi /r/ et /r/; dans les contextes post-vocalique médial et final, selon la nature variable du contexte phonologique subséquent, peuvent avoir lieu les variantes [h], [ɦ], [r] et [Ø]; l'effacement en position post-vocalique finale est plus forte qu'en position post-vocalique médiale; dans le contexte vocalique médial, la variable qui favorise le plus l'effacement est provoquée par les frictions obstruées, même si la vibration révèle aussi, la tendance à la suppression, lorsqu'elle est suivie par des sonnants (nasaux). Ces résultats nous mènent à conclure que, dans les études qui ont des rapports avec la variation des róticos dans la langue portugaise, ne sont soulignés que l'aspect contrastif. Les différences phonétiques doivent être analysées, selon le contexte sur lequel ils ont lieu, tout en prenant en compte les composants linguistiques et/ou sociaux.

Mots-Clé: Phonétique et Phonologie; Variation régionale et sociale; Variation du /r/ et /r/; Parler "fortalezense".

LISTA DE SÍMBOLOS

Alfabeto Fonético*

Vogais

[i] ira	[î] cinco
[e] ele	[ê] pente
[ɛ] ela	[ã] banco
[a] pá	[õ] ponte
[u] uva	[û] junto
[o] ovo	
[ɔ] pó	

Semivogais

[j] pai
[w] pau

Consoantes

[p] pato	[f] faca	[l] lata	[r] caro
[b] bato	[v] vaca	[ʌ] folha	[r] carro
[t] tato	[s] saca		[h] carta
[d] data	[z] zero	[m] mula	[ñ] corda
[k] cata	[ʃ] chuva	[n] nata	
[g] gata	[ʒ] gente	[ɲ] minha	[x] mar
			[ɣ] carga
			[ɹ] porta

* Apenas se apresentam os símbolos utilizados no texto.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Bairros utilizados na pesquisa de campo.....	94
Quadro 2. Distribuição da amostragem	96
Quadro 3. Realizações dos fonemas /r/ e /r/ no falar fortalezense	135

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Variáveis sociolingüísticas no processo de monotongação	106
Tabela 2. Variáveis sociolingüísticas no /r/ como segundo elemento na mesma sílaba	109
Tabela 3. Variáveis sociolingüísticas no rótico pós-vocálico medial.....	111
Tabela 4. Variáveis sociolingüísticas no rótico pós-vocálico final no contexto	126
Tabela 5. Influência da variável tonicidade no rótico pós-vocálico final.....	128
Tabela 6. Influência da variável dimensão do vocábulo no rótico pós-vocálico final	129
Tabela 7. Influência da variável classe do vocábulo no rótico pós-vocálico final	130
Tabela 8. Natureza do contexto fonológico precedente no rótico pós-vocálico final	131
Tabela 9. Variável faixa etária.....	132
Tabela 10. Variável grau de escolaridade.....	132
Tabela 11. Variável sexo	133

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Variável natureza do contexto fonológico precedente – processo de monotongação.....	106
Gráfico 2. O /r/ como segundo elemento na mesma sílaba	109
Gráfico 3. Manifestações dos fonemas /r/ e /r/ na posição pós-vocálica medial	111
Gráfico 4. Rótico pós-vocálico medial	112
Gráfico 5. Rótico pós-vocálico medial seguido de fricativas	112
Gráfico 6. Rótico pós-vocálico final – em pausa.....	123
Gráfico 7. Rótico pós-vocálico final diante de vogal	125
Gráfico 8. Rótico pós-vocálico final diante de consoante	125
Gráfico 9. Variável tonicidade no rótico pós-vocálico final.....	128
Gráfico 10. Variável dimensão do vocábulo no rótico pós-vocálico final	129
Gráfico 11. Variável classe do vocábulo no rótico pós-vocálico final.....	130

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Mapa da cidade de Fortaleza.....	95
--	----

SUMÁRIO

LISTA DE SÍMBOLOS

LISTA DE QUADROS

LISTA DE TABELAS

LISTA DE GRÁFICOS

LISTA DE FIGURAS

INTRODUÇÃO.....	15
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
1.1 Aspectos Dialetais da Linguagem	20
1.1.1 Visão panorâmica dos estudos dialetológicos e geolingüísticos	28
1.1.1.1 Estudos dialetais e geolingüísticos no Brasil.....	29
1.1.1.2 Estudos dialetais e geolingüísticos no Ceará.....	33
1.2 Aspectos Sociais da Linguagem	35
1.2.1 Variação lingüística	38
1.2.1.1 Variantes, variáveis e registro	39
1.2.2 Variação social – diastrática	41
1.2.3 Variação geográfica – diatópica	47
1.3 Aspectos Fonético-Fonológicos da Linguagem	48
1.3.1 Fonética e fonologia	49
1.3.1.1 Teorias fonológicas.....	52
1.3.1.2 Variação fonética: visão histórica.....	58
1.4 Aspectos Variáveis dos Róticos no Português	62
1.4.1 Considerações históricas	62
1.4.2 As realizações dos fonemas /r/ e /r/	68
1.4.3 Pesquisas relacionadas aos róticos no português brasileiro.....	74
1.4.3.1 Os róticos no português brasileiro: pesquisas com abordagem dialetal	76
1.4.3.2 Os róticos no português brasileiro: pesquisas com abordagem sociolingüística.....	80

2 METODOLOGIA.....	93
2.1 Revisão Bibliográfica	93
2.2 Delimitação do Corpus	93
2.2.1 Escolha da localidade	94
2.2.2 Caracterização dos informantes.....	95
2.2.3 Variáveis controladas	97
2.2.3.1 Variáveis sociolingüísticas	97
2.2.3.2 Variáveis lingüísticas.....	98
2.3 Coleta de Dados.....	98
2.3.1 Instrumentos de pesquisa.....	99
2.4 Transcrição do Material.....	101
2.5 Análise Qualitativa e Quantitativa.....	102
3 ANÁLISE DO CORPUS.....	103
3.1 Análise das Variáveis Lingüísticas e Sociolingüísticas por Contexto.....	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	139
ANEXOS.....	152
Anexo A – A Cidade de Fortaleza.....	153
Anexo B – Ficha da Localidade	154
Anexo C – Ficha do Informante	156
Anexo D – Questionário Fonético – Fonológico – QFF	158
Anexo E – Questionário Semântico Lexical – QSL.....	163
Anexo F – Temas para Discursos Semidirigidos.....	173
Anexo G – Perguntas Metalingüísticas	174
Anexo H – Texto para Leitura.....	175
Anexo I – Modelo de Gravura para Evocação de Palavras no Questionário Fonético – Fonológico.....	176
Anexo J – Informante 23: Faixa Etária II, Sexo Masculino	177

INTRODUÇÃO

Os estudos das variações lingüísticas, de um modo geral, têm alcançado certo grau de desenvolvimento no Brasil, contudo há uma disparidade muito acentuada no tratamento dispensado às variações regionais e sociais, principalmente, as nordestinas, que são vistas, muitas vezes, como algo inferior ou errado, face à variante padrão ou aos falares da região Sul. Pertencemos a uma região discriminada social, econômica e culturalmente em relação às demais do nosso imenso país, e não menos, em relação à fala por ser diferente.

Em uma comunidade de fala, as variações fonéticas, por revelarem diferenças sociais e espaciais, são freqüentemente submetidas a julgamentos de valor por parte dos falantes. Então, sob o aspecto sociolingüístico, poderíamos dizer que a língua, dependendo de onde se fala ou de quem a fala, atribui prestígio ou desprestígio àquele indivíduo ou ao grupo que a domina. Exemplificamos com a utilização dessas variações em novelas, programas humorísticos de televisão, com sentido conotativo ou, mesmo pejorativo, uma vez que são demarcadoras não só do espaço físico (diatópicas), mas, também, do nível sociocultural (diastráticas) do falante. Assim, ao estudarmos a língua não podemos descartar o papel das variações fonéticas, uma vez que estas podem desencadear todo um processo de mudanças, começando pelos falares que, posteriormente, se constituirão em dialetos e estes, dependendo do momento histórico e político, em uma nova língua.

Há séculos, acreditamos que é preciso dominar as regras da gramática normativa (GN), para podermos fazer bom uso da língua. Trata-se de uma crença ultrapassada, mas que se perpetua. Precisamos mudar esta visão, reconhecer que as pessoas falam de um modo diferente não, porque “erram”, mas porque empregam regras gramaticais próprias da sua variedade de língua, que todo falante nativo tem o direito de se expressar em sua língua materna e que precisamos dar vida e voz a nossa língua brasileira. Infelizmente não podemos negar que o português padrão goza de maior prestígio. Isso deixa transparecer um forte preconceito lingüístico sustentado durante séculos por mitos do tipo: “português é muito difícil”, “não sei falar português” ou outros pré(conceitos) equivocados, como: “o português correto é o de São Luís”, “a pronúncia carioca é a mais perfeita do país, é essencialmente urbana”, dentre outros.

Essa tendência a não reconhecer o valor dessas variações deve-se, principalmente, ao desconhecimento lingüístico por parte de pessoas detentoras de prestígio nos meios de comunicação de massa ou mesmo de professores de Ensino Fundamental e Médio. Nossa pesquisa poderá ser útil, aos professores, no sentido de prestar-lhes esclarecimentos sobre o fenômeno da heterogeneidade dialetal e sobre a gramática que o aluno traz de seu lar, de seu ambiente social onde convive, pois existem fontes que nos permitem identificar socialmente as pessoas. A fala, como já dissemos, pode apresentar variações de prestígio ou não, e isso tem apresentado conseqüências drásticas para o ensino da língua portuguesa.

O material colhido, através deste nosso trabalho, poderá ser utilizado na escolha e elaboração de material didático e paradidático, pois processos variáveis da fala que geralmente migram para a escrita, como o cancelamento do rótico pós-vocálico em posição medial e final – “curso” – cu[Ø]so, “cantar” – cantá[Ø], o rotacismo de /l/ >/r/ em grupos consonantais “planta” – p[r]anta –, o cancelamento do /r/ em grupos consonantais “próprio” – próp[Ø]io – dentre outros, podem ser resolvidos nos estágios de letramento ou permanecerem em variação, na fala, por toda a vida.

Neste trabalho, objetivamos descrever e analisar as marcas dialetais e sociais da língua falada na cidade de Fortaleza, destacando as diferentes realizações dos fonemas /r/ e /r/. Apresentamos como objetivos específicos: estudar aspectos fonético-fonológicos dos fonemas /r/ e /r/ no falar de Fortaleza; estudar as relações sócio-dialetais existentes no uso dos fonemas /r/ e /r/ na língua falada em Fortaleza. Partimos da hipótese de que o falar de Fortaleza, quanto à realização dos fonemas /r/ e /r/, contém marcas fonéticas, diatópicas e diastráticas que o distinguem de outros falares cearenses e regionais.

A escolha desse tema encontra justificativa por vários motivos. Primeiramente, acreditamos que a escolha do aspecto fonético-fonológico, como objeto de estudo, constitui-se um deles, uma vez que, neste nível, as diferenças, tanto sociais quanto regionais, tornam-se mais evidentes e onde as mudanças, geralmente, têm início. Depois, se a língua é vista como um sistema que possui uma heterogeneidade sistemática torna-se possível priorizar uma análise lingüística voltada para um aspecto determinado: as realizações do **r** fortalezense.

Destacamos o papel relevante das pesquisas empíricas que têm por finalidade a descrição da língua portuguesa em suas variantes diatópicas e diastráticas, em diferentes níveis, desde o fonético-fonológico ao léxico, no sentido de se definir o que de fato constitui o chamado português do Brasil. Destacamos, também, a relevância desta pesquisa particular, por inserir o falar fortalezense no contexto nacional, regional e local, passando, assim, a integrar o grupo de pesquisas realizadas no Brasil sobre as diferentes manifestações dos róticos, quer em posição inicial (explosiva), intervocálica, quer em posição medial ou final (implosiva). E, por fim, dada à extensão territorial do nosso país e a grande diversidade lingüística, além das contradições sociais, há sempre necessidade de que este tipo de investigação seja realizado, a fim de que, essa variável e seus condicionadores tornem-se mais conhecidos, contribuindo, dessa forma, para a descrição de nossa língua.

Nosso trabalho faz uma análise fonético-fonológica dos fonemas /r/ e /r/ no falar fortalezense, a partir de pressupostos teóricos de tendências estruturalistas, com bases teórico-metodológicas da Dialetoologia – estudo das variações diatópicas (regionais) e da Sociolingüística – estudo das variações diastráticas (sociais). Em nossa pesquisa, temos, também, a oportunidade de demonstrar, além das diferenças sócio-dialetais nas realizações dos róticos, os contextos lingüísticos que favorecem essa variação e, se as ocorrências das variantes independem de contextos.

Os róticos, na língua portuguesa, apresentam realização bastante diversificada, com variantes que vão da vibrante (alveolar ou uvular) a uma fricativa (velar ou glotal) e, em posição pós-vocálica, sua variação articulatória poderá determinar o seu total apagamento em final da palavra, como em *cantar* > *cantá[Ø]*, *amor* > *amô[Ø]*. Portanto, a classe dos róticos apresenta um comportamento peculiar no sistema fônico do português falado no Brasil (doravante PB), podendo o emprego das variantes ser determinado por fatores lingüísticos, regionais e/ou sociais.

A forma organizacional do presente trabalho é a seguinte:

No **CAPÍTULO I**, apresentamos os fundamentos teóricos abordando a problemática que envolve os estudos lingüísticos relacionados com as ciências que estudam os sons da fala – Fonética e Fonologia – orientados por uma perspectiva sócio-dialetal.

Para esta finalidade, este primeiro capítulo foi dividido em quatro seções. Na primeira seção – Aspectos dialetais da linguagem – tratamos de noções imprescindíveis para uma melhor compreensão do que é importante ressaltar numa pesquisa dialetal. Apresentamos, resumidamente, uma visão panorâmica, dos estudos dialetais. Na segunda seção – Aspectos sociais da linguagem – comentamos, inicialmente, as transformações que ocorrem nas línguas para, a seguir, tentarmos delinear a Sociolinguística com seu objeto e método de estudo, além de seus conceitos fundamentais. Na terceira seção – Aspectos fonético-fonológicos da linguagem – tratamos, de forma sucinta, dos conceitos básicos da Fonética e da Fonologia, das teorias fonológicas, mais especificamente, do que há em termos teórico-metodológicos e de análises feitas sobre os fonemas /r/ e /r/ e de suas variantes no Brasil. Na quarta seção – Aspectos variáveis dos róticos no português – partimos de considerações históricas sobre abordagens dos róticos na língua portuguesa, seu tratamento como objeto de pesquisas dialetais e variacionistas, observando as diferentes realizações dos fonemas /r/ e /r/ no falar fortalezense.

A Metodologia utilizada é descrita no CAPÍTULO II, que foi dividido em cinco seções e quatro subseções. Na primeira seção – Pesquisa Bibliográfica – tecemos comentários a respeito das leituras que nos embasaram. Na segunda seção – Delimitação do *corpus* – apresentamos, de forma detalhada, a constituição do *corpus* desta pesquisa e três subseções: a escolha da localidade, a caracterização dos informantes (sexo, faixa etária e escolaridade) e variáveis controladas – contendo descrição das variáveis sociolinguísticas e linguísticas. A Coleta de Dados vem na terceira seção. Foi realizada seguindo a metodologia proposta pelo Projeto Atlas Lingüístico do Brasil – ALiB. Utilizamos, do referido Projeto, alguns Instrumentos de Pesquisa, com adaptações, dentre eles: as Fichas da Localidade e do Informante, o Questionário Fonético-Fonológico (QFF), o Questionário Semântico-Lexical (QSL), os Temas para Discursos Semidirigidos (TDS), Perguntas Metalingüísticas (PM) e o Texto para Leitura, que constam em anexo. Tal escolha justifica-se, pois, como membro da equipe de pesquisa do ALiB, no Estado do Ceará, pudemos utilizar, em nosso trabalho, os mesmos métodos e técnicas desta pesquisa sócio-dialetal. Na quarta seção – Transcrição do Material – descrevemos como foi feita a transcrição grafemática das fitas gravadas e a transcrição fonética deste material, utilizando para este fim, símbolos do Alfabeto Fonético Internacional – IPA. Finalizando este capítulo, as análises Qualitativa e Quantitativa. Na primeira, detalhamos os passos a serem seguidos para a análise dos dados referentes ao uso

dos fonemas /r/ e /r/ no falar de Fortaleza, determinando se sua variação é puramente lingüística – fonético-fonológica – ou, se é, também, dialetal e/ou sociolingüística. Na segunda, os resultados são quantificados e mostrados em forma de quadros, tabelas e gráficos com a frequência e percentuais de uso.

No CAPÍTULO III, apresentamos as análises dos dados do *corpus*. No levantamento dos dados para a análise das realizações dos fonemas /r/ e /r/, foram considerados oito fatores, sendo três sociais e cinco estruturais que, posteriormente, foram distribuídos em quatro contextos para a análise das variantes da vibrante.

Resultados das análises são apresentados em forma de conclusão.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Aspectos Dialectais da Linguagem

A língua apresenta suas particularidades regionais, sociais, estilísticas além das diferenças individuais, mostrando, assim, toda a sua complexidade variacional. A língua homogênea é vista como um conjunto de variações, o que a tornaria heterogênea. Aparentemente, pareceria uma contradição, contudo, temos aqui um princípio básico dos estudos desses sistemas lingüísticos, que é o da variedade na uniformidade, isto é, a língua é um todo homogêneo formado por uma série de variedades.

Segundo Aragão (2000, p.5) “[...] a língua é um todo homogêneo, composto de partes heterogêneas que, reunidas, constituem a estrutura desse todo. O princípio da variedade na unidade é uma realidade que não se pode desconhecer”. É nos termos de Jakobson (1967, p.185), “[...] o princípio das invariantes nas variações”. E, segundo Câmara Jr. (1977, p.7), “[...] é a questão da invariabilidade profunda em meio de variabilidades superficiais”. São diferenças de acento, de vocabulário e, mesmo, morfossintáticas que não são individuais e nem de todos os falantes da língua, mas que se constituem suas variedades diatópicas (que se referem aos grupos regionais de uso da língua), diastráticas (que dizem respeito às variantes de uso de grupos sociais) e diafásicas (que concernem às variantes de uso em situações formais ou informais), já que a língua é viva está variando e, conseqüentemente, transformando-se à medida que está sendo utilizada.

Partindo dessas considerações, podemos penetrar no ramo da Lingüística que se preocupa com o estudo das diferenças dialetais ou regionais de uma língua – a Dialectologia. As diferenças dialetais marcadas geograficamente são estudadas pela Dialectologia e pela Geografia Lingüística, método da Dialectologia que se refere “[...] à representação de dialetos, em mapas, que constituem os Atlas lingüísticos”. (RECTOR, 1975, p.24).

Para Câmara Jr. (1978, p.94), “Dialectologia é o estudo do arrolamento, sistematização e interpretação dos traços lingüísticos dos dialetos”. No entanto, para Dubois (1978, p.185), trata-se de uma “[...] disciplina que assumiu a tarefa de descrever

comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço, e de estabelecer-lhe os limites”.

Chambers e Trudgill (1980, p.3) definem Dialectologia como “[...] o estudo do dialeto e dos dialetos”. Para esses autores, todos os falantes utilizam pelo menos um dialeto e ao mesmo tempo os dialetos podem ser vistos como subdivisões de uma língua particular. Este posicionamento cria um problema crucial, ou seja, como distinguir uma língua de um dialeto, ou melhor, como decidir o que é uma língua.

Segundo Trudgill (1981, p.54), tradicionalmente: “[...] a dialectologia consistia do estudo de formas lingüísticas que variam geograficamente em áreas predominantemente rurais”. Não resta dúvida que é um trabalho de valor, levando-se em conta os dados lingüísticos registrados que, de outra forma, estariam perdidos. Com base nos conceitos expendidos podemos dizer que a Dialectologia é uma ciência que se edifica sobre uma específica e árdua metodologia de trabalho que vai desde o arrolamento, sistematização, interpretação e análise de variantes regionais ou sociais de uma língua ou de um grupo lingüístico definido.

Embora alguns pesquisadores ainda vejam a Dialectologia, unicamente, na pesquisa diatópica (horizontal), a grande maioria busca experimentar novos métodos, novos meios técnicos e acrescentar à Dialectologia novos parâmetros, ampliando, assim, a sua dimensão monodimensional para uma Dialectologia bidimensional. Altenhofen (1999, p.5) menciona o dialetólogo e germanista, Gunter Bellmann que, com seu artigo “A realidade e Socialidade” (*Arealität und Sozialität*), exemplifica as tendências atuais que conduziram à evolução da dialectologia tradicional, essencialmente diatópica (geolingüística), para uma dialectologia bidimensional que incorpora a verticalidade, tipicamente estudada pela sociolingüística. Socialidade “[...] é a dimensão sociolingüística ou ‘vertical’, a qual imaginamos como um plano perpendicular posicionado sobre a dimensão da realidade”. (Id.Ibid.p.8).

Desta forma, os estudos dialetais, sem deixar de lado o parâmetro diatópico (regional, espacial), abrem espaço para a inclusão de outros parâmetros, tais como: o diastrático (estudo das classes sociais), o diagenérico ou biológico (ligado à variável sexo), o diafásico (variação estilística), o diageracional (que reproduz a convivência das gerações),

além do diatópico-topoestático (que aborda os grupos de falantes fixos à localidade), do diatópico-topodinâmico (que aborda os grupos de falantes móveis), do saber metalingüístico (para designar a variação resultante das diferentes relações entre a “postura com respeito à língua” e a “conduta lingüística”) e do contato lingüístico, um campo novo para documentar não só a existência de línguas, mas a mútua influência que exercem umas sobre as outras, e para a descrição das minorias. (RADTKE & THUN, 1999, p.41).

Inúmeras são as contribuições dessa nova dimensão, nos estudos dialetais, especialmente, nos que se desenvolvem sob a metodologia geolingüística. Citamos, por exemplo, o Atlas lingüístico (y etnográfico) de Castilha – La Mancha – ALECMam, por P. Garcia Mouton & F. Moreno Fernández, em que a ampliação da dimensão diatópica para a diastrática se limitou desde o início aos pontos urbanos, inclusive prevê a subdivisão dos pontos urbanos em “barrios”. No Atlas lingüístico da Renânia Central – MRhSA, G. Bellmann e seus colaboradores combinam os parâmetros diastrático e diageracional, enquanto o Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay – ADDU – os mantém separados. (Id. Ibid.p.36). O Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB) trabalha conjuntamente os três parâmetros: o diassexual, o diageracional e o grau de escolaridade.

Para Radtke & Thun (1999, p.35), ficou claro, durante o Simpósio sobre *Novos caminhos da geolingüística românica*, realizado em Heidelberg e Mainz, em outubro de 1991, que a geolingüística moderna caminha para tornar-se uma verdadeira ciência da variação. E, chegam a afirmar que “Essa ciência deveria, na realidade, alterar seu nome e não mais denominar-se “geografia lingüística” ou “geolingüística”, mas sim chamar-se “ciência da variação ou algo equivalente”.

Como vimos, a Dialectologia e a Geolingüística vêm se transformando e ampliando o seu escopo *pari passu* com as transformações que ocorrem não só na linguagem, mas na sociedade como um todo. No Brasil do século XIX, a perspectiva era outra, uma Dialectologia voltada para o estudo da língua de uma população, na grande maioria, sem escolaridade, predominantemente, da zona rural.

A visão atual é bem diferente. Falamos do século XXI, em plena era eletrônica, em que o português passa por um processo de explosão e internacionalização do vocabulário. Sob influência do crescente poder dos meios de comunicação de massa, um informante, que

mora no Ceará, percebe rapidamente, através da imprensa (rádio, jornal, televisão), que em outras localidades desse nosso imenso país, se fala diferente, principalmente, no que diz respeito à pronúncia, e que há diferentes maneiras para se dizer a mesma coisa, embora a língua nacional seja a mesma. Percebe, também, que estas formas alternativas são aceitas pela sociedade de modo diferenciado, algumas gozam de prestígio enquanto outras são estigmatizadas. Só agora, começamos a perceber a necessidade urgente de preservar e valorizar nossos traços lingüísticos e socioculturais que, embora relegados a um segundo plano, guardam a nossa história, isto é, os nossos costumes, nossos sentimentos, as pessoas e, principalmente, a nossa identidade nacional através da linguagem. “Porque a palavra guarda o tempo, diz muito de uma época”. (MIRANDA, 2005).

Dialetologia e Sociolingüística ficaram, assim, tão próximas que até se torna difícil distinguir uma da outra. Na prática, observamos que os conteúdos da Dialetologia moderna se confundem com os da Sociolingüística e que há uma separação, muito mais de objetivos do que de cunho metodológico.

Ao estabelecermos discussões sobre Dialetologia e Sociolingüística surge, sempre, a questão que diz respeito ao campo de abrangência de ambas as disciplinas. Essa é uma questão que tem causado problemas. De um lado, os defensores da Dialetologia argumentam que esta, ao estudar variações diatópicas, obviamente, teria que estudar o grupo social que fala aquela variação (diastrática), e do outro, os sociolingüistas destacam o social como a base de todos os estudos sobre variação lingüística.

Se a Dialetologia tem seus interesses voltados para os dialetos regionais, rural e urbano (eixo horizontal), nada impede o seu tratamento extensivo a problemas sociais (eixo vertical). Segundo Ferreira (1994, p.17), “Daí depreende-se que à dialetologia interessa não apenas a variedade rural, mas também a urbana, podendo-se falar em uma dialetologia rural e em uma dialetologia urbana”. Neste caso, caberia à Dialetologia urbana tratar mais dos aspectos sociais da linguagem, inclusive do registro culto, e à Dialetologia rural, trabalhar mais com os aspectos puramente regionais e locais, sem excluir, também, o registro popular da linguagem.

Para a compreensão do que é Dialetologia, conceitos como os de língua, dialeto e falar são fundamentais. Contudo, há autores que, algumas vezes, não estabelecem distinção

entre dialeto e falar, utilizando-os indiferentemente. Pela imprecisão nas definições, outro problema crucial para a Dialectologia é estabelecer a distinção entre língua e dialeto. Há autores que não reconhecem essa diferença, assim como há os que a admitem como uma questão de prestígio. Conforme Coseriu (1982, p.11), a diferença entre língua e dialeto é uma questão de *status* histórico:

Um dialeto, sem deixar de ser intrinsecamente uma língua, se considera subordinado a outra língua, de ordem superior. Ou, dizendo-se de outra maneira: o termo dialeto, enquanto oposto a língua, designa uma língua menor incluída em uma língua maior, que é, justamente, uma língua histórica (ou idioma).

Notamos uma tendência a empregar-se o termo dialeto em sentido mais amplo, ou seja, como qualquer variedade lingüística, quer de cunho social ou de natureza geográfica, que constitua um sistema singular. Em outras palavras, podemos denominar dialeto tanto a variedade falada numa região do país, como as variedades usadas pelos segmentos que constituem a população que ali vive.

Traçar o limite do termo dialeto não é uma tarefa tão simples quanto possa parecer. Dizemos que é dialeto quando há uma diferença na parte rígida da língua, ou seja, na sua estrutura interna, especialmente na morfossintaxe, afetando pelo menos dois dos três componentes da língua. E, falar, quando as modificações afetam, apenas, a parte que está em constante atualização, ou seja, a parte superficial da língua, o léxico e a fonética. Do exposto, deduzimos com Aragão (1983, p.17), “Cada língua é constituída de subsistemas que apresentam pontos de intersecção e de disjunção. Esses subsistemas ou variedades lingüísticas podem ser chamados de dialetos”.

Lembramos que os primeiros estudos dialetais correspondiam às diferenças regionais de uma língua. Com o tempo, passou a ser aplicado a outras modalidades e, hoje, o termo dialeto face ao termo língua, guarda algumas conotações negativas. Por isso há quem prefira utilizar a expressão “variedades lingüísticas”. Borba (1998, p.55), por exemplo, prefere “Registro para a variação social num mesmo local e *dialeto* para a diversificação ligada principalmente aos fatores geográficos”. Preti (2003, p.24) dá o nome genérico de variedades aos dialetos, sejam eles geográficos (diatópicos) ou sociais (diastráticos).

A respeito do nosso idioma, tanto no Brasil como em Portugal há essa polêmica. No século XIX, predominava a questão de uma possível língua brasileira e, no princípio do

século XX, falava-se muito num dialeto brasileiro. Formaram-se duas correntes, de um lado, filólogos portugueses, como Leite de Vasconcelos, Teófilo Braga, Adolfo Coelho e Gonçalves Viana admitiam a existência do dialeto brasileiro e até de subdialetos brasileiros. Filólogos brasileiros, como Mendonça, Martinz de Aguiar, Marroquim entre outros, também, comungam com a mesma idéia. Marroquim inicia o seu livro, *A língua do Nordeste*, dizendo que “Não está ainda feito o estudo do dialeto brasileiro”, contra outros como João Ribeiro, Nascentes, Melo que não admitiam essa dialetação, mas que não contestavam a existência da variação entre a língua do Brasil e a de Portugal, diferença essa notável na pronúncia, na construção da frase e, principalmente, no vocabulário. Melo (1971, p.109) diz que “A rigor não possuímos dialetos no Brasil, mas aqui se verificam tendências dialetais”. Posta a questão, resta aos nossos estudiosos pesquisarem, e ainda há dúvidas se a língua do Brasil e a de Portugal são duas línguas ou dois aspectos da mesma língua, sendo esta última opinião a mais aceita nos últimos tempos.

Segundo Aguiar (1996, p.47), o estudo destas alterações, principalmente, no domínio da fonética “[...] deve ser cuidadosamente realizado pelos filólogos de cada área lingüística, a fim de que se possa obter a *média* da pronúncia portuguesa no Brasil, a qual irá servir de padrão, e de ponto de referência aos trabalhos posteriores [...]”. E, mais adiante, comenta alguns trabalhos já publicados acerca do assunto, nos quais observou “[...] um certo número de manifestações fonéticas mais ou menos idênticas em todo o vasto território do Brasil, as quais constituirão decerto o cabedal comum, da futura *língua brasileira*”.

Girão, ao tratar da emancipação lingüística do Brasil em relação a Portugal, diz que essa luta vem de longe, ou melhor, que surgiu com as idéias nacionalistas do Romantismo e que se tornou mais acirrada depois de 1920, com o início da fase dialetológica. E, vai mais longe, quando diz que o motivo da contenda pelo exclusivismo tem raízes psicológicas: “Aquele complexo antiluso de brasileiros [...] e o complexo antibrasileiro dos lusitanos”. (2000, p.42). Após comentar sobre posicionamentos de estudiosos, como: Clóvis Monteiro, Gladstone Chaves de Melo, Serafim da Silva Neto, João Ribeiro, Mário Marroquim, sugere como forma de neutralizar “esse ódio” a adoção de um nome que expresse a unidade do idioma usado por brasileiros e portugueses no caso – a *Língua Brasilusa*, que engloba a língua portuguesa e a brasileira ou *brasiliense*.

Bagno, ao contrário, diz que não é preciso adotar um outro nome para a nossa língua, mas não concorda que denominemos somente de “português” a língua falada em nosso país. Diz que isso implicaria em esquecimento sério e perigoso de que esta língua é parte integrante de nossa identidade nacional, construída a duras penas. Por outro lado, também não acha justo dizer que a nossa língua é simplesmente o “brasileiro”. Que isto implicaria em outro esquecimento: o nosso passado colonial, ou melhor, a nossa história. E complementa: “Quinhentos anos atrás, ela podia ser chamada simplesmente de *português*. Hoje, ela pode e deve ser chamada de *português brasileiro*. Daqui a mais quinhentos anos, ela sem dúvida só poderá ser chamada de *brasileiro*”. (2002, p.177).

Concordamos com Marroquim (1934, p.6), que se adianta aos impulsos separatistas entre o português brasileiro (PB) e o português europeu (PE), quando diz que “O português do século XVI é o ponto de partida de uma evolução divergente”, cujo início é atribuído aos descobrimentos marítimos dos séculos XVI e XVII, em que os portugueses estenderam sua língua a várias localidades, dentre elas, a África e a América.

Transplantado para terras brasileiras, o português não conseguiu vantagem imediata sobre a língua geral dos índios, o Tupi. Ainda na primeira metade do século XVI foram introduzidos, aqui, os negros provenientes da África. E, não obstante, ordens régias para que se ensinasse o português aos índios do século XVIII, a língua indígena teria mantido a primazia. Tanto o Tupi quanto a língua dos escravos negros deixaram suas marcas no português do Brasil, através de inúmeros termos relativos à geografia, flora, fauna e, também, aos usos e costumes. Supõe-se que a influência africana tenha sido mais profunda que a do Tupi, embora menos extensa. Acredita-se que as línguas de origem africana tenham atingido mais intensamente a fonética e a morfologia, enquanto o índio enriqueceu o nosso vocabulário.

Contribuindo com a evolução vieram outras línguas. A entrada de estrangeiros (holandeses, franceses e ingleses), em nossa terra, foi crescendo cada vez mais e, conseqüentemente, novas palavras foram acrescentadas ao nosso léxico. Tais influências geraram o falar brasileiro atual. O que é de admirar em tudo isto, quer dizer, nessa miscigenação, é que nossa língua apresenta uma relativa unidade, maior até do que a do PE, em se tratando de um país-continente como o nosso. É de admirar, também, que o surgimento

de variações fonéticas tenha enriquecido o nosso falar local sem fragmentá-lo. Aguiar (1996, p.47) comenta que:

[...] a língua portuguesa ao passar a ser falada por uma raça de mestiços, em que predominava o branco, mas são elementos ponderáveis o negro e o aborígene [sic], tinha, fatalmente, de sofrer alterações apreciáveis, especialmente, no domínio da fonética, que, a par do vocabulário, constitui a feição mais forte da nossa dialeção.

Citamos, dentre outros fatores que, também, contribuíram para a formação da nossa língua, o “sistema” educacional da época, o afastamento da Metrópole, a nossa independência política e literária, o modo diferente de povoamento das regiões. Nascentes (1953, p.18) diz que o modo de povoamento das diversas regiões do nosso país, muito contribuiu para quebrar a unidade do PB e explica como foi feito o povoamento do Brasil. “A princípio, a civilização vinda da Europa fixou-se no litoral formando focos que se propagaram por diversas regiões do país”. Dentre eles, os mais importantes pela sua abrangência territorial foram: Pernambuco e São Paulo, seguindo-se da Bahia, de São Luís, do Amazonas e do Rio de Janeiro. De Pernambuco a língua portuguesa foi levada para Paraíba, Rio Grande do Norte, Alagoas e Ceará e, daqui, para o Acre. De São Paulo foi levada para Minas Gerais, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. E, tomando por base dois aspectos de nossa realidade lingüística: a realização aberta das vogais pré-tônicas no Norte e a cadência da fala cantada do nortista e descansada do sulista, Nascentes propõe uma divisão dialetal do Brasil em seis sub-falares que ele reuniu em dois grandes grupos: o do Norte (até a Bahia) e o do Sul (daí para baixo). (Id.Ibid. p. 25).

Referindo-se à formação da língua falada no Brasil, Aguiar (1996, p.48) diz que “[...] a fragmentação dialetal não parece tão grande como era de se esperar da vastidão do território”. E, como Nascentes, propõe uma divisão dialetal:

[...] ao traçar uma linha reta do Acre ao Atlântico, cortando uma a ponta de terra da Bolívia, o norte do Mato Grosso, de Goiás e da Bahia, e separando do resto do País a parte desses estados que fica acima dela, bem como o Acre, o Amazonas, o Pará, o Maranhão, o Piauí, o Ceará, o Rio Grande do Norte, a Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe, localize aí, nessa imensa região, uma só dialeção, a que chamou “*dialeto nortista*”.

A língua do Brasil esclarece Vasconcelos (1901, p.159), “[...] é o português que, transportado para um meio diferente do da sua origem, passou aí por muitas modificações”. Como podemos observar, no princípio do século passado, era comum encontrar pesquisadores

que se baseavam em fatores externos, do tipo, influência do meio geográfico, ou mesmo, em condições climáticas, para tentarem explicar as características lingüísticas de pronúncia. Por exemplo, para João Ribeiro (1933, p.26), “[...] a dialeção do português do Brasil resultou de diversos fatores dentre os quais a vida nova dos europeus na colônia; o clima;...”. Nascentes (1953, p.09) diz que as línguas por diversas causas tendem a alterar-se e que “As principais causas dessas alterações são de ordem etnológicas e de ordem mesológica”. Hoje em dia, embora persista uma tendência neste sentido, os pesquisadores buscam hipóteses apoiadas, também, em fatores internos da língua portuguesa.

Do exposto, concluímos que a tese de língua brasileira não é tão absoluta. As transformações estão aí, e não há como negá-las. As divergências limitam-se mais a particularidades, algumas preferências sintáticas divergentes do PE, mas a sua estrutura interna mantém-se a mesma. E quer queiram quer não, falamos, pois, brasileiros e portugueses, a mesma língua, a língua portuguesa com nossas marcas de brasilidade. Assim, o PB é uma das línguas mais faladas no mundo. Somos 170 milhões de pessoas, enquanto o PE não chega a 10 milhões de falantes nativos.

1.1.1 Visão panorâmica dos estudos dialetológicos e geolingüísticos

Tentaremos, a partir de agora, traçar informações sobre o desenvolvimento da Dialectologia no mundo. Em seguida, enfocaremos a dialetologia brasileira, e nesta, a cearense para que, no final, tenhamos uma visão panorâmica dos estudos dialetológicos atuais.

Por volta de 1870, o estudo das línguas faladas começa a despertar maior interesse e, graças aos italianos Cornu, Mussafia e Ascoli, a Dialectologia, também, começa a se desenvolver. Em 1881, a Dialectologia passou a fazer parte do currículo da *École Pratique des Hautes Études*, de Paris (França), despertando o interesse pela evolução histórica das formas lingüísticas. Gaston Paris (1888), em *Os falares da França*, chamava a atenção para a necessidade de se estudarem os *patois* franceses, em via de descaracterização pelo processo de nivelamento cultural. Chamava a atenção, também, para que as pesquisas obedecessem a uma metodologia bem definida, contribuindo, assim, para o desenvolvimento dos estudos dialetológicos.

Mas, o grande avanço da Dialectologia ocorreu nos princípios do século XX, pelo suíço-francês Jules Gilliéron, que, desde cedo, se dedicou às pesquisas dialetológicas. Verificou que, para o desenvolvimento desses estudos, era necessária, além da obtenção do material dos falares populares, a criação de um método de pesquisa, homogêneo, em todo o território. Em sua opinião, por uma questão metodológica, a recolha do material não poderia ser efetuada por um filólogo, mas por um leigo, tendo em vista evitar a manipulação dos resultados. Assim, escolheu Edmond Edmont, não especialista, mas dedicado aos estudos da linguagem. O resultado desta pesquisa foi a publicação do Atlas Lingüístico da França (ALF), em 35 fascículos, de 1902 a 1910. Gilliéron é considerado, hoje, o fundador da Geografia Lingüística como método de investigação científica.

O Atlas de Gilliéron serviu de modelo aos demais Atlas do domínio lingüístico românico, em particular, para o *Sprachatlas Italiens und der Südschweiz* (Atlas Lingüístico da Itália e do sul da Suíça – AIS – publicado de 1928-1940), de Karl Jaberg e Jacob Jud, seus discípulos que, desta vez, contrariando o mestre, com um inquiridor especialista, realizaram o maior empreendimento cartográfico que se conhece até hoje; e ao Atlasul linguistic român (Atlas lingüístico romeno).

1.1.1.1 Estudos dialetais e geolingüísticos no Brasil

A pesquisa sobre a heterogeneidade lingüística não é recente em nosso país. A situação da política brasileira e o romantismo, no século XIX estimulavam o sentimento nacionalista, facilitando a observação das “formas brasileiras” em contraponto com as “formas portuguesas”, fazendo surgir, assim, os primeiros registros de variantes no âmbito do léxico. Era o início da Dialectologia no Brasil.

Segundo Ferreira; Cardoso (1994, p.37), os estudos dialetológicos, no Brasil, tiveram início no princípio do século XIX, desde que consideremos como primeira manifestação dialetal um estudo que Domingos Borges de Barros, Visconde de Pedra Branca, a pedido do geógrafo Adrien Balbi, escreveu, em 1826, no qual estabelece comparação entre o PB e o PE. Este trabalho constitui-se de dois conjuntos de palavras agrupadas em “Noms qui ont changé de signification” – 8 palavras – e “Noms en usage au Brésil et inconnues en Portugal” – 50 formas. (CARDOSO, 2003, p.185). Neste capítulo introdutório do livro *Introduction à l'Atlas ethnographique du globe*, falou sobre o novo mundo e referiu-se a nossa

língua dizendo “[...] refletir, ela, a doçura do clima e dos habitantes e ter sido enriquecida por palavras e expressões novas, tomadas de empréstimo às línguas indígenas e inexistentes no português continental”. (FERREIRA, 1994, p.37).

A situação dos estudos dialetais em nosso país, apesar de todo o progresso apresentado, se comparada com os grandes centros culturais da Europa e dos Estados Unidos, ainda está muito aquém do desejado. Não temos ainda uma tradição de estudos dialetológicos. Aragão (1983, p.19), referindo-se aos estudos dialetais realizados em nosso país, diz que “[...] são poucos e em grande parte levados a efeito sem um objetivo específico bem definido e metodologia adequada”. Observa ainda que os primeiros trabalhos dialetais davam ênfase ao aspecto diacrônico, onde os fatos eram analisados com superficialidade, registrando-se apenas as alterações fonéticas e semânticas, portanto muito limitados, quando o ideal seria uma análise sincrônica, posto que a língua muda numa sucessão de fatos em virtude de sua dinamicidade.

O livro *O dialeto caipira* (1920) de Amadeu Amaral é um marco dos estudos dialetológicos no Brasil, seguido pelo *O linguajar carioca* (1922), de Antenor Nascentes, *Repassé crítico da Gramática portuguesa* (1922), de Martinz de Aguiar, *A língua do Nordeste* (1934), de Mário Marroquim. Mencionamos, entre outros de igual importância, Câmara Jr. (1953), Luís da Câmara Cascudo (1939), Leon Clerot (1959), Silvio Edmundo Elia (1961), Nelson Rossi (1963), Serafim da Silva Neto (1963), Celso Cunha (1968), Tomé Cabral (1982).

No desenvolvimento dos estudos dialetais do Brasil, podem ser observadas diferentes fases que podem ser classificadas segundo a predominância de produção de cada época. Não há, assim, uma data limítrofe, fixa, para cada fase e, tampouco, uma classificação única, uma vez que não são fases estanques, mas propostas que se complementam à medida que avançam as pesquisas nesta área.

A primeira proposta de ordenação dos estudos dialetais em nosso país é de autoria de Antenor Nascentes (1953), na qual o autor sugere duas fases: a primeira, inicia-se com a publicação do estudo feito pelo Visconde de Pedra Branca, em 1826, e vai até 1920. Esta fase caracteriza-se, principalmente, por obras de cunho lexicográfico. É o momento dos dicionários, dos glossários regionais e dos vocabulários; a segunda, tem como marco inicial, a

publicação de *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral, em 1920, e estende-se até 1952, ano da publicação dos artigos com base nos quais formula sua proposta para divisão dos estudos dialetais no Brasil. Caracteriza-se por trabalhos voltados para os estudos gramaticais, embora os lexicográficos continuem numerosos. Amaral é o destaque desta fase, e sem contar com as técnicas atuais de pesquisa, procurou adotar uma metodologia de abordagem voltada para a nossa realidade lingüística. Nessa mesma linha, outros trabalhos precisam ser lembrados como precursores dos estudos dialetais numa dimensão diatópica sem, contudo esquecerem a diastrática. São eles: *O linguajar carioca*, de Antenor Nascentes (1922), *Repasse crítico da gramática portuguesa*, de Martinz de Aguiar (1922) e *A língua do Nordeste*, de Mário Marroquim (1934). Aguiar, por exemplo, naquela época, já registrava a pronúncia de cada um dos informantes em função de sua procedência, o nível de escolaridade e a posição social. E, no estudo da Prosódia, assinalava a importância da influência exercida por fatores psicológicos que levavam as pessoas a imitar a pronúncia dos centros mais adiantados, problema abordado, hoje, pela Sociolingüística com o estudo do preconceito lingüístico.

A segunda proposta, de Cardoso e Ferreira (CARDOSO, 2003, p.186), aponta para três diferentes tendências ou fases. As duas primeiras coincidem com as, da proposta de Nascentes, apresentando, apenas, uma pequena diferença que diz respeito à subdivisão da segunda fase em quatro grupos, consoante características comuns: ao primeiro grupo, pertencem os léxicos e glossários regionais; ao segundo, as obras de caráter geral, tipo: *O português do Brasil*, de Renato Mendonça (1936), *A língua do Brasil*, de Gladstone Chaves de Melo (1971) dentre outras; ao terceiro grupo, pertencem os estudos específicos de uma região geográfica; e o quarto grupo constitui-se de estudos específicos de contribuição africana. Mas, a grande novidade está na terceira fase que apresenta como marca identificadora, o início da Geolingüística no Brasil. Não ficam de fora, desta fase, os estudos de natureza teórica, a produção de léxicos regionais, glossários, além de teses de doutorado, dissertações de mestrado e monografias.

A terceira e última proposta de autoria de Mota e Cardoso (CARDOSO, 2003, p.188), é igual à segunda, isto é, possui três fases. A diferença, entre esta e aquela, reside no fato de que as autoras, ao revisarem a divisão da história dos estudos dialetais no Brasil, decidiram acrescentar, a esta proposta, uma quarta fase que inclui, além da construção do Atlas Lingüístico do Brasil (Projeto ALiB), as inovações dos estudos dialetais brasileiros, bem como os avanços da Geolingüística em direção a outros Atlas que não, apenas, o geral.

O Atlas Lingüístico do Brasil toma forma de lei através do Decreto 30.643/20.mar.1952. Como projeto conjunto seria o ideal, mas a dimensão territorial dificultou todo o trabalho. Dialectólogos decidiram, então, pela realização de Atlas regionais, para depois reuni-los no Atlas geral. Pela ordem de publicação estão concluídos: Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB (1963) – de Nelson Rossi, Carlota Ferreira e Dinah Maria Isensée; Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais – EALMG (1977), realizado por José Ribeiro, Mário Roberto Lobuglio Zágari, José Passini e Antônio Pereira Gaió; Atlas Lingüístico da Paraíba – ALPB (1984), de autoria de Maria do Socorro Silva de Aragão e Cleuza Palmeira Bezerra de Menezes; Atlas Lingüístico de Sergipe – ALS (1987), de autoria de Carlota Ferreira, Jacyra Mota, Judith Freitas, Nadja Andrade, Nelson Rossi, Suzana Cardoso e Vera Rolemberg; Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR (1994), de Vanderci de Andrade Aguilera; Atlas Lingüístico de Sergipe II (2005), de Suzana Alice Marcelino Cardoso; Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul – ALERS (2002), de autoria de Walter Koch, Mário Klassmann e Cléo Altenhofen e o Atlas Lingüístico Geo-Sociolingüístico do Pará – ALISPA (2004), de Abdelhak Razky.

Dentre os Atlas concluídos, há alguns que não estão publicados. Estão neste caso: o Atlas Lingüístico do Amazonas (2004), Tese de Doutorado de Maria Luíza de Carvalho Cruz e o Atlas Lingüístico do Estado do Ceará – ALECE, coordenado por José Rogério Bessa. Outros estão em curso como: o Projeto do Atlas Lingüístico do Estado de São Paulo – ALESP, o Projeto do Atlas Etnolingüístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro – APERJ, o Atlas Lingüístico do Rio de Janeiro, o Atlas Etnolingüístico do Acre, o Projeto do Atlas Lingüístico do Estado do Maranhão – ALIMA, o Projeto do Atlas Lingüístico do Rio Grande do Norte – ALIRN, o Atlas Lingüístico do Mato Grosso – ALiMAT, o Projeto do Atlas Lingüístico do Estado do Mato Grosso do Sul – ALMS, o Atlas Lingüístico do Espírito Santo – ALES, o Atlas Lingüístico do Piauí – ALIPI. Como ápice de todo este trabalho regional e estadual temos o Projeto Atlas Lingüístico do Brasil – ALiB, em pleno desenvolvimento.

O Projeto ALiB é de caráter nacional e de natureza interinstitucional pela abrangência, congregando instituições universitárias de diversas áreas do país. Trata-se de um projeto bastante arrojado, que ganhou forma em fins de 1996, por ocasião do Seminário *Caminhos e perspectivas para a Geolingüística no Brasil*, realizado em Salvador (UFBA), no período de 04 a 08 de novembro. Tem como um dos objetivos: descrever a realidade

lingüística do Brasil, no que tange à Língua Portuguesa, com enfoque na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas, léxico-semânticas e prosódicas). Quanto à rede de pontos, foram selecionadas 250 localidades, distribuídas em todo o território nacional, levando-se em consideração a extensão de cada região, aspectos demográficos, culturais históricos e a natureza do processo de povoamento da área. O ALiB está sob a direção de um Comitê Nacional constituído por Suzana Alice Marcelino Cardoso – UFBA (como Diretor Presidente), Jacyra Mota – UFBA (Diretora Executiva), e pelos Diretores Científicos: Maria do Socorro Silva de Aragão (UFC), Vanderci de Andrade Aguilera (UEL), Mário Roberto Lobuglio Zágari (UFJF), Walter Koch e Cléo Altenhofen (UFRGS), Abdelhak Razky (ALSEPA) e Aparecida Negri Isquerdo (UFMS).

No campo da Dialetoлогия e da Geolingüística, o Nordeste brasileiro merece destaque, pois, de nove Atlas publicados, quatro são nordestinos: Bahia, Paraíba, Sergipe e Sergipe II. Dentre os Atlas concluídos, está o, do Ceará. Dentre os Atlas em elaboração, três, são do Nordeste: Rio Grande do Norte, Piauí e Maranhão.

1.1.1.2 Estudos dialetais e geolingüísticos no Ceará

Não resta dúvida que, no Brasil, houve um grande impulso nas pesquisas, principalmente, no âmbito da Universidade, com o surgimento de novos cursos de Pós-Graduação. Mas, dado o gigantesco acervo cultural de que o povo brasileiro é possuidor, temos que admitir que tais estudos, ainda, não satisfazem totalmente.

Em nosso Estado, por exemplo, há uma quantidade bastante significativa de trabalhos que podem contribuir para estudo e descrição do falar cearense, necessitando alguns, apenas, de um tratamento especializado, e a grande maioria, de divulgação. Entre os de maior destaque, encontra-se o Atlas Lingüístico do Estado do Ceará – ALECE, já concluído e à espera de publicação. Entre os dialetólogos, Martinz de Aguiar, como pioneiro, cujo trabalho publicado em 1922, sem contar com a tecnologia de que dispomos, atualmente, nos impressiona pelos resultados apresentados; a seguir, vem Florival Seraine, com uma vasta publicação tanto no campo do folclore como no, da linguagem; mencionamos, também, Leonardo Mota, Antônio Sales, Tomé Cabral, José Rebouças Macambira, Raimundo Girão, dentre outros.

Monteiro (1988, p.88) fez um levantamento das pesquisas dialetais realizadas no Ceará, classificando-as em seis categorias: a) pesquisas sobre o português do Brasil; b) estudos sobre o folclore cearense; c) obras de caráter regionalista; d) textos de cantadores e poetas populares; e) ensaios e estudos sobre o falar cearense; f) dicionários de termos populares.

A primeira categoria, por ser bastante abrangente, é composta por autores que, embora, não sejam cearenses, como Renato Mendonça (com *O Português do Brasil*), Amadeu Amaral (com *O Dialeto Caipira*), Mário Marroquim (com *A Língua do Nordeste*), em seus estudos sobre brasileirismos, registram expressões populares comuns a diversas regiões do país, inclusive do Ceará. Quanto ao folclore cearense, há um número significativo de livros e artigos. Dentre eles: *Lendas e canções populares*, de Juvenal Galeno, *Cirandas Infantis*, de Martinz de Aguiar, *Cantigas de Fortaleza e arredores*, de Manoel Albano, *Reisado no interior cearense*, de Florival Seraine. São numerosas, também, as obras sobre regionalismo, como: *Dona Guidinha do Poço* (de Manuel de Oliveira Paiva), *Terra de Sol* (de Gustavo Barroso), *A Normalista* (de Adolfo Caminha), *A fome e Maria Rita* (de Rodolfo Teófilo), *Luzia-Homem* (de Domingos Olímpio), *O Quinze* (de Rachel de Queiroz), entre outras. Muitas dessas obras referenciadas traziam glossários nas primeiras edições, não ocorrendo o mesmo nas edições subseqüentes, o que constitui uma lacuna irrecuperável para as pesquisas dialetais no Ceará.

Na literatura popular, destacam-se: *Cantadores, Violeiros do Norte* (de Leonardo Mota), *Cantador, musa e viola* (de Eduardo Campos). Como ensaios e estudos, o trabalho de Martinz de Aguiar, *Fonética do português do Ceará*, parte do livro *Repasse crítico da gramática portuguesa* (1922), desperta grande interesse entre os pesquisadores nos dias atuais. Antônio Sales, com *Notas de Linguagem* (1924) e *O falar cearense* (1927).

Quanto aos vocabulários e dicionários populares, os mais conhecidos são: *Vocabulário popular cearense*, de Raimundo Girão (1967; 2000); *Dicionário de termos populares*, de Florival Seraine (1959/60); *Novo dicionário de termos e expressões populares*, de Tomé Cabral (1972). O dicionário de Tomé Cabral é o mais volumoso, contendo cerca de 15000 verbetes coligidos por ele mesmo. Fora estes, há o dicionário específico, *Nomes e expressões vulgares da medicina no Ceará*, de Eurípedes Chaves Júnior (1985). Seraine, porém, foi quem mais se destacou nas pesquisas diatópicas e diastráticas, chegando, mesmo, a

publicar o artigo *Introdução ao Atlas Lingüístico e Folclórico do Cariri*, em que explorou, também, o critério etário (diageracional).

1.2 Aspectos Sociais da Linguagem

A segunda âncora teórica de nosso trabalho é a Sociolingüística Variacionista. Ao lado da Dialetoлогия desenvolveram-se os estudos da Sociolingüística priorizando a relação entre Língua e Sociedade e trazendo elementos bastante significativos para reflexão e caracterização de nossa realidade lingüística. Esta relação é algo indiscutível, uma vez que se confunde com a própria história da humanidade, ou seja, o homem vivendo em grupos e tendo como instrumento de comunicação, a língua falada.

Além, da sua função básica que é comunicar, a língua, costuma ser interpretada, também, como produto e expressão da cultura da qual faz parte. A relação entre língua, cultura e sociedade funciona como determinante do objeto material de estudo da Lingüística – a descrição das línguas. Trata-se, portanto, de uma relação mais profunda do que se possa imaginar. A língua como sistema acompanha de perto a evolução da sociedade e reflete padrões de comportamento, que variam em função do tempo e do espaço.

O lingüista norte-americano, William Labov (1972, p.185-202), um dos iniciadores dos estudos das relações entre a linguagem e o contexto social, considera a heterogeneidade lingüística como “[...] uma propriedade inerente ao próprio sistema lingüístico, entendendo por sistema lingüístico aquele manifesto no uso real de falantes reais em processo de comunicação”.

Outro conceito importante para a Sociolingüística é o de condicionamento da diversidade lingüística. O condicionamento diz respeito aos fatores socialmente definidos com os quais se supõe que a diversidade lingüística esteja relacionada. Talvez o aspecto mais relevante do condicionamento social das línguas se relacione aos fenômenos de variação e de mudança lingüística, que constituem o interesse de Labov. Para ele, a forma de comportamento lingüístico muda, rapidamente, quando muda a posição social do falante.

Cada caso pode apresentar um número diferente de fatores. Bright (1966, p.34) identifica um conjunto de três fatores com os quais, na maioria das vezes, se supõe que a diversidade lingüística esteja relacionada:

- a) a identidade social do emissor ou falante, relevante no estudo de casos dos dialetos de classe, em que as diferenças estão relacionadas com as camadas sociais, entre castas ou entre as falas de homens e mulheres;
- b) a identidade social do receptor ou ouvinte é relevante no caso dos vocabulários especiais relacionados com os superiores ou com as crianças; baby talk (fala utilizada por adultos para se dirigirem aos bebês);
- c) a terceira dimensão condicionadora é a do contexto social, além da identidade do emissor e receptor, contém todos os elementos extralingüísticos envolvidos na comunicação. Os estilos formal e informal, por exemplo.

Ressaltamos que, segundo o autor supracitado, as três dimensões arroladas não são mutuamente exclusivas, mas se interseccionam para condicionar um tipo de comportamento lingüístico.

Labov, em sua proposta de tese, analisou um fenômeno de mudança fonética a partir dos dados da fala dos habitantes da ilha de Martha's Vineyard – Massachussets, Estados Unidos. E desenvolveu, a partir daí, uma série de estudos e análises empíricas, dentre eles, o estudo das variedades do inglês não-padrão falado por grupos étnicos diferentes na cidade de Nova Iorque. Mostrou, também, em suas pesquisas, que a afirmação de Bernstein, de “deficiência lingüística”, era falaciosa e incorreta, substituindo-a pela noção de *diferença*, ao dizer que “diferença não é deficiência”. (LABOV, 1972, p.5). Além disso, deu à Sociolingüística uma metodologia própria e princípios que são usados em todas as pesquisas sociolingüísticas, tais como: a observação, as conversas informais, os questionários, os casos, as narrações de experiências. Tudo isto culminou na Teoria da Variação Lingüística, da qual é o seu representante máximo.

A Teoria da Variação lingüística, também, chamada de Sociolingüística Quantitativa ou Dinâmica, é um modelo teórico-metodológico que assume o “caos” lingüístico como objeto de estudo. Hora (1997, p.159-174) diz que a “Teoria da Variação é um modelo que trata da relação entre língua e sociedade e da possibilidade de sistematizar a variação existente e própria da língua falada”.

Para Labov, todo enfoque lingüístico teria que ser social, em virtude do fenômeno, que é a linguagem. Disse o autor: “Durante muitos anos, relutei em aceitar o termo

sociolingüística porque ele dá a entender que pode existir uma bem-sucedida teoria ou prática lingüística que não seja social”. (1972, p.13). Desta forma, considerou redundante o termo, sociolingüística. É correto em parte, o seu raciocínio, pois a linguagem não é um fenômeno de natureza apenas social, mas um fenômeno que tem implicações de ordem psicológica ou fisiológica.

Esta nova disciplina, segundo Bortoni-Ricardo (1995, p.17-18), “[...] apóia-se em três premissas básicas: a do relativismo cultural, a da heterogeneidade lingüística inerente e a da forma e função lingüísticas em relação dialética”. A primeira rejeitava a noção de dialetos ou variedades inadequadas e inferiores, postulando a igualdade essencial e a equivalência funcional; a segunda levava a Sociolingüística a concentrar-se nos fenômenos que não se apresentavam sempre da mesma forma na língua; a terceira enfatizou o contexto de uso da língua e o conceito de comunidade de fala.

O termo, Sociolingüística, fixou-se em um Congresso organizado por um especialista norte-americano, William Bright, e realizado na University of California, Los Angeles (UCLA), Estados Unidos, de 11 a 13 de maio 1963. Ao introduzir um volume editado com os trabalhos do simpósio, afirma que “[...] a tarefa da Sociolingüística é, portanto, demonstrar a covariação sistemática das variações lingüística e social” (1966, p.17). Para ele, a diversidade lingüística é a matéria de que trata a Sociolingüística, e só concebe esta teoria como a abordagem dos fatos da língua que vem complementar a Lingüística, ou a Sociologia e a Antropologia. Somente com Labov essa subordinação vai, pouco a pouco, desaparecendo. Como podemos perceber a Sociolingüística, na sua origem, já nasce marcada pela interdisciplinaridade. Diferentes definições de Sociolingüística vêm sendo feitas, porém todas elas levam em conta a variação, a heterogeneidade, a relação língua/sociedade e a mudança.

Outro aspecto importante no tocante à Sociolingüística é o papel, funções e áreas de atuação onde ela pode ser utilizada. Quanto ao seu objeto de estudo, podemos dizer que é a língua falada, observada, descrita e analisada em situações reais de uso, surgindo, assim, a necessidade e a importância do contexto. Este pode ser constituído por elementos situacionais, extralingüísticos, no seio dos quais se situa o ato de enunciação da seqüência lingüística. Logo, seu ponto de partida é a comunidade lingüística que consiste num grupo de falantes que

interagem verbalmente e que compartilham de um conjunto específico de princípios subjacentes ao comportamento lingüístico. Em outras palavras, Alkmim (2001:31) diz que:

Uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam, por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras.

Dependendo do alcance do objetivo do trabalho, essa comunidade de fala pode ser uma cidade grande como São Paulo, um estado, como o do Ceará, um grupo indígena, pescadores, camponeses, estudantes, entre outros. O importante é que, ao estudarmos qualquer uma destas comunidades lingüísticas, constatemos logo, a existência da diversidade ou da variação, uma vez que dois falantes não têm a mesma língua porque não possuem a mesma experiência de língua, ou melhor, o mesmo repertório. A essas diferentes formas de falar, a Sociolingüística reserva o nome de variedades lingüísticas.

1.2.1 Variação lingüística

Até o surgimento da Sociolingüística, a língua era considerada uniforme, homogênea e monolítica em sua estrutura. Para os lingüistas da época, as diferenças encontradas nas línguas eram todas “variantes livres”, e, quando contextualizadas, eram posicionais, uma vez que a língua deveria ser uniforme. Esta é a grande oposição que se criou entre lingüistas e sociolingüistas. Para os sociolingüistas, essa variação não é livre, mas condicionada e correlacionada com as diferenças sociais sistemáticas. Desse modo, os falantes podem eleger uma ou outra variante. As variantes são determinadas por fatores estruturais e/ou sociais. Portanto, por diversas causas, as línguas tendem a modificar-se.

Para a Sociolingüística, a variação é essencial à própria natureza da linguagem humana. A partir dos estudos sociolingüísticos, especialmente, depois de Labov, pôde-se compreender que as estruturas variantes, muito mais do que as invariantes, mostram padrões de regularidade que, de tão sistemáticas, não podem ser devidas ao acaso. Para a Sociolingüística, a heterogeneidade lingüística reflete a variabilidade social, e as diferenças no uso das variantes lingüísticas correspondem às diversidades dos grupos sociais.

Nem todos os fatos, porém, estão sujeitos a variações. A heterogeneidade, assim como a homogeneidade, na língua, não se dá de forma aleatória, mas regulada por regras. A

língua possui sua parte invariável que a faz uniforme: são as regras gramaticais que se definem como categóricas, e que não podem ser violadas pelo falante, sob pena de dificultar a compreensão dos enunciados. Em outras palavras,

[...] tal como existem condições ou regras que obrigam o falante a usar certas formas (a casa) e não outras (casa a), também existem condições ou regras mudáveis que funcionam para favorecer ou desfavorecer [...] o uso de uma ou outra das formas em cada contexto. (NARO, 2003, p.15).

Segundo Wardhaugh (1992), “São regras que especificam exatamente o que é – e conseqüentemente o que não é – possível na língua”. Essas são as chamadas invariantes ou categóricas, que se opõem às regras variáveis. Reconhecer a variação como parte integrante do sistema, juntamente com as estruturas invariantes, e não, como simples manifestação do uso lingüístico, constitui uma forma de melhor compreender a organização do sistema lingüístico internalizado pelos falantes.

1.2.1.1 Variantes, variáveis e registro

a) Variantes

Estudar a variação lingüística não quer dizer estudar os desvios da língua, mas as suas variantes lingüísticas que, segundo Tarallo (1990, p.8), “[...] são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade”. Formam um conjunto de formas lingüísticas que compõem uma variável, podendo ser: padrão, não-padrão, conservadora, inovadora, estigmatizada e de prestígio.

A Sociolingüística investiga o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticando as variáveis que contextualizam variantes e descrevendo seu comportamento preditivo. Isto quer dizer que na língua as variantes podem estar em competição, no sentido de que, ora pode ocorrer uma, ora outra, dependendo dos fatores que influenciam no seu uso que, por sua vez, podem ser internos ou externos ao sistema lingüístico. No primeiro caso, teremos fatores estruturais ou lingüísticos. No segundo, fatores sociais ou extralingüísticos:

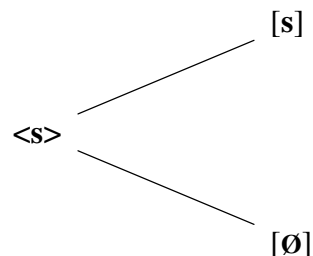
I) Variantes Internas são os fatores: fonológicos, morfossintáticos, semânticos, discursivos e lexicais;

II) Variantes Externas agrupam-se nos seguintes fatores:

- Inerentes ao indivíduo: sexo, idade, etnia;
- Sócio-geográficos: região, escolarização, nível de renda, profissão, classe social;
- Contextuais: grau de formalidade e tensão discursiva.

b) Variáveis

A variável lingüística é o conjunto de variantes lingüísticas. São formas distintas de se transmitir um conteúdo informativo. Para se definir bem o conceito de variável lingüística é necessário que duas ou mais variantes tenham o mesmo significado referencial ou denotativo, ou seja, dizer *o mesmo* de formas diferentes. No português falado no Brasil, a marca de plural no sintagma nominal (SN) é um exemplo de variável lingüística, pois se encontra em estado de variação. Temos, assim: a marca do plural no SN. A esta variável, representada por colchetes angulares <s>, correspondem duas variantes: (a) a presença de marcação, representada pelo segmento fônico [s], como em “os menino[s]”; (b) a ausência de marcação, representada por [Ø], como em “os menino[Ø]”. (TARALLO, 1990, p.09).



Numa comunidade de fala, essas variantes encontram-se sempre em relação de concorrência, “[...] padrão vs. não-padrão; conservadoras vs. inovadoras; de prestígio vs. estigmatizadas. Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza de prestígio [...]”. (Id.Ibid.p.11).

c) Registro

Dentro da noção de variedade de língua surge além da noção de dialeto (variedade de acordo com o usuário), a de registro (variedade de acordo com o uso). A primeira mostra quem você é, enquanto a segunda, o que você faz. Podemos, portanto, trabalhar com os

conceitos de outro tipo de variedade social que é o que se relaciona com o contexto ou situação extralingüística. A esse tipo de variedade chamamos nível ou registro e depende do tempo, local e circunstâncias em que ocorre o ato de fala, como também das relações que unem falante e ouvinte no momento do diálogo, da intimidade entre os falantes, do tema que está sendo discutido, das condições físicas e psicológicas do falante. Preti (1997) diz que:

As variações quanto ao uso da linguagem pelo mesmo falante, em função das variações de situação, podem ser de duas espécies: nível de fala ou registro formal, empregado em situações de formalidade, com predominância da linguagem culta, comportamento mais tenso, mais refletido, incidência de vocabulário técnico; e nível de fala ou registro coloquial, em situações familiares, diálogos informais onde ocorre maior intimidade entre os falantes, com predominância de estruturas e vocabulário de linguagem popular, gíria e expressões obscenas ou de natureza afetiva.

O autor propõe, também, um *registro comum* que ficaria numa posição intermediária entre o registro formal e o coloquial. A esse tipo de variação de nível ou registro de fala, alguns autores chamam de variante ou variedade estilística, tendo-se, neste caso, o estilo formal e o estilo informal ou coloquial.

A variação de estilo, também, chamada diafásica ou diafática, está ligada às diferentes situações ou contextos lingüísticos e extralingüísticos que envolvem o ato de fala. Os contextos lingüísticos podem ser: fonético-fonológico, léxico, morfossintático ou semântico. Os contextos extralingüísticos são os sociais ou situacionais, formais ou informais, que marcam os níveis ou registros de fala, e que envolvem o emissor com todas as suas características, o receptor, também, com suas características, o assunto, o tipo de comunicação e as relações entre emissor e receptor. Os registros podem ser vistos como variedades dialetais e são o resultado, não só, do contexto social, mas regional, etário e cultural do falante e do ouvinte.

1.2.2 Variação social – diastrática

A língua como produto social reflete a cultura e a sociedade em que vivemos, portanto, não é estática, pronta e acabada, pelo contrário, é um processo contínuo que se constrói na interação verbal e essa dinamicidade gera transformações e mudanças.

Se a cultura muda, a língua, também, apresentará modificações que poderão ser movidas por fatores históricos, econômicos, sociais, dentre outros. As experiências

lingüísticas em um país gigantesco como o nosso, por exemplo, não podem coincidir de uma região para outra, justamente por causa destes fatores. Há nessa integração, homem/natureza, a necessidade de novas expressões, de novas formas de dizer as realidades regionais e sociais. Com essa nova forma de dizer, a língua ganha muitas palavras e expressões novas que conduzem, na maior parte das vezes, a diferenciações regionais e sociais bem nítidas. Com efeito, a natureza e a vida das diversas regiões brasileiras trazem algumas alterações, modificações e acréscimos à língua.

Conforme observamos, além das variações externas que dependem das estruturas geográficas, sociais, culturais, etárias e estilísticas, existem as variações internas que dependem da estrutura da linguagem. São as variações lingüísticas propriamente ditas: fonéticas, fonológicas, léxicas, morfossintáticas e semânticas.

Os fonemas, por exemplo, podem ter realizações fonéticas diferentes que se alternam, no mesmo contexto lingüístico, constituindo uma variável lingüística. As realizações de variantes de uma variável fonológica podem estar correlacionadas à influência do ambiente fonético e, nada impede que sejam condicionadas, também, por fatores extralingüísticos.

Na mudança fonética, o que se transforma é um som, mas tem como consequência alterar, de forma idêntica, todas as palavras em que figure este fone. Neste sentido podemos dizer que as mudanças fonológicas são regulares, isto é, há regularidade nas transformações. A consoante rótica, por exemplo, dependendo do contexto, pode variar a sua realização de anterior para posterior, e ainda o modo, como vibrante ou como fricativa. Na perspectiva estrutural trata-se de uma variante livre, em Sociolingüística, não. Por trás dessa variação existe algo que a torna analisável – os fatores. Implica dizer que a escolha entre as formas não se dá aleatória ou livremente, mas relacionada a variáveis inter e extralingüísticas, que, teoricamente, são ilimitadas.

a) Variável diageracional

As variações de grupos etários diferentes, também, chamadas diageracionais, marcam grupos de faixas etárias, como: crianças, jovens, adultos e idosos. As pessoas mais idosas são apontadas, na literatura pertinente, como mais propensas a pronunciar o **r** final das

formas de infinitivo dos verbos (cf. amar) ou o s de plural de substantivos (cf. as casas), por exemplo, enquanto os jovens tendem a omitir estes sons nestes contextos, ficando caracterizadas, assim, as noções de: variante inovadora, para o falar dos mais jovens e, variante conservadora, para o falar dos mais idosos. É natural que, num processo de mudança lingüística, se instaure o conflito entre a forma mais antiga (conservadora), que poderá vir a ser substituída pela forma mais recente (inovadora).

Segundo Tarallo (1990, p.65), a correlação entre faixa etária e variantes lingüísticas indicaria se ocorre:

- variação estável – quando entre a regra variável e a faixa etária dos informantes não houver qualquer tipo de correlação;
- mudança em progresso – quando o uso da variante mais inovadora for mais freqüente entre os jovens, decrescendo em relação à idade dos outros informantes.

O importante na divisão em faixa etária é que a variação lingüística detectada em função da idade do falante pode ou não, apontar a ocorrência de um fenômeno de mudança. Se o comportamento dos falantes é estável durante toda a sua vida e a comunidade, também, se mantém estável, não há variação a ser analisada e tem-se a estabilidade. Pode ocorrer, também, que um falante modifique um hábito lingüístico durante toda a sua vida, mas a comunidade, como um todo, não se modifique. Então, neste caso, não houve mudança lingüística. Portanto, como já comentamos anteriormente, nem toda variação significa mudança, mas toda e qualquer mudança pressupõe variação.

b) Variável grau de escolaridade

Concordamos com Soares (2002, p.17), quando afirma que “É o uso da língua na escola que evidencia mais claramente as diferenças entre grupos sociais e que gera discriminação e fracasso [...]” Quer dizer que, em uma sociedade de classes, o uso da linguagem, por pessoas analfabetas ou de baixo nível de escolaridade, constitui um dos preconceitos mais marcantes. O uso de formas como: “xirca” (por “xícara”), “vrido” (por “vidro”), “entonce” (por “então”), dentre muitas outras, são variantes estigmatizadas, isto é, sem valorização social e que denotam o nível de escolaridade do falante. Pesquisas têm

demonstrado que há estreita correlação entre o grau de escolaridade do falante e a escolha de determinados tipos de variantes sócio-culturais.

Parece consenso geral que a língua culta é aquela de maior prestígio social, que se impõe como marca dos falantes com maior grau de escolaridade, pois há uma intenção explícita, na escola, de desenvolver um padrão lingüístico (norma padrão) e, ao mesmo tempo, uma intenção implícita em ser a instituição reprodutora da ordem social. Portanto, somente freqüentando a escola, o falante poderá dominar as formas da língua culta.

Pesquisas demonstraram a existência de uma distância entre a linguagem dos indivíduos pertencentes a grupos sociais e economicamente privilegiados e a dos indivíduos pertencentes às camadas populares, e que o distanciamento, entre os que mais detêm o saber e os que dele são alijados, cresce geometricamente. Para Bortoni-Ricardo (2005, p.15), “O problema não parece estar, pois, na existência de um código padrão, mas no acesso restrito que grandes segmentos da população têm a ele”. Ao que acrescentamos, e quando têm acesso, não lhes é ensinada de forma eficiente a língua padrão. O problema foi discutido por Soares (2002), Bagno (2002), Mollica (2003), Scherre (2005) e apontado como forma de exclusão das pessoas de baixo poder aquisitivo.

Em uma pesquisa sobre mudança lingüística, o grau de escolaridade constitui um fator muito importante, uma vez que, através dos dados coletados, podemos observar as tendências atuais de uso de certas formas lingüísticas que, no passado, eram estigmatizadas tais como: o emprego de “num” (por “em um”), de “pra” (por “para”), dentre tantas outras, e que, hoje, fazem parte da fala de pessoas escolarizadas. Significa dizer que, à proporção que a forma empregada pela classe discriminada passa a ser empregada pela classe dominante, o estigma tende a diminuir ou até a desaparecer completamente e a variante passa a ser aceita pela classe dominante. É uma questão de escolha e escolha é política. “As questões que envolvem a linguagem não são simplesmente lingüísticas; são, acima de tudo, ideológicas”. (SCHERRE, 2005, p.43).

c) Variável diassexual

A variação lingüística da fala de homens e mulheres, também, chamada de diassexual, tem sido motivo de numerosos estudos, especialmente, nas sociedades onde a

diferença de sexo é marcada por traços de autoritarismo e valorização dos homens em detrimento das mulheres. Segundo Silva (1999, p.14),

No caso do português, quando ocorre a variante de sexo, esta é expressa em termos de frequência de uso. Não há, em português, marcas gramaticais, palavras específicas ou padrões de entoação que sejam somente utilizados por falantes de um único sexo.

Que homens e mulheres falam diferentemente do ponto de vista fisiológico é fato notório, bastando para isto observarmos, superficialmente, e constatamos diferenças de ritmo, de timbre e altura, que determinam a voz feminina e a voz masculina. Essas diferenças, porém, não são relevantes para os estudos sociolinguísticos. Interessa-lhes saber de que forma ou até que ponto, fenômenos linguísticos variáveis estão relacionados ao fator sexo.

Há uma crendice popular de que as mulheres falam mais rápido do que os homens e de que falam muito mais, são mais barulhentas. “Algumas línguas, como o chinês, usam até hoje os ideogramas: um desenho de figura feminina significa mulher; o mesmo desenho repetido faz o plural, mulheres; repetido três vezes, porém, o ideograma significa barulho!” (SENAC, 1996, p.46).

Como um dos primeiros trabalhos científicos que fazem correlação entre variação linguística e o gênero/sexo citamos um estudo de Fischer (1958), *Influências sociais na escolha de variantes lingüísticas*, no qual percebe a preferência da mulher pela forma velar do sufixo inglês – ing (formador de gerúndio – talking). E mais, que essa escolha entre a pronúncia velar e a dental do sufixo não era aleatória, mas uma questão de valorização social, uma vez que a primeira forma era prestigiada socialmente. Fischer constata que as mulheres são detentoras de uma maior consciência do *status* social das formas lingüísticas, portanto, são mais sensíveis a uma norma de linguagem.

Diversos outros estudos sob orientação sócio-variacionista corroboram a constatação de Fischer. Muitos outros estudos foram realizados na tentativa de testar diversas hipóteses sobre diferenças lingüísticas relacionadas ao fator sexo. Labov (1966), diz que “No discurso cuidado, as mulheres empregam menos as variantes estigmatizadas do que os homens e, assim sendo, parecem mais sensíveis aos valores sociais que condicionam o uso da língua”.

Trudgill (1981) atribui as diferenças entre homens e mulheres ao meio social, à influência educacional, quando afirma que a diferenciação lingüística obedece ao fato de que “[...] as formas femininas costumam ser mais antigas, ou seja, as mulheres têm uma linguagem mais conservadora, elas valorizam mais as formas de prestígio, foram educadas para falarem de forma mais polida”.

Segundo Monteiro (2000, p.75), a variação de sexo está ligada aos papéis sociais que o homem e a mulher exercem. Diz ele: “Homem e mulher são socialmente diferentes no sentido de que a sociedade lhes confere papéis distintos e espera que utilizem padrões de comportamento também distintos. Assim sendo, a linguagem apenas reflete este fato social”.

Geralmente cabem à mulher as atividades domésticas, a educação dos filhos e ser um espelho para os mesmos. Já o homem, culturalmente, assume o papel de sustento da família, pertence à classe trabalhadora, possui maior mobilidade social, maior participação em grupos sociais fechados, quer dizer, tem toda condição de usar uma linguagem mais relaxada, fora do padrão. Sem falar que a tudo isso se liga a idéia de masculinidade, de virilidade e de liberdade, além de atribuir a estas variantes lingüísticas estigmatizadas um prestígio “encoberto ou oculto” (*covert prestige*), que na linguagem laboviana, são formas partilhadas no interior de um grupo e assinaladoras de sua individualidade com relação a outros grupos sociais. Um indivíduo ao integrar um grupo, deve partilhar, além de suas atitudes e valores, a linguagem característica desse grupo.

Hoje, a definição dos papéis sociais atribuídos ao homem e à mulher já mudou bastante. Com as transformações sociais ocorridas na organização da sociedade, cada vez mais a mulher está ingressando em atividades, anteriormente, exclusivas para homens, desfazendo o estereótipo de “mulher do lar” e, assim, como estas modificações são observáveis em outras práticas sociais, é possível que, também, possam se refletir no uso lingüístico. Mas, de certa forma, ainda podemos dizer que os homens estão mais sujeitos à influência do “prestígio encoberto” das formas lingüísticas do que as mulheres.

A variável sexo está sempre associada às variáveis: idade, classe social e ao estilo de fala. Normalmente, do ponto de vista fonético, esta variável, isolada, não dá muito resultado, não tem muita variação, pelo menos no português do Brasil. Aliás, a tendência aferida pelos resultados de cada variável social tomada isoladamente, sem levar em

consideração os contextos nos quais esses resultados estão inseridos, não traz nenhuma contribuição para uma interpretação do processo de mudança como um todo, uma vez que pode camuflar aspectos importantes para esse processo. Achamos que devemos ter muito cuidado com as generalizações do tipo “as mulheres são mais inovadoras do que os homens”, “o vocabulário feminino é diferente do masculino”, e outras mais, porque constitui um grande equívoco tomar, como parâmetros isolados, as variáveis sociais supracitadas.

1.2.3 Variação geográfica – diatópica

As variações geográficas ou diatópicas são as que ocorrem no plano horizontal e dependem da origem geográfica do falante, que pode ser da zona rural ou da zona urbana, da mesma região, de regiões diferentes de um mesmo país, dando origem aos falares regionais. O certo é que, quanto maior a proximidade entre os falantes de uma mesma comunidade, maior a semelhança de seu uso lingüístico, contribuindo, dessa forma, para a identidade do falante e do grupo a que pertence, em relação aos demais.

Esta variação se opera em todos os níveis de análise. No nível fonético, observamos vários processos, como: transposição, inversão, acréscimo, subtração, harmonização vocálica, neutralização, dentre outros, aos quais podemos recorrer numa tentativa de explicar propriedades de variedades regionais. Por exemplo, enquanto no falar de Belo Horizonte o **r** na palavra “mar” realiza-se como fricativa glotal desvozeada – ma[h], no falar do Rio de Janeiro, realiza-se como fricativa velar desvozeada – ma[x]. (SILVA, 1999, p.143).

Em relação ao léxico, devido à extensão territorial de nosso país, o PB apresenta uma variedade bastante significativa, tanto regional, quanto social. Por exemplo, um mosquito pode ser conhecido em uma região, como “pernilongo”, em outra, como “muriçoca”, “carapanã”, ou mesmo, como “mosquito”; o item lexical, “arco-íris”, alterna com “olho de boi”, “arco da velha”, dentre outros.

No nível morfológico há, por exemplo, variação na formação de palavras, no uso dos afixos, como em: panificadora x panificação; salaminho x salamito. E, no sintático, exemplificamos com o uso da negação em língua portuguesa, cuja forma de estrutura padrão (não + SV), como em “não sei”, pode ser comum em determinada região, e em outras

localidades, apresentar a forma de estrutura não-padrão (não + SV + não), como em ”não sei não”, ou a estrutura com negação final (SV + não), como em “sei não”.

Conforme comentamos acima, é fácil percebermos, na língua, a coexistência de formas diferentes para um mesmo significado, ou de diferentes pronúncias para uma mesma forma. As variações geográficas são estudadas mais profundamente pela Dialectologia e pela Geolinguística, através dos Atlas Linguísticos.

No estudo da variação geográfica, destacamos o papel inovador das grandes cidades, visto que, geralmente, é aí que se iniciam as variações linguísticas para depois se disseminarem por cidades menores, consideradas, como mais conservadoras, por diversos fatores, como: o difícil acesso, o isolamento, a falta de comunicação, dentre outros. Silva Neto (1963, p.210) aponta o contato como fator responsável pela mudança cultural. O isolamento, ao contrário, “[...] condiciona um tipo arcaico de vida e, conseqüentemente, uma linguagem mais conservadora. [...] À volta das cidades existem áreas por elas influenciadas. As *ondas linguísticas* irradiadas pelas *urbes*, vão-se amortecendo à proporção que caminham para a periferia”.

1.3 Aspectos Fonético-Fonológicos da Linguagem

A partir de 1930, surgiram diversas escolas linguísticas na Europa – os chamados Círculos Linguísticos – constituídos de estudiosos que discutiam sobre a linguagem sob certas perspectivas. O primeiro deles, o Círculo Linguístico de Moscou (CLM) formou-se em 1915, por iniciativa do russo Roman Jakobson. Com a extinção deste, formou-se o Círculo Linguístico de Praga (CLP) que, embora criado por Mathesius, surgiu de um manifesto apresentado em 1928, no Primeiro Congresso Internacional de Linguística realizado em Haya, pelos russos, Nicolai Trubetzkoy, Karcevsky e Jakobson.

As contribuições mais marcantes, na Fonologia, foram feitas pelo Círculo Linguístico de Praga, na década de 30, na Europa, e pelo estruturalismo americano, nas décadas de 40 e 50. É neste ambiente teórico que se desenvolve a Linguística moderna e onde é lançada a semente da Fonética e dos estudos fonológicos *stricto sensu*.

1.3.1 Fonética e fonologia

Como código, a língua apresenta características que, em outros códigos, são diferentes, ou em grau menor. Por exemplo, a articulação – propriedade que decorre do fato de que é possível identificar em cada enunciado uma estruturação em pelo menos dois níveis. No primeiro, o nível da sentença, em que estão os morfemas – elementos mínimos de significação; no segundo, a seqüência de sons distintivos que compõem a cadeia linear de palavras – os fonemas.

Até a metade do século XIX, não se fazia distinção entre Fonética e Fonologia. A Fonética era a ciência que estudava todos os sons da linguagem humana. Conforme as definições abaixo:

Fonologia (phonology) – Os sistemas de sons das línguas, ou o ramo da lingüística que os estuda. Enquanto a fonética se interessa principalmente pela natureza física dos sons da fala e, portanto, em termos estritos, não faz parte da lingüística. (TRASK, 2004, p.117).

Observamos na citação acima, que as relações que se estabelecem entre estas disciplinas e a Lingüística são bastante diferenciadas. Enquanto a Fonologia é considerada o centro dos estudos lingüísticos, a Fonética está fora da pauta destes estudos. Abaurre (1993), ao comparar as duas disciplinas, observa que,

[...] na medida em que a fonética utiliza como critério para a seleção de eventos fônicos relevantes para a descrição e estudo a sua ocorrência em sistemas lingüísticos documentados [grifo autora], [...] a fonologia conduz suas investigações sobre as oposições fônicas a partir de traços distintivos de base acústica e/ou articulatória [grifo autora].

Este posicionamento muda aquela visão tradicional de que a Fonética se torna independente da Fonologia apenas por focar todos os sons da linguagem humana, e fica como preferência atual, da maioria dos foneticistas e fonólogos, a questão de interdependência e complementaridade entre essas duas áreas. O objeto de estudo de uma, define-se em relação ao da outra. Mateus (s.d., p.169) define a Fonética como “Ciência que estuda as características físicas, articulatórias e perceptivas da produção e percepção dos sons da fala, e fornece métodos para a sua descrição e classificação”.

Segundo Silva (1999, p.23), as principais áreas de interesse da Fonética são:

Fonética articulatória – compreende o estudo da produção da fala do ponto de vista fisiológico e articulatorio;

Fonética auditiva ou **perceptiva** – compreende o estudo da percepção da fala;

Fonética acústica – compreende o estudo das propriedades físicas dos sons da fala a partir de sua transmissão do falante ao ouvinte.

Os estudos da Fonética são indispensáveis para quem lida com os elementos sonoros. Por essa razão, são importantes para a Medicina (em cirurgias que envolvem órgãos do Aparelho Fonador), para Fonoaudiologia (no tratamento de distúrbios da fala), para Engenharia de Telecomunicações (na transmissão por telefonia, aparelhos de som, rádio, televisão), para a Ciência da Computação (na produção e reconhecimento de fala), para as Artes Cênicas e Cinematografia, para a Lingüística Forense (para caracterizar particularidades da fala individual), para a Lingüística Indígena (no conhecimento dos mecanismos que regulam as línguas naturais), para a Linguagem de surdo-mudo (na utilização de sistemas de sinais) e para as Ciências da Linguagem.

As unidades básicas da Fonética são os sons da linguagem (ou fones), transcritos entre colchetes [p], [t], [k]. Enquanto a Fonologia por se ocupar de elementos formais abstratos que constituem os sistemas fonológicos define seus sons como fonemas que, por convenção, são representados entre barras inclinadas /p/, /t/, /k/. “A Fonética estuda os sons da fala independentemente da função que eles possam desempenhar numa língua determinada. A Fonologia estuda as diferenças fônicas correlacionadas com as diferenças de significados (ex: /p/ato – /m/ato), ou seja, estuda os fones segundo a função que eles cumprem numa língua específica”. (MORI, 2001, p.149). Dessa forma, a Fonética estuda todos os sons produzidos pelo falante, em toda a sua diversidade ou variação. A Fonologia estuda apenas os sons que têm valor distintivo, que caracterizam o sistema lingüístico.

Os fonemas podem combinar-se entre si para formarem unidades maiores, como: sílabas, morfemas e palavras. Esta combinação segue os princípios da gramática e da estrutura fonológica da língua. A sílaba, por sua vez, é uma construção de um, dois ou mais fonemas articulados, mas não ultrapassa os limites do campo das unidades não-significativas – o plano da expressão. Aí não existe significação.

Mateus (s.d., p.332), em estudo sobre a Prosódia nas Gramáticas Portuguesas diz que a sílaba, é “uma unidade de pronúncia tipicamente maior que um simples som e menor que uma palavra”. Observou que a sílaba é uma constante em todos os estudos gramaticais,

seja para identificá-la, seja para indicar a diferença de duração ou para caracterizar a sílaba ‘predominante’. Acrescentou as seguintes definições:

Para Fernão de Oliveira, a sílaba «dizem os gramáticos que é vocábulo grego e quer dizer ajuntamento de letras», enquanto que para João de Barros ela é «ajuntamento de uma vogal com uma e duas e às vezes três consoantes que juntamente fazem uma só voz» [...] Para João de Deus, «Syllaba é o que a gente diria n’uma pancada, se fallasse a compasso» [...] Martins Sequeira, «a cada emissão de voz corresponde uma sílaba»; para Cunha e Cintra, «a cada vogal ou grupo de sons pronunciados numa só expiração damos o nome de sílaba»; Para Bechara a sílaba é «um fonema ou grupo de fonemas emitido num impulso expiratório». (1996, p.630).

Comentando a respeito, Mateus observa que estas últimas definições simplificadas de sílaba se podem aproximar da que se encontra na *Gramática Filosófica* de Couto e Melo (1818), já que para ele a «sílaba é a expressão de qualquer som elementar». (Id.Ibid.p.631).

Pesquisas indicam que a sílaba, para os falantes nativos, parece ser a menor unidade da fala, a não ser que recebam treinamento específico para reconhecerem o fonema. Segundo a proposta de Câmara Jr. (1977, p.43), os tipos de estrutura silábica marcam caracteristicamente as línguas. A estrutura silábica, “depende do centro, ou ápice, que normalmente é ocupado pela vogal (como o som mais sonoro), e do possível aparecimento da fase crescente, ou da fase decrescente, ou de uma e outra em volta dele, ou seja, nas suas margens ou encostas”, originando os seguintes tipos silábicos: V (sílabas simples), CV (sílabas complexas crescentes), VC (sílabas complexas crescentes-decrescentes). Cunha (1986, p.62) classifica a sílaba em aberta “a sílaba que termina por uma vogal, e-le-va-do”; e fechada “a sílaba que termina por uma consoante, al-tar”.

O estruturalismo não construiu uma técnica de análise da sílaba, como fez para os segmentos isolados (pares mínimos, distribuição complementar, oposição distintiva). O gerativismo, por não considerar a sílaba um domínio de aplicação de regras, também, não integrou a unidade silábica nas suas análises. Na teoria de Chomsky & Halle, a sílaba não foi considerada. Havia somente o traço [+silábico] e [-silábico] para diferenciar consoantes e vogais.

Com o surgimento das Fonologias não-lineares, a sílaba adquiriu *status* fonológico nos estudos lingüísticos e, atualmente, existem vários modelos teóricos que tratam dela, possibilitando, assim, a realização de inúmeros trabalhos, muitos dentre eles,

objetivando analisar os segmentos conforme as posições que ocupam na sua constituição. A representação da sílaba é a letra grega (σ). Ataque e rima são os seus constituintes básicos. O ataque (A) é constituído pela consoante que antecede a rima; a rima (R) pode ser constituída pelo núcleo (N), qualquer vogal, e coda (Cod), consoante final da rima. Sem realização fonética, os constituintes são considerados vazios.

Todas as consoantes, isoladamente, podem ser ataque de sílaba no início de palavra e no meio. No entanto, há uma “Condição de coda” em português: qualquer [+soan] – com exceção do /s/.

Condição negativa de Coda

[-soan] exceto o /s/

A Escala de Sonoridade (MATEUS, s.d.) é o princípio básico de formação de uma sílaba. Apresentada em sentido crescente:

oclusivas < fricativas < nasais < líquidas < (vibrantes, laterais) < semivogais ou glides < vogais (altas, médias, baixas).

A utilidade da escala de sonoridade é de reconhecer que o segmento de alto grau de sonoridade ocupará o núcleo da sílaba, e os de sonoridade baixa ficarão nas margens das sílabas, em ataque e/ou em coda.

1.3.1.1 Teorias fonológicas

Há duas grandes classes de modelos fonológicos: os lineares e os não-lineares. Os lineares analisam a língua como uma combinação linear de segmentos ou conjuntos de traços distintivos, numa relação unívoca, um – para – um, entre os segmentos e matrizes de traços, com restrições morfológicas e sintáticas. São eles: o Estrutural, o Gerativo, o Natural.

Nos modelos fonológicos pós-estruturalistas, o fonema que, anteriormente, fora considerado uma unidade mínima indivisível, passou a ser decomposto numa matriz de unidades menores – os traços – que passaram, então, a ser considerados as verdadeiras unidades fonológicas.

Com esta transformação, surgiu a Fonologia Gerativa e, a partir de 1980, com os dissidentes, os modelos não-lineares. Estes modelos analisam a língua como uma organização em que os traços, dispostos, hierarquicamente, em diferentes níveis ou camadas (tiers), podem ir além de um segmento, ligar-se a mais de uma unidade, funcionar isoladamente ou em conjuntos solidários. As relações entre a fonologia, morfologia e sintaxe são explicitadas como parte da estrutura hierárquica que caracteriza a linguagem humana. Os modelos não-lineares mais importantes são: a fonologia Auto-segmental, a Métrica, a Prosódica e a Lexical.

A seguir, faremos a apresentação dos principais aspectos de alguns modelos representativos do pensamento fonológico, destacando em cada um, seu principal representante, objetivos e aplicações.

a) Fonologia Estrutural – F.E.

Segundo essa perspectiva, os idiomas são sistemas estruturados, no interior dos quais, cada elemento se define pelo modo como se relaciona com os demais elementos. Saussure (1975) é o ponto de partida para o desenvolvimento desta teoria. Podemos dizer que, a partir dos aspectos formais e sincrônicos, e com as importantes dicotomias propostas, por ele, a Fonologia passou a ser vista como um dos grandes campos de investigação dos fatos fônicos. Ao mesmo tempo em que as reflexões sobre o estruturalismo se desenvolviam na Europa, surgia nos Estados Unidos uma outra forma de estruturalismo – o Distribucionalismo. Bloomfield propôs uma teoria geral da linguagem que fosse capaz de uma explicação comportamental dos fatos lingüísticos mediante estímulo/resposta (behaviorismo).

Princípios básicos da Fonologia Estrutural:

1. Estabelece a diferença entre Fonética e Fonologia;
2. Define o fonema como unidade mínima de distinção;
3. Dá as bases para a comutação fonológica;
4. Estabelece a diferença entre som e fonema;
5. Define as variantes, com seus diferentes tipos: livre, combinatória;
6. Dá as regras que nos permitem distinguir um fonema de suas variantes;
7. Mostra os tipos de oposição que os fonemas podem exercer: bilaterais, multilaterais, proporcionais, isoladas, privativas, constantes, neutralizáveis;

8. Define o Arquifonema como resultado de uma neutralização;
9. Dá as bases para a definição dos pares comutativos e dos feixes binários e ternários, na caracterização do sistema fonológico de uma língua.

A investigação fonológica de base estruturalista orientou os trabalhos teóricos e descritivos, nesta área, até o final da década de cinquenta, quando ocorre, na Lingüística, a chamada revolução chomskiana e conseqüente redefinição do objeto de estudo da Fonologia.

b) Fonologia Gerativa – F.G.

A história da Fonologia Gerativa compreende duas fases importantes. A primeira dela corresponde à fonologia Clássica de Chomsky e Halle (1968), e a segunda, à fonologia Auto-segmental de Goldsmith (1976). O livro *The Sound Pattern of English* (1968) – SPE – de Chomsky & Halle, traz delineados os princípios da Fonologia Gerativa – modelo que formula um sistema abstrato de regras aplicáveis a qualquer sistema lingüístico e cuja base não é o fonema, mas os traços. E é gerativo porque estabelece regras que geram a estrutura fonológica das línguas em geral ou de uma língua em particular. “As análises da fonologia generativa supõem a existência de uma componente fonológica da gramática”. (MATEUS, s.d., p.173).

Comparando a proposta gerativa ao modelo estruturalista podemos dizer que a competência relaciona-se à língua, e o desempenho, à fala. Enquanto os fonólogos estruturalistas davam ênfase à análise e descrição dos sistemas fonológicos, o programa gerativista voltava-se para a competência lingüística internalizada pelo falante/ouvinte acerca do componente fonológico das línguas naturais. Outra mudança de perspectiva em relação ao estruturalismo, é que a Fonologia Gerativa incorporou aos estudos sincrônicos uma perspectiva processual centrada no conjunto de regras que se situam entre as representações fonéticas superficiais e as representações fonológicas abstratas. O fato de a teoria ser dotada de formalismo levou o estudo desse sistema de regras a ocupar lugar privilegiado.

c) Fonologia Natural – F.N.

Na década de setenta, como reflexo das discussões a respeito do grau de abstração das representações fonológicas e da naturalidade dos processos, surgiam modelos elaborados por dissidentes, como Theo Venneman, J. Hooper e Stamp.

Venneman e Hooper desenvolveram a Fonologia Gerativa Natural, cuja finalidade era evitar soluções abstratas. Eles defendem que o componente fonológico deve ocupar-se com a transparência e com a motivação fonética regular. Todas as outras regularidades devem ser tratadas com informação do componente morfológico que, neste modelo, passa a ter *status* teórico. Os autores, supracitados, propõem que a sílaba seja incorporada à teoria fonológica.

Stamp, particularmente interessado na questão da naturalidade dos processos fonológicos, propôs o modelo da Fonologia Natural. Ele pretende explicar o seu objeto de estudo e não, descrevê-lo. Este é um dos aspectos importantes dessa teoria, isto é, a distinção entre processos fonológicos naturais paradigmáticos e sintagmáticos (que se referem à capacidade inata do ser humano para aprender a linguagem) e regras (a serem aprendidas pelos falantes).

A diferença básica entre Fonologia Gerativa Natural e Fonologia Natural é que o primeiro modelo procura investigar a “naturalidade” das regras fonológicas, enquanto o segundo tem por objetivo caracterizar a “naturalidade” das representações e processos fonológicos. Os principais tipos de processos são os seguintes: processos prosódicos (projetam as palavras e as frases nas estruturas prosódicas), processos de reforço (dissimilação, ditongação, silabificação e epêntese.), processos de enfraquecimento (assimilação, monotongação, dissibilabificação, redução e supressão).

O desenvolvimento da Fonologia Gerativa nas últimas décadas favoreceu o surgimento de outros modelos que, não mais no plano segmental, privilegiam os fatos fonológicos, são as fonologias não-lineares. As correntes teóricas pós-estruturalistas ou não-lineares que analisam o componente sonoro são conhecidas como modelos fonológicos.

d) Fonologia Auto-segmental – F.A.

A Fonologia Auto-segmental foi desenvolvida a partir dos trabalhos de Goldsmith (1985, p.295-337), inspirada, inicialmente, no estudo de línguas tonais e apoiada na constatação de que as generalizações tonais não podem ser aprendidas se os tons forem considerados propriedades de um segmento. Uma abordagem auto-segmental semelhante à proposta para os tons se mostrou, também, adequada para a análise de fenômenos, como a

harmonia vocálica e a nasalização, por ser o escopo desses fenômenos a palavra inteira e não, um simples segmento. Esta teoria parte do pressuposto de que

[...] as representações fonológica e fonética “não consistem numa única cadeia de segmentos (como afirma a fonologia clássica), mas que existem formas subjacentes e de superfície que consistem em cadeias de segmentos paralelos dispostas em dois ou mais níveis” (*tiers*). (MATEUS, s.d, p.172).

A Fonologia Auto-segmental propõe uma análise fonológica multilinear, segundo a qual, diferentes traços podem ser colocados em níveis distintos, sendo os vários níveis organizados por linhas de associação e por uma Condição de Boa Formação.

e) Fonologia Métrica – F.M.

A Fonologia Métrica se desenvolveu nos anos 80. O seu objetivo é descrever e formalizar os padrões acentuais e de ritmo da fala, uma vez que aspectos supra-segmentais da fala, como acento e tom, não tiveram um tratamento adequado na proposta da Fonologia Gerativa Padrão. Aborda os fenômenos dependentes da fonotática e, de modo particular, a sílaba.

O principal trabalho nesta linha foi de Liberman & Prince (1977, p.249-336) (*On stress and linguistic rhythm* – Sobre o acento e o ritmo lingüístico). Neste artigo, eles questionam a análise linear do acento e propõem que o acento não deve ser atribuído a segmentos, mas que deveria haver uma estrutura hierárquica (sílaba, pé, palavra prosódica) para organizar os segmentos. Aqui, o acento é uma propriedade da sílaba, e não, do segmento. Como a Fonologia Auto-segmental, o formalismo métrico foi-se estendendo a outros fenômenos, como a harmonia e a nasalização.

O primeiro formalismo desenvolvido pela F.M. foi o de árvore métrica, que representa as relações de proeminência entre os constituintes métricos, sílabas e outros. O segundo formalismo foi o da grelha métrica segundo a qual estão representados, horizontalmente, os tempos básicos da palavra e, verticalmente, a força atribuída a cada tempo no ritmo da palavra ou do constituinte em estudo.

f) Fonologia Prosódica – F.P.

A Fonologia Prosódica ou Polissistêmica foi proposta por J. R. Firth. “Abordagem que distingue a noção de prosódia da unidade fonemática, considerando traços que se estendem ao longo de elocuições”. (MATEUS, s.d., p.175). Além do tom, acento e junção, os traços, como a nasalização ou o arredondamento são, também, submetidos à prosódia.

A Tese básica da escola prosódica é que vários componentes de um ato de fala não se deixam analisar em segmentos discretos. Seu objetivo é integrar as generalizações sintagmáticas e paradigmáticas em uma descrição única. A crítica lançada por este modelo às várias linhas da fonologia é que estas atribuem um peso indevido aos aspectos de oposição (ou paradigmática) da fonologia e se descuidam do aspecto sintagmático, ou seja, da relação entre unidades menores da estrutura, dentro das unidades maiores, como as consoantes e as vogais que se unem em sílabas, as sílabas em palavras, e assim por diante.

g) Fonologia Lexical – F.L.

Em 1973, P. Kiparsky, em seu artigo *How abstract is Phonology*, lançava crítica ao modelo gerativo por formular representações subjacentes abstratas sem referenciar a realidade fonética. Era o princípio da F.L. que tem, como objeto de estudo, a interação entre os processos fonológicos e o modo de constituição morfológica das palavras, tomando como base os radicais e os morfemas que a eles podem associar-se. Na Fonologia Gerativa Padrão este vínculo formal entre a fonologia e a morfologia foi desconsiderado. Portanto, a grande contribuição da F.L. é de formalmente incorporar o nível morfológico à análise do componente fonológico. Na realidade, a F.L. é como se fossem duas teorias, embora relacionadas: uma teoria da fonologia e uma teoria da morfologia.

A base dessa teoria é a de que os processos de flexão e de derivação de uma língua se estruturam em diversos níveis ou estratos ordenados. Estes níveis são domínios de alguma regra fonológica. O componente fonológico opera não apenas na sintaxe, mas no léxico também. Conforme esta teoria, as línguas apresentam no mínimo dois grandes componentes: o lexical e o pós-lexical. No primeiro, as regras se aplicam somente a palavras; no segundo, as regras se aplicam tanto a palavras como a seqüências maiores, como frases ou enunciados. Observamos nestes modelos, uma ligação muito forte entre a visão fonológica e a

fonética diante da fala “Não só caiu a barreira, misturando os campos, como a isto foi acrescentado o campo da morfologia que, hoje, se chama de Fonologia Lexical”. (CAGLIARE, 1997, p.12).

Após esta pequena explanação sobre as principais teorias fonológicas, lembramos que não é tudo, outras linhas de pesquisa fonológica foram surgindo e, embora, abordando aspectos diferentes, resguardam suas origens no modelo gerativo padrão, reconhecido como o que mais contribuiu com um grande número de trabalhos e, também, como fonte para o desenvolvimento destas novas propostas. É o caso, por exemplo, da Fonologia do Charme e do Governo, Fonologia Upside-down, Fonologia Atômica, Fonologia de Dependência, Fonologia das Partículas, Fonologia Estratificacional, Fonologia Monossistêmica, Fonologia Polissistêmica, Teoria da Otimização que, em termos de Brasil, não têm tido muito desenvolvimento. As propostas recentes, que dizem respeito à Fonética Acústica, são trabalhos, como a Fonologia de Uso – Bybee – (2001), a Fonologia Acústica – Brouman; Goldstein – (1992), dentre outros. E a Fonologia de Exemplares – Johnson – (1997), Pierrehumbert – (2001).

Finalizando este exame sobre os estudos fonético-fonológicos pudemos observar o caminho seguido pelos diferentes modelos teóricos, desde Saussure a Chomsky & Halle, com os modelos lineares, e de Goldsmith às perspectivas atuais, quando com a sofisticação hierarquizada passaram a não-lineares, e concluir que, as exclusões feitas por uns, os acréscimos feitos por outros não prejudicaram o avanço científico em tais estudos, muito pelo contrário, contribuíram para que alcançassem o patamar atual de progresso.

1.3.1.2 Variação fonética: visão histórica

No século XIX, precursores da fonética moderna, como Jespersen, Jan Baudouin Courtenay entre outros, já se davam conta da necessidade de distinguir tipos fonéticos, mais ou menos próximos, e suas relações, quer dizer, tentavam estabelecer um estudo sistemático da variação dos sons no âmbito dos sistemas fonológicos. Houve por parte de Courtenay, uma tentativa para definir o fonema como equivalente psíquico do som e que seria estudado pela psicofonética. Outras tentativas de definição do fonema enfatizando o lado psicológico foram surgindo. Por exemplo, para o lingüista norte-americano Sapir (1944), os fonemas seriam “[...] sons ideais que os falantes intentam produzir e os ouvintes crêem escutar”. Trubetzkoy,

a princípio, mantinha esta visão psicológica, somente mais tarde definiu o fonema em termos funcionais.

Aqui vale discutir o posicionamento de Saussure (1857-1913), com sua dicotomia “língua/fala”. O professor suíço foi o primeiro a estabelecer que a linguagem humana compreende dois aspectos: a língua, que representa o código comum a todos os falantes da língua em questão, e a fala, que é a materialização da língua em situação de uso de cada indivíduo em uma comunidade. Podemos dizer, então, que a fonética relaciona-se à fala, com suas particularidades, e a fonêmica relaciona-se à língua em termos de sistema lingüístico. A fala seria estudada pela fonética acústica e articulatória, e a língua, em seu conteúdo, pela fonêmica.

Quando falamos emitimos uma série de sons, porém, estes sons no momento de sua produção podem estar, ou não, condicionados por determinados contextos fônicos que os circundam. Em português, por exemplo, temos o fonema /k/ plosivo, velar, desvozeado que, foneticamente, pode ser produzido com a propriedade secundária de labialização quando seguido de uma vogal arredondada, /ɔ,o,u/, como em “cubo” [‘k^wub^wu]; ou com a propriedade secundária de palatalização quando é seguido de vogais anteriores, /i,e,ɛ/, principalmente, diante do /i/, como em “quilo” [‘k^jil^wu]. Estas diferenças fonéticas não alteram o significado das palavras e são tão sutis que o falante nativo não chega a percebê-las.

Em outra situação, é possível que uma pessoa, ao se encontrar no estágio de avanços e retrocessos em relação às convenções da norma ortográfica, isto é, sem dominar totalmente as regularidades e irregularidades desta, escreva a palavra “casa” conforme a sua pronúncia ca[z]a. Figueiredo (1991, p.67), ao estudar as “interferências fonéticas na ortografia”, diz que o processo revela a grande dificuldade de apropriação da escrita na relação fonema, som e letra. Se, por um lado, demonstra a tendência de pessoas semi-alfabetizadas e de pouca formação escolar de transporem para a escrita os sons emitidos na fala, por outro lado, torna-se, cada vez mais recorrente, hoje em dia, o uso de traços de oralidade na escrita com finalidade estilística, tanto na publicidade como na propaganda, e, dependendo do contexto, um falante pode improvisar uma fala diferente ao realçar as vogais abertas, a lentidão ou outros processos da prosódia para caracterizar a situação do momento, o falar de uma região ou para provocar risos.

Numa relação desse tipo, a letra ou grafema pode ser realizado por diferentes sons que podem representar fonemas ou alofones (variantes fonéticas). Quer dizer, não há uma correspondência biunívoca obrigatória entre letra e som, cada grafema pode corresponder a diferentes fonemas, e um único fonema, a vários grafemas. Em português, por exemplo, o som [z] pode ser representado pelos grafemas “z”, “s” ou “x”, como em “zebra”, “zero” [‘zebra – ‘zeru]; pelo “s”, como em “casa” [‘kaza]; pelo “x”, como em “exame” [e’zâmi]; o som [s] pode ser representado, ortograficamente, pelo “s”, como em “seis” [‘seis], pelo “ss”, como em “pássaro” [‘pasaru], pelo “ç”, como em “caça” [‘kasa], pelo “x”, como em “auxílio” [aw’silju]; em outros casos, pode haver a combinação de letras “lh”, “nh”, “ch” para indicar um determinado som [ʎ], [ɲ], [ʃ], como em “mulher”, “ninho”, “chuva” [mu’ʎe – ‘nîɲu – ‘ʃuva]; ou uma única letra, representando mais de um som, como o “x” na palavra “sexo” [‘seksu]; ou ainda, em que uma letra pode não ter correspondente sonoro, como o “h” em “hoje” [‘oʒi].

Os fonemas e suas variantes são identificados por meio de critérios de oposição, distribuição complementar, semelhança fonética e variação livre. Pelo critério de oposição distinguimos os fonemas de uma língua, isto é, os sons que têm valor distintivo. O procedimento é buscar dois signos idênticos, em todos os seus aspectos, exceto em um segmento, são os chamados pares mínimos. No caso dos róticos no PB, por exemplo, podem ser encontrados, contrastivamente, dois tipos de róticos na posição intervocálica, um vibrante múltiplo /r/ e outro vibrante simples /r/: murro/muro; erra/era. Nas demais posições, a realização fonética do rótico é variável e, dependendo da região, pode alternar com as fricativas [x], [h] e com o [Ø]. O método dos pares mínimos foi desenvolvido no modelo estrutural, mas é utilizado por outras teorias porque permite determinar os fonemas que os falantes reconhecem como elementos do seu sistema fonológico de forma objetiva.

O critério para agrupar os alofones como variantes de um mesmo fonema chama-se distribuição complementar. Segundo este critério se dois fones ocorrem em ambientes exclusivos, eles podem ser considerados como alofones de um mesmo fonema, em outras palavras, onde uma das variantes ocorre, a outra variante não ocorrerá. Por exemplo, podemos ilustrar com a distribuição dos alofones róticos [h, ɦ, x, ɣ] em posição pós-vocálica, em que [h], [x] ocorrem antes de consoantes desvozeadas, como em “porta” – po[h]ta, po[x]ta, e [ɦ],

[ɣ] ocorrem antes de consoantes vozeadas, como em “corda”- co[h]da, co[ɣ]da, caracterizando uma alofonia posicional. São variantes posicionais quando “[...] os sons tendem a ser afetados por seus contextos lingüísticos”. (PIKE, 1947). Estes contextos podem ser:

- efeitos dos sons vizinhos;
- a posição em ocorrência em unidades maiores (sílabas, palavra, sintagma);
- efeito de elementos supra-segmentais (acento, tom);
- informações lexicais, como nome, verbo, adjetivo.

Há um tipo de alofonia que não depende do contexto, em que os alofones são chamados variantes livres. O falante pode usar uma ou outra pronúncia. Por exemplo, é variação livre, em português, a alternância de vogal oral e nasal em posição pré-tônica. “Em vários dialetos do Nordeste do Brasil toda vogal (tônica ou pré-tônica), seguida de consoante nasal é obrigatoriamente nasalizada: ‘c[ã]ma’ e ‘c[ã]mareira’”. (SILVA, 1999, p.121). A execução do **r** ortográfico em posição inicial, dependendo da região, pode manifestar-se como uma fricativa [x,h], ou como um tepe [r], isto é, há variação livre desses segmentos, como em “rato” – [x]ato, [h]ato, [r]ato.

Quer se tenha uma vibração múltipla da língua junto à arcada dentária superior, ou uma vibração do dorso da língua junto ao véu palatino, ou uma tremulação da úvula, ou apenas uma forte fricção de ar na parte superior da faringe, as formas em que aparecem essas execuções, tão diversas, continuam a ser uma forma lingüística única, no seu uso e sentido. (CÂMARA JR., 1976, p.15-6).

Numa visão atual, teorias que estudam a variação lingüística demonstram que a variação livre, na verdade, é condicionada por fatores estruturais e/ou extralingüísticos, como sexo, idade, grau de escolaridade, localização geográfica, dentre outros. Enquanto alguns estudiosos enfatizam o aspecto contrastivo (CALLOU et al., 1996; OLIVEIRA, 1983; MONARETTO, 1997), outros discutem, também, os aspectos variáveis, como no nosso caso. Dessa forma, a variação atestada nos sistemas sonoros pode expressar, não somente, aspectos distribucionais, mas também outros aspectos, como os sociais e psicológicos.

O que tipicamente é caracterizado como sendo um determinado som pelo Alfabeto Internacional Fonético, digamos p, de fato ele tem múltiplas representações numa mesma língua, embora possa ser interpretado como pertencendo a uma mesma categoria segmental naquela língua. (SILVA, 2006, p.14-4).

Segundo Albano (1999, p.23-50), a informatização dos programas de análise acústica desencadeou a instalação de laboratórios de fonética experimental no Brasil, conseqüentemente, as análises acústicas começaram a revelar detalhes, antes, não captados pelas análises impressionísticas.

Apesar de todo este avanço, notamos que ainda há uma escassez de estudos acústicos e articulatórios sobre os róticos (sons relacionados ao **r**). Estes sons, por sua complexidade articulatória, apresentam problemas tanto na sua produção, como na sua descrição e uma grande variação na sua realização fonética. A esse respeito Abaurre; Sândalo (2003, p.174) observaram que:

A maioria dos trabalhos em fonologia do português se baseia em transcrições de ouvido, exclusivamente, o que freqüentemente acarreta erros. É importante salientar que estes erros de transcrição podem, em grande parte das vezes, levar a erros de análise.

Cagliari (1997, p.11), afirma que, “[...] de um modo geral, as fonologias não-lineares estão baseadas quase que exclusivamente na fonética articulatória, não tendo incorporado (ainda) a fonética tal qual praticada nos laboratórios de fonética”. Head (1987, p.22), no seu trabalho sobre o ‘r caipira’, ressalta a importância de pesquisas com dados de análise instrumental, em laboratório de fonética, a fim de detectar de forma mais precisa as semelhanças e diferenças articulatórias, acústicas e auditivas entre as variantes. Pesquisas nesse sentido poderiam, também, ajudar a esclarecer a questão das diferenças de grau manifestadas nos processos articulatórios.

1.4 Aspectos Variáveis dos Róticos no Português

1.4.1 Considerações históricas

Com a difusão do latim, iniciou-se, na Língua Portuguesa, um processo de mudança latino-portuguesa. Segundo Zágari (1988, p.107), “[...] a quantidade consonantal perdeu a relevância. Houve desfonologização: a perda de uma oposição distintiva. [...] as geminadas – todas – se simplificaram”. Essa simplificação reescreveu as consoantes dobradas em simples, a saber:

$C1C2 \rightarrow C3$, onde: $C1 = C2 = C3$.

A partir daí, outras transformações foram sendo implementadas no latim vulgar, tais como, a sonorização das surdas simples (vita > vida), o processo de matátese no **r** simples – *semper* > *sempre*, *inter* > *entre*, *dentre* outros.

O fonema /r/ do português é proveniente do **rr** latino (vibrante apical múltipla) que se opunha ao /r/ (vibrante simples – de uma só batida), o tepe (ou flap). Era uma oposição que levava em conta a quantidade de vibração da língua na articulação do segmento consonantal em posição intervocálica. Esta oposição permaneceu no espanhol e no italiano, e desapareceu no francês moderno. Somente mais tarde, com a uvularização das vibrantes apicais, passou a apresentar uma diferenciação qualitativa, com uma mudança no ponto (de anterior para posterior) e no modo de articulação (de vibrante alveolar para fricativa velar ou glotal).

Segundo Malmberg (1954, p.83), a uvularização do **r** apical deu-se quase simultaneamente, “[...] em muitas línguas da Europa ocidental: no francês, no alemão, no holandês, no dinamarquês, em sueco e em norueguês. Análoga tendência se registra no norte da Itália, em português e nalgumas regiões de língua espanhola da América”. Portanto, podemos observar que o **r** é uma consoante controvertida quase universalmente.

Em relação ao fonema /r/ e à geminada correspondente /rr/, igualmente relevante, para Zágari (1988, p.131), a história é diferente, pois,

É a única oposição de quantidade que permaneceu, porque /rr/ se diferencia de /r/ não somente pela quantidade, mas também pela pronúncia forte. Quer dizer que a permanência da quantidade sob uma manifestação ‘*fortis*’ teve como conclusão a não alteração na ordem das vibrantes, e não mais, geminadas face a uma simples.

Viana (1973, p.105), a quem a lingüística portuguesa muito deve, principalmente, no aspecto fonético, afirma que “[...] a consoante rr não poderá ser vista como o redobro de r, porque os pontos onde as duas consoantes são produzidas não são idênticos: sua unidade de força é diferente”. E, descrevendo a vibrante múltipla, diz que:

A ancípite central vibrante rr (r) é o r inicial ou rr dobrado das línguas neo-latinas, exceto o francês. Ela é pronunciada um pouco mais para trás que o r simples, e é geralmente lingual. [...] Algumas vezes pronuncio o r inicial como uma fricativa sonora, uma espécie de rz. Encontrei raramente esta particularidade na pronúncia de outras pessoas portuguesas. Este r fricativo sonoro é entretanto muito freqüente na pronúncia de brasileiros [...]; não saberia dizer, todavia, até que ponto esta pronúncia

é individual ou dialetal; eu a notei entre os naturais de Pernambuco e de São Paulo. (1973:102).

A variação da vibrante forte, em português, segundo Câmara Jr. (1976, p.16), corresponde a um “[...] estado de flutuação fonética, que no plano descritivo, ou sincrônico, é a contraparte de um lento trabalho diacrônico, que vai pouco a pouco ganhando novas áreas de falantes”. Essa marcha diacrônica ocorre, segundo Câmara Jr.,

[...] no sentido da substituição da articulação ântero-bucal (vibração múltipla da ponta da língua junto aos dentes superiores) por uma vibração posterior, que vai da vibração raiz da língua junto ao véu palatino à tremulação da úvula e à mera fricção faríngea; [...] processo análogo ao que já se completou em francês parisiense, com a consolidação da articulação uvular do chamado *r grasseyé*.

Complementando esse posicionamento, Malmberg (1954, p.07) diz que “A evolução lingüística não é apenas um fato de mudança fonético-fonológica. No entanto, as modificações freqüentemente começam com modificações de pronúncia. As distinções se enfraquecem e acabam por desaparecer”.

Com respeito à descrição da vibrante múltipla, Marroquim (1934, p.93) diz que, de um modo geral, “Em português, o r inicial é sempre forte, rr”. Quanto à mudança de articulação, observou que, no Nordeste,

O r forte, inicial e medial, realmente, sofre uma notável mudança de ponto de articulação no falar nordestino. Passa de lingual dental tremulante, para gutural ligeiramente tremulante, com um sensível som aspirado. A articulação é no fundo da garganta e essa peculiaridade prosódica não sofre restrição. É de todos nós, cultos e incultos [...] Quem quer que pronuncie o r lingual palatal tremulante, cairá no reparo geral por falar de modo pedantesco. (Id.Ibid.p.35).

No Ceará, segundo Martinz de Aguiar (1996, p.77), “O r forte cearense é uma consoante velar que se articula com o tronco da língua aproximado do palato mole”, a quem contrapomos o posicionamento de Macambira (1985, p.270) quando diz que:

[...] o nosso r vibrante se manifesta somente em dois contextos: entre vogais, como em Ceará, e após consoante como em Brasil. [...] Em outros contextos, isto é, no início e no fim do vocábulo (rosa, flor), bem como seguido por consoante (porta), o r cearense é aspirado, surdo ou sonoro, à semelhança do inglês home e perhaps. [...] O nosso rr é mais propriamente um som aspirado, como o h do inglês e do alemão, do que a fricativa dorso-velar do espanhol e do russo: mais um (h) do que (x). (Id.Ibid.p.265).

Preliminarmente, buscamos uma explicação para a causa dessa mudança através do Princípio da economia, segundo o qual “[...] utilizam-se, ao máximo, elementos simples antes de recorrer aos elementos complexos”. (MALMBERG, 1993, p.19). Este princípio é perceptível em qualquer um dos níveis de análise lingüística (as palavras breves, por exemplo, são mais freqüentes que as palavras longas; o /y/ é mais complexo do que o /i/ que não tem labialidade; a vogal nasal é mais complexa que a oral correspondente), mas é no nível fonético-fonológico que se sobressai através de processos como assimilação, juntura, apagamento, nasalização, dentre outros, o que demonstra uma tendência natural da língua para facilitar a articulação dos sons.

Se a vibrante e a lateral são consoantes complexas que compartilham de uma série de propriedades fonéticas, reforçam a perspectiva de dificuldade articulatória. Para Malmberg (1954, p.84), “Trata-se de um enfraquecimento da pronúncia da consoante – uma espécie de degeneração, se aceitarmos o vocábulo”. Segundo o autor, esta nova pronúncia do **r** “[...] parece que é um fenômeno urbano que teve origem nas classes superiores das cidades e que só lentamente penetrou na pronúncia da gente da província”. Em Sociolingüística, trata-se de uma mudança de cima para baixo, o que é muito raro.

Além desses posicionamentos a respeito de ponto e modo de articulação dos róticos, discussões em torno do *status* fonológico das diferentes variantes dos róticos na língua portuguesa, vêm de longa data e continuam em pauta ainda hoje. Segundo a literatura da área, há duas interpretações a respeito: a primeira, de base estruturalista, admite que em português há duas vibrantes: a múltipla e a simples; a segunda, seguindo a maioria dos gerativistas, defende apenas um rótico subjacente no português que, para uns é a vibrante múltipla e, para outros, é a simples.

Para o PE, encontramos em Mateus (1982, p.85), a seguinte afirmação:

O problema da postulação de uma ou duas vibrantes em matriz fonológica é mais controverso do que o correspondente problema com relação às laterais ou às sibilantes. Na realidade existe, em fonologia estrutural, a possibilidade de considerar que uma consoante não especificada /R/ se manifesta como [r] quando está isolada entre vogais, ou se apresenta como /R/ quando está seguida de outra consoante igual. [...] Sem repetir os argumentos que são apresentados por Morais Barbosa (Cf.Barbosa, 1965, pp.195-202), acrescento algumas razões que me levam a estabelecer a integração de /r/ e /R/ na matriz fonológica:

- a) não existe qualquer regra, no modelo gramatical do português que proponho, de cuja actuação resulte um tratamento diferente para uma consoante simples e para a mesma consoante geminada;
- b) a relação entre um r «simples» e um r «múltiplo» pode evidenciar um diferente tratamento da consoante quando simples ou geminada; todavia, quando a diferença entre as duas consoantes não é apenas de número de «batimentos» (o que sucede no português actual, em que /r/ é $\begin{bmatrix} + \text{ant} \\ + \text{cor} \end{bmatrix}$ e /R/ é $\begin{bmatrix} - \text{ant} \\ - \text{cor} \end{bmatrix}$, deve considerar-se que os dois segmentos são entendidos como distintos pelo falante;
- c) dentro do sistema fonológico do português, a existência do /R/ é simétrica da presença das duas soantes [- ant] (/ʎ/ e /ɲ/) e representa um certo tipo de equilíbrio da estrutura.

No PB, Câmara Jr. (1953), em sua primeira proposta para a interpretação dos róticos, é uma exceção entre os estruturalistas, ao sustentar a existência de apenas um fonema rótico para o português, e que é uma vibrante e não, um tepe. Nas suas palavras,

A líquida vibrante, assim considerada um só fonema, na base da sua articulação forte, apresenta, além do alofone posicional que é o /r/ brando, uma variação livre como velar, que facultativamente, no sistema da língua, substitui a sua vibração anterior múltipla. (1953, p.110).

Nesse caso, a vibrante poderia ser geminada, em posição intervocálica, como qualquer outra consoante no sistema consonantal latino. Câmara Jr. (1953, p.106) diz que “Em Roma, uma oposição como *ferum/ferrum* é do mesmo tipo que *casus/cassus*, *colis/collis*, *ager/agger*”. Segundo o autor, não se trata de um contraste entre vibrante múltipla e vibrante simples “[...] senão de um grupo de duas consoantes iguais, entre as quais incide a fronteira silábica”. (Id.Ibid., p.106). O /r/ múltiplo é o prolongamento do /r/ latino, mantido – como as demais consoantes – em posição inicial ou medial não-intervocálica, e o /r/ brando seria interpretado como uma variante posicional enfraquecida, em um ambiente intervocálico, isto é, quando não geminado realizar-se-ia como um tepe entre vogais.

Mais tarde, partindo do ponto de vista estruturalista, Câmara Jr. (1977, p.17) leva em consideração que há uma posição de contraste – a posição intervocálica – e abandona esta interpretação em favor de uma análise que suporta a existência de dois róticos em português:

[...] o /r/ forte (seja múltiplo, ou velar, ou uvular, ou fricativo) é um fonema oposto ao /r/ brando (um único golpe vibratório da ponta da língua junto aos dentes superiores), porque com ele se distingue *erra*, de *era*, ou *ferro*, de *fero*, ou *carro*, de *caro*, ou *corre*, de *core*, e assim por diante.

Abaurre; Sandalo (2003, p.149), no quadro da fonologia gerativa, defendem uma interpretação de que o chamado erre forte nas línguas ibéricas é um epifenômeno de dois erres adjacentes, isto é, um efeito do Obligatory Contour Principle (Princípio do Contorno Obrigatório – OCP), segundo o qual, elementos adjacentes idênticos são proibidos, sempre levam ao apagamento do primeiro elemento. E, como Câmara Jr. (1953), defendem que o fonema rótico do português é a vibrante. Neste artigo, a análise que realizam “[...] permite sustentar um princípio universal contra segmentos adjacentes idênticos, com base no português, sem perder em simplicidade”. Outro ponto, em favor dessa análise,

[...] é que podem prever a direção da mudança lingüística: “r > x por perda de traços de pontos e implementação do default > debucalização (fricativa glotal), processo que parece estar em curso nos dialetos mais conservadores; ou r>R > debucalização, processo que parece estar em curso em dialetos como o do Rio de Janeiro.” (Id.Ibid.p.177).

Bárbara Lopez (1985) e Monaretto (1994) defendem a idéia de que o português possui apenas um fonema rótico subjacente – o tepe. Lopez (1985, p.154) apóia-se nas seguintes evidências:

- em posição final de palavra, só a vibrante branda ocorre, o que se revela quando se acrescenta o morfema de plural ou um morfema derivativo (*mar, mares, marítimo*);
- em *carro*, a vibrante tem o mesmo ambiente do que em *mar+res*, ou seja, entre vogais;
- a vibrante forte não assimila a sonoridade da consoante seguinte que a segue como acontece com as obstruintes em final de sílaba;
- em grupos consonantais só o r brando ocorre;
- em início de sílaba, é possível interpretar o r como brando nos casos em que se acrescenta um prefixo terminado por uma consoante à palavra iniciada por [x] como, por exemplo, em *in+regular*. Neste caso, o /n/ assimila a consoante inicial da raiz (*in > rr*), e a combinação /rr/ torna-se foneticamente forte.

Monaretto (1994, p.156), fundamentando-se na análise de Harris (1983, p.68) para o espanhol, diz o seguinte: “[...] na posição intervocálica, ambiente esperado para contraste, quando existir *r-forte*, este será o resultado da união de dois *r-fracos*”. Por exemplo, na palavra *caro*, o fonema da subjacência se superficializa, e, na palavra *carro*, encontram-se duas vibrantes fracas, uma em posição de final de sílaba, como *car*, outra em posição inicial como *-ro*, que juntas formam uma vibrante forte. “Os casos em que não há geminadas e ocorre a variante da vibrante forte na superfície, como em início de palavra e depois de consoante (*rato e genro*), são o resultado de uma *Regra de Reforçamento*, que converte a vibrante fraca em forte”: (1994, p.157).

Regra de Reforçamento de /r/

/r/ > [r̃] # _____
 C \$

Quanto às nossas gramáticas, dentro de uma proposta pedagógica e normativa, demonstram motivada preocupação em estabelecer que há movimento vibratório ou tremulação e, que, ortograficamente, existem dois tipos de **r**: r simples e rr múltiplo. Bechara (2001, p.70) vai um pouco além da classificação das consoantes e faz observações sobre a zona de articulação de alguns fonemas, dentre eles, a vibrante múltipla: “O /rr/ alveolar pode ser proferido como velar, graças ao maior recuo da língua”.

Cunha (1986, p.54) tenta harmonizar, na classificação das consoantes, a Nomenclatura Gramatical Brasileira com as normas estabelecidas para a língua do teatro culto no Primeiro Congresso de Língua Falada no Teatro, consideradas exemplares de nossa pronúncia pelo Conselho Federal de Educação. A seguir, o autor apresenta umas variantes para o /r/, que são realizadas em algumas localidades, mas não chega a indicar em que contexto ocorrem. E adverte:

1ª) Classificamos o /r/ como uma consoante velar por ser esta a pronúncia normal no Rio de Janeiro e em extensas áreas do País. Saliente-se, porém, que na pronúncia normal portuguesa ele é uma vibrante ápico-alveolar múltipla, realização que também ocorre no Rio Grande do Sul e em outras partes, não bem delimitadas, do nosso território. Apontem-se ainda, entre as realizações que apresenta no Brasil, a de vibrante dorso-uvular múltipla [r̃] (no português popular do Rio de Janeiro e de outras áreas) e a de vibrante linguopalatal velarizada múltipla, que é a do [r̃] chamado caipira, característico da região Norte de São Paulo e Sul de Minas Gerais.

1.4.2 As realizações dos fonemas /r/ e /r/

Nascentes, em importante trabalho filológico intitulado, *Origem das letras*, define cada letra de per si. Quanto ao **r** diz que:

“R – Os romanos chamavam *er*. Vem do som inicial do *rô* grego, do fenício *resh*, em hebraico *rex*, cabeça, arco da cabeça. Era o R simples, até no começo das palavras. A forma *rô* foi aproveitada para o P, de modo que houve necessidade de criar outra para o R e se pôs no P um traço diacrítico”. (HENRIQUES, 1998, p.72).

Mateus; Xavier (s.d., p.98) definem a consoante vibrante como uma “[...] consoante produzida através de batimentos rápidos de um dos órgãos articuladores contra

outro. Em português esses batimentos podem ser produzidos pela ponta da língua contra os alvéolos ([r] apical), como na palavra «caro», ou pela úvula ([R] velar), como na palavra «carro»”.

Na descrição dos róticos, em português, Câmara Jr. (1977, p.39), também, leva em conta o aspecto da quantidade de vibração. Diz que:

[...] nas vibrantes a língua vibra, quer num só golpe junto aos dentes superiores, para /r/ brando, quer, para o /r/ forte, em golpes múltiplos junto aos dentes superiores, ou em vibrações da parte dorsal junto ao véu palatino, ou em vez da língua há a vibração da úvula, ou se dá além do fundo da boca propriamente dita uma fricção faríngea.

Partindo da posição intervocálica, Câmara Jr. (1977, p.38) elencou 19 fonemas consonânticos portugueses:

/p/ : /b/ : roupa:rouba; /t/ : /d/ : rota:roda; /k/ : /g/ : roca:roga;
 /f/ : /v/ : mofo:movo; /s/ : /z/ : assa:asa; /ʃ/ : /ʒ/ : queixo:queijo;
 /m/ : /n/ : /ɲ/ : amo:ano:anho;
 /l/ : /ʎ/ : mala:malha;
 /r/ : /r/ : erra:era.

O critério para as oposições distintivas partiu da distribuição em consoantes oclusivas, constrictivas, nasais, laterais e vibrantes. Foram classificados como fonemas consonânticos puros, os plosivos e fricativos, enquanto os nasais, laterais e vibrantes se associam por meio de uma combinação do consonântico com o vocálico.

Em posição pós-vocálica, o quadro das consoantes é bem menor. A rigor, as únicas consoantes pós-vocálicas possíveis, segundo Câmara Jr., “[...] são as líquidas (*mar, mal*) e as fricativas não labiais (*pasta, rasgo, folhas etc.*)”. (Id.Ibid.p.41). Cada uma das quais apresenta diferentes realizações fonéticas ou, mesmo, apagamento, no PB, reduzindo-se a: /l/, /S/, /N/ e /R/.

- o /l/ pode ser realizado como alveolar, velar ou sofrer processo de vocalização, cujo resultado é, segundo Câmara Jr. (1977, p.41), “[...] um /u/ assilábico, e mal torna-se homônimo de mau, vil de viu e assim por diante”. E, na linguagem popular, pode passar a [h] – “alma” – /’aʎma/ – a[w]ma – a[ɲ]ma;

- as quatro consoantes sibilantes /s, z, ʃ, ʒ/, em posição pós-vocálica, perdem a propriedade contrastiva, sendo representadas, neste processo de neutralização, pelo /S/ – “mesmo” – /'meSmu/ – me[z]mo; “desde” – /'deSdi/ – de[ʒ]de;
- as nasais, em posição pós-vocálica medial, não são consoantes plenas e, em final de palavra, sofrem processo de desnasalização – “viagem” – viage[Ø]; realizam-se, também, como arquifonema nasal /N/ (marcados pela ressonância nasal) nas vogais nasais – “sim” – /'siN/ – [ˈsî];
- o rótico, em posição pós-vocálica medial ou final, pode manifestar-se como uma consoante fricativa [x, h, ħ, ɣ]. Utilizamos o símbolo /R/ para representar o fonema que se relaciona a esses alofones róticos. Neste contexto, a consoante rótica pode manifestar-se, ainda, como tepe, retroflexo ou sofrer apagamento.
 - “porta” – po/R/ta – po[r]ta, po[h]ta, po[x]ta, po[ɹ]ta
 - “corda” – co/R/da – co[r]da, co[ħ]da, co[ɣ]da, co[ɹ]da
 - “cantar” – canta/R/ – canta[h], canta[r], canta[Ø]

Gonçalves Viana (1973, p.158-9), ao classificar as consoantes quanto ao modo de articulação, divide a categoria das **contínuas** em duas classes:

[...] das ancípites *l, l[h], r, ř* (em que a passagem do ar não é de todo vedada pelos órgãos factores, e a consoante é emitida durante o contacto parcial); e das **resonantes** ou **nasaes**: *m, n, n[h]* (em que no momento da separação súbita dos dois órgãos factores, já o ar adquiriu ressonância nas fossas nasaes). [...] As ancípites dividem-se em duas sub-classes: ou a passagem do ar se opera nas margens da língua, formando esta, contacto no centro, e neste caso a ancípite é lateral: *l*; ou essa passagem é effectuada pelo centro, e então a ancípite é central: *r, ř*. [...] Há duas variedades de ancípite central. Na primeira, o ar é expellido de uma vez sem interrupção, e a consoante chama-se ancípite **lene**: o *r* de **caro**; na 2ª variedade a expiração do ar é intermitente, por contactos sucessivos, mais ou menos repetidos, resultantes da vibração comunicada ao órgão activo, e assim, a ancípite central tem o nome de **vibrante** ou **vibrada**: o *r* de **carro**, que representamos pelo símbolo tradicional (R).

Do ponto de vista do órgão articulatorio, em nível fonêmico, há dois tipos de róticos em português: um anterior ou ápico-alveolar /r/ e um posterior velar ou uvular /r/. Do ponto de vista fono-articulatorio, há em português dois fonemas róticos: um que se manifesta, quase sempre, como um tepe alveolar vozeado, tradicionalmente, denominado “r fraco” ou “vibrante simples”, cujo símbolo é /r/, e outro que pode variar, consideravelmente, sua realização, chamado “r forte” ou “vibrante múltipla”, cujo símbolo é /r/.

Com base na análise fonológica estruturalista, Silva (1999, p.160) diz que há dois tipos de /r/ em português, “r fraco” e “R forte”, que se distribuem da seguinte forma:

- **Contraste fonêmico entre vogais: caro/carro**
- **Outros ambientes**
 - seguindo consoante na mesma sílaba: prato (“r” fraco);
 - início de palavra: rato;
 - seguindo consoante em outra sílaba: Israel;
 - final de palavra: mar;
 - final de sílaba: carta.

Conforme a distribuição acima, fonologicamente, os dois fonemas /r/ e /r/ se opõem somente em posição intervocálica, no interior da palavra, como em: “caro” – ca/r/o, “carro” – ca/r/o, “muro” – mu/r/o, “murro” – mu/r/o. Levando em conta, também, a quantidade de vibração, a autora diz que “Este contraste fonêmico pode manifestar-se pelo número de vibrações da língua na articulação do segmento consonantal: vibrante simples em “caro” [‘karʊ] e vibrante múltipla em “carro” [‘kaʀʊ]”. (Id.Ibid.p.160). Em posição não-intervocálica, utilizando a noção *pragueana* de neutralização do sistema de oposições, Câmara Jr. (1977, p.38) diz que “[...] há uma neutralização entre /r/ forte e /r/ brando, em proveito do primeiro membro”, isto é, eles se neutralizam no arquifonema /R/, o qual só pode ser utilizado em transcrição fonêmica. Seguindo consoante tautossilábica (na mesma sílaba), ocorre somente a vibrante simples /r/ – “prato” – /pra/to.

Foneticamente, os dois fonemas róticos apresentam variações. O vibrante simples, dependendo da região, pode ocorrer em final de sílaba, como em “porta” – po[r]ta, “mar” – ma[r], pronúncia típica do Centro-Sul do Brasil. Pode variar, ainda, como retroflexo [ɹ], quando na sua pronúncia, a ponta (ou ápice) da língua faz um movimento para cima e para trás (velarização). Esta pronúncia, articulatoriamente classificada como ‘retroflexa’ e socialmente denominada ‘r caipira’, é traço de identidade local de algumas regiões brasileiras, independentemente de classe social, grau de escolaridade e gênero. Segundo Head (1978:21-34), “[...] a variante tepe retroflexo ou caipira é típica da região sul de Minas Gerais (São Domingos) e do norte de São Paulo (Piracicaba, Capivari, Itu, São Luís de Paraitinga e Franca), mas não de São Paulo capital”.

O vibrante simples [r] é encontrado na literatura lingüística, ora como ‘r brando’ (CÂMARA JR., 1977, p.38), ora como ‘r fraco’ (SILVA, 1999, p.160), ‘ancípite central lene’,

(VIANA, 1973, p.158), tap – tepe (CAGLIARI, 1981, p.185), flap ‘tapinha’ (MACAMBIRA, 1985, p.70). Algumas dessas denominações levam em conta a quantidade de vibração, outras, a tensão e distribuição na sílaba (em início de sílaba, segunda a posição no grupo consonantal, na posição pós-vocálica interna ou externa), enfim, distinguem-se, um do outro, em termos fisiológicos (articulatórios), embora nem tanto auditivamente.

O vibrante múltiplo varia amplamente de região para região, podendo manifestar-se como uma fricativa em início de palavra, como em “rosa” – [h]osa, em final de sílaba – “mar” – ma[h], apresentando como variantes as fricativas [x,ç,h,ɦ], cuja distribuição de [x, h] e [ç, ɦ], em limite de sílaba no meio da palavra, dependerá do contexto da consoante seguinte, se vozeada ou desvozeada. Este processo chama-se assimilação e ocorre quando um segmento adquire uma propriedade do segmento que lhe é adjacente, como por exemplo, na palavra “carta”, o r em final de sílaba e adjacente ao segmento desvozeado [t], será desvozeado – ca[h]ta; em “corda” será vozeado, por estar adjacente ao segmento vozeado [d] – co[ɦ]da. Portanto, em posição pós-vocálica final é possível encontrarmos o vibrante simples e/ou o vibrante múltiplo.

O vibrante múltiplo pode, também, se manifestar seguindo consoante em outra sílaba, como em “genro” – gen[h]o. Sobre este aspecto, podemos mostrar que há um conhecimento tácito da estrutura fônica do português. Por exemplo, ao escolher entre as duas pronúncias – ban[r]isul ou ban[h]isul – o falante nativo dirá – ban[h]isul. Quer dizer, há um conhecimento arraigado de tal forma que, mesmo, sem nenhum conhecimento sobre estrutura fonológica da língua, o falante é capaz de saber que o tepe vibrante simples pode ocorrer entre vogais, mas nunca nesta posição.

Em posição pós-vocálica medial e final de palavra, pode ocorrer o apagamento do vibrante múltiplo /r/, isto é, a sua não-realização (zero fonético) [Ø] – “terça” – te[Ø]ça, “amor” – amô[Ø], “cantar” – cantá[Ø], (Ver sobre este problema em Macambira (1985, p.153); Hora; Monaretto (2003, p.114); Callou et al (1998, p.61), ou, ainda, em posição final, a consoante rótica passar de pós-vocálica (implosiva) a pré-vocálica ou crescente [r], ao ligar-se à vogal inicial da palavra seguinte, como em “por exemplo” – [pore’zêplu].

No PE, a vibrante em posição pós-vocálica é, geralmente, apresentada sem variação e com a especificidade fonética de consoante não marcada Coronal [+anterior]. Mas a realização da apócope do /r/ neste idioma é, também, confirmada por Mateus (2003, p.188), quando diz que:

A atenção prestada ao discurso informal do português europeu no nível oral mostra-nos que, ao contrário do que se afirma, é possível a não realização do /r/ em coda, como no português do Brasil. Essa supressão, que se verifica em final de palavra quando a palavra seguinte se inicia por consoante, não depende só de factores sociolingüísticos como de começo se supôs. [...] mas é sensível a factores de carácter estritamente lingüístico.

A preocupação em estudar o fenômeno de apagamento do **r** em posição pós-vocálica, em final de vocábulo, não é de hoje. O processo surgiu com o estigma de demarcador social da classe dos iletrados. Conforme afirmam Callou; Moraes e Leite (1998, p.61), “[...] o processo, no século XVI, nas peças de Gil Vicente, era usado para singularizar o linguajar dos escravos”. Complementando, a autora referenciada, ressalta que “[...] o apagamento do **R** final tem sido considerado um caso de mudança de baixo para cima que, ao que tudo indica, já atingiu seu limite, e é hoje uma variação estável, sem marca de classe social”, e analisa este fenômeno como o resultado de um enfraquecimento da consoante implosiva que trava a sílaba. Ocorre o processo fonológico de travamento silábico, quando as sílabas formadas por vogal (V) ou por consoante e vogal (CV) tornam-se mais complexas pelo acréscimo de um segmento travador do tipo semivogal (anterior [j], ou posterior [w]), consoantes sibilantes, vibrantes, laterais, traço de nasalização, dentre outros, podendo ocorrer tanto no interior como no final das palavras.

Segundo análises anteriores, foi constatado que o uso de variantes do **r** está relacionado à posição que ele ocupa na sílaba, destacando-se a posição final de palavra como o contexto mais favorável ao apagamento. Para Callou; Leite (1993, p.73), “Em posição [final] absoluta, a consoante é débil e sua ausência é muitas vezes compensada por uma maior duração da vogal precedente”. A esse respeito, Marroquim (1934, p.75) afirma que “[...] assim como na formação do português, também, na variação dialetal, é a posição da consoante que regula a sua permanência. É forte, se inicial; fraca, se medial; fraquíssima, se final. Em geral, as consoantes iniciais se conservam”. Posto deste modo, em posição inicial, a consoante é crescente (pré-vocálica) e, portanto, articulatoriamente mais resistente.

Cunha (1968, p.76) aponta diferenças fonéticas entre o *português europeu e o americano* [sic.] que se têm acentuado nos últimos séculos. Segundo o autor, as línguas classificam-se em vocálicas ou consonânticas, conforme a tensão que imprimem às vogais e às consoantes. Desse modo, uma língua,

[...] ou se apóia nas vogais e relaxa as consoantes, ou, pelo contrário, tem o consonantismo forte e o vocalismo débil. O português era uma língua vocálica, e assim continua na modalidade brasileira. Há cerca de dois séculos começou o português europeu a seguir outra deriva, ou seja, a fortalecer as consoantes e a obscurecer as vogais átonas. [...] Um exemplo apenas. Ninguém ignora que o /r/ e o /l/ finais são, no Brasil, muito instáveis, realizando-se de múltiplas maneiras, inclusive da forma zero.

Há, portanto, uma estreita relação entre a estrutura silábica e a força consonantal. Através da força consonantal, torna-se possível localizar a consoante na sílaba, se explosiva (posição inicial), ou implosiva (final), bem como, a sua realização (plena ou enfraquecida), ou, ainda, a não-realização.

Teyssier (2001, p.103-4), comparando a pronúncia do **r** em final de sílaba no PB e em Portugal, observou que:

[...] em certos registros familiares e vulgares, o português do Brasil tende a suprimir o r final de palavras; ex.: doutô (doutor), pegá (pegar), fazê (fazer). Por uma reação o que permanece nos registros mais formais, é pronunciado nessa posição como [ř] (r forte de carro), quando em Portugal, nesse caso, o que se encontra é [r] (r brando de caro). O mesmo sucede em final de sílaba no interior da palavra; ex.: parte, certeza têm [ř] no Brasil, mas [r] em Portugal.

Assim, como afirma Câmara Jr. (1976, p.42), “[...] em português, a consoante vibrante forte (de *rato*, *erro* ou *tenro*) pode ter articulação linguodental «rolada», ou linguovelar, ou ser uma vibração uvular, ou mera fricção faríngea”. Em síntese, a variação lingüística dos róticos no PB pode realizar-se, foneticamente, através das variantes [r, r, x, ʁ, h, h̃, ɹ].

1.4.3 Pesquisas relacionadas aos róticos no português brasileiro

Da década de sessenta para cá, têm-se multiplicado nas universidades brasileiras, vários projetos locais, regionais e nacionais que resultam no conhecimento mais diversificado de nossa realidade lingüística. Primeiramente, do ponto de vista da Dialectologia e da

Geolingüística, os Atlas lingüísticos, cujos dados nos fornecem informações sobre variantes fônicas e sobre o léxico regional. Depois, vem a Sociolingüística, em nível regional, com uma série de projetos desenvolvidos, a exemplo do NURC, VARSUL, Censo, MFUL, PEUL, LUAL, PORCUFORT, VARPE, VALPB, Projeto da Gramática do Português Oral, que utilizam *corpora*, os mais variados, colhidos em diferentes regiões do país, possibilitando a realização de muitas pesquisas sobre diversos fenômenos de variação do português falado no Brasil.

Porque exibem, foneticamente, uma ampla variedade de modos e pontos de articulação, estudos sobre os róticos têm sido numerosos em nossa língua. De um lado, reunimos aqueles realizados por dialetólogos, filólogos e gramáticos, a exemplo de: Leite de Vasconcelos (1901), com sua *Esquisse d'une dialectologie portugaise*; Amaral (1920), em São Paulo, com *O dialeto caipira*; Aguiar (1922), com *Repasse crítico da gramática portuguesa*; Marroquim (1934), que faz um estudo sobre o português de Alagoas e Pernambuco em, *A língua do Nordeste*; Mendonça (1936), com *O português do Brasil*; Câmara Júnior (1953), com a análise sobre os fonemas do português do Brasil, em *Para o estudo da fonêmica portuguesa*; Cunha (1986), com sua *Gramática da língua portuguesa*; Silva Neto (1970), com *A língua portuguesa no Brasil*, dentre outros.

E do outro, há os que seguem a orientação variacionista quantitativa laboviana. Dentre eles, destacamos: Votre (1978), como pioneiro, sobre a vibrante em posição final de palavra na fala de alfabetizados e universitários do Rio de Janeiro; Oliveira (1983), sobre a fala de habitantes de Belo Horizonte; Callou (1979), com sua Tese de Doutorado, marca o início de estudos acerca do /r/ na fala urbana culta do Rio de Janeiro. Em estudos posteriores, Callou, Moraes e Leite (1996) estudam a variação do r em cinco capitais brasileiras (Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife); e, novamente, Callou (1998), somente no Rio de Janeiro; em Marquardt (1977), sobre a fala do Rio Grande do Sul, há observações sobre o zero fonético em posição final; Oliveira (1999), sobre o apagamento do /r/ em Salvador; Monaretto (2000), sobre o apagamento da vibrante pós-vocálica nas capitais do Sul do Brasil (Porto Alegre, Curitiba, Florianópolis); Monaretto (2002) estuda a evolução do apagamento da vibrante pós-vocálica em Porto Alegre; Oliveira (2002), em sua Dissertação de Mestrado, faz um estudo em Itaituba-PA; Lima (2003) estuda a pronúncia do /r/ pós-vocálico na cidade de Cametá – PA; Hora; Monaretto (2003) estudam o enfraquecimento e apagamento dos róticos em João Pessoa – PB.

São trabalhos de estudiosos que, embora, de orientação diversa, imprimem um caráter científico e sistemático a suas descrições e análises do português do Brasil, a começar pelos estudos dialetais, acima, citados. Alguns, em seus estudos, se voltam para o aspecto variacional dos róticos, outros apresentam a distribuição destes, há aqueles que se voltam para o aspecto contrastivo e, os que enfocam aspectos sociais, como as diferenças diastráticas, a questão do estigma (o povo, a classe inculta), e o aspecto diatópico. Como o processo tem se mostrado bastante produtivo e já realizado em várias localidades do Brasil, não perde sua importância ao tentarmos delinear a realização deste fenômeno na grande região metropolitana de Fortaleza, onde pretendemos suprir esta lacuna e, assim, contribuir para um maior conhecimento da nossa língua.

1.4.3.1 Os róticos no português brasileiro: pesquisas com abordagem dialetal

a) Amaral (1920), em *O Dialeto caipira*, faz um estudo sobre a linguagem popular e diz que pretende é “[...] *caracterizar esse dialeto ‘caipira’*, ou, se assim acham melhor, *esse aspecto da dialeção portuguesa em São Paulo*”. (1955, p.42). Esclarece que os fonemas do dialeto [sic.] são os mesmos do português, apresentando ligeiras variantes fisiológicas. Inclui a seguinte descrição para o ‘r caipira’:

r inter e pós-vocálico (arara, carta) possui um valor peculiar: é linguo-palatal e guturalizado. Na sua prolação, em vez de projetar a ponta contra a arcada dentária superior, movimento este que produz a modalidade portuguesa, a língua leva os bordos laterais mais ou menos até os pequenos molares da arcada superior e vira a extremidade para cima, sem tocá-la na abóbada palatal. Não há quase nenhuma vibração tremulante. Para o ouvido, este r caipira assemelha-se bastante ao r inglês pós-vocálico. (1955, p.47).

Analisando a descrição acima, Head (1987, p.06) diz que, “[...] embora A. Amaral (1920) não chame o ‘r caipira’ de ‘retroflexo’, os termos da descrição que ele apresenta tornam evidente esse aspecto da articulação”. E, mais adiante, continua:

[...] embora haja diferença entre a produção de uma retroflexa e a de uma consoante gutural, quanto ao órgão móvel que se desloca: a ponta (ou ápice) da língua no caso da retroflexa, o dorso da língua no caso de um som gutural (na garganta) [...] há algo de comum entre as suas articulações típicas: ambas representam processos de produção num sentido posterior. [...] desta forma, tanto a consoante retroflexa, como a chamada ‘gutural’ acusam velarização. (Id.Ibid.p.10).

Quanto à origem do “r caipira”, Amaral apresenta uma hipótese de origem indígena “Estes (os indígenas) não possuíam o rr forte ou vibrante, sendo de notar que com o modo de produção acima descrito é impossível obter a vibração desse último fonema”. (Op.cit. p.48).

Na época, as hipóteses a respeito da origem do ‘r caipira’ baseavam-se, via de regra, em fatores externos, tais como: o contato lingüístico (com línguas indígenas, africanas e americanas), ou até mesmo, o clima (as condições climatológicas). Head (1987, p.14), porém, em seu estudo sobre o ‘r caipira’, toma outra direção. Com base em dados lingüísticos internos, busca uma explicação sobre a origem dessa propriedade do dialeto caipira. Observa que as descrições da fonologia portuguesa apontam várias propriedades comuns entre os fonemas /r/ (vibrante simples) e /l/ (lateral não-palatal). É no domínio desse pequeno conjunto de elementos inter-relacionados que se abre uma perspectiva para explicar a origem da pronúncia do ‘r caipira’ que, em termos gerais, segundo o autor, “[...] seria a participação de /r/, junto com /l/, de algum processo de alternância e evolução dessas consoantes”.

Segundo Amaral (1955, p.52), o ‘r caipira’ comporta-se da seguinte forma:

Cai, quando final de palavra: andá, muié, esquecê, subi, vapô [...] Conserva-se em alguns monossílabos acentuados, tendo de certo influído a posição proclítica habitual: dôr, côr, cór, par. Conserva-se também no monossílabo átono [...] raras vezes, em palavras de mais de uma sílaba: amor, suor. Nos verbos, ainda que monossílabos, cai sempre [...].

A respeito do **r** chamado *caipira*, Cunha (1968, p.76) chega a dizer que “[...] praticamente desapareceu. [...] É hoje uma variante fonêmica mais folclórica do que lingüística em canções de artistas populares, como Alvarenga e Ranchinho”. Amaral (1955, p.42), também, faz previsão de que “Este (o dialeto caipira) acha-se condenado a desaparecer em prazo mais ou menos breve”, mas, até hoje, tal previsão não se confirmou. Pelo contrário, tomando São Paulo como ponto de irradiação, através das Entradas e Bandeiras, hoje, o “r caipira”, citado por diversos estudiosos, ora como retroflexa, ora vibrante retroflexa, ou aproximante coronal, dentre outros termos, encontra-se documentado em Atlas Lingüísticos regionais e estaduais e em pesquisas sociolingüísticas espalhadas, pelo Brasil, que permitem abordar com segurança, não apenas, a questão da extensão geográfica do ‘r retroflexo’, mas, também, sua frequência de uso.

b) Nascentes, em *O linguajar carioca*, se autodefine: “Filho de pais cariocas, nascido e criado no atual Distrito Federal, considero-me um legítimo representante da fala genuinamente carioca...”. (1953, p.26).

Dentre os diversos processos fonéticos que analisa e que têm a ver com o **r** está a apócope no infinitivo dos verbos. Nascentes (1953, p.51) diz que basta para explicar a apócope a precariedade da posição da consoante final. “R – Final, é pronunciado levemente pela classe culta. Os pedantes exageram. Na classe inculta cai [...]”.

Outro processo tratado por Nascentes é a questão da alternância do “l” em “r”. Comentando, diz que “[...] o fato também se passa em Portugal. [...] Parece mais que no Brasil resultou da influência do substrato tupi. [...] O tupi não tinha o som lê, mas possuía o rê (r brando). Era natural que trocasse o lê pelo rê”. E, observando o caso à luz da fonologia, diz que:

[...] a oposição entre laterais e vibrantes no Novo Mundo tende a enfraquecer-se ou a desaparecer. Os casos de r por l (assim como os de l por r), por abundantes que sejam, não constituem um câmbio fonético, [...] mas sim casos de trocas entre dois fonemas que existem e continuam existindo no sistema fonético funcionante. (Id.Ibid.p.55).

c) Aguiar, com os apontamentos que tem, diz que poderia fazer um trabalho mais abrangente, mas “[...] para mais completa exaço, quero restringir-me desse propósito, quero abranger apenas o Ceará, onde nasci de onde nunca me retirei, e cuja pronúncia, como já disse, há muitos anos estudo”. (1996, p.49). Ao realizar seu estudo sobre os diversos fonemas, separadamente, leva em consideração somente aqueles que oferecem divergências entre o ‘português geral e o português usado comumente no Ceará’. Segundo o autor,

Temos duas espécies de r, um brando e outro forte. Não havendo símbolo especial para o r forte, vemo-nos na contingência de dobrá-lo entre vogais, recurso com que evitamos más pronúncias. (Id.Ibid.p.100). [...] Final de sílaba, é em geral forte (representando-o por R), mas é brando (representando-o por r), como no português geral, antes de *q, g e p*: paRdal; mas *arco, carga, harpa*. Antes de *f, m e v*, ouvem-se as duas pronúncias aRfar e arfar; [...] Final de palavra, não é pronunciado pelo povo. As mesmas pessoas cultas nem sempre costumam emití-lo e, quando se querem esmerar, carregam nele de tal maneira, que o tornam áspero ao ouvido do próprio cearense. (Id.Ibid.p.77).

Com relação à apócope do **r**, diz que “[...] o fenômeno do desaparecimento [sic.] é, segundo o autor, também verificado em Portugal, onde desaparece facilmente antes da

consoante inicial da palavra seguinte: *trabalhá todo dia, comprá caro, se não fô muito tarde*". (Id.Ibid.p.77). Sobre o processo de alternância do l em r no falar cearense, como Marroquim, diz que:

[...] essa permuta não é normal no Ceará. No dialeto popular, [...] l passa a r em *descurpar, landra* (glândula), *craro*. [...]. Em *craro, landra e cramar*, explica-se perfeitamente: cl, dl=cr, dr. Mas, em *descurpar, forguedo*, quero crer que é a penetração de um pernambucanismo. Em Pernambuco e Alagoas é que é normal a passagem de lar. (AGUIAR, 1996, p.74).

d) Marroquim (1934, p.13), em *A língua do Nordeste*, contextualiza o local de onde fala ao dizer "No presente trabalho, estudo a língua popular de Alagoas [sic.] e Pernambuco, englobando as duas populações debaixo de um só aspecto dialetal. A formação histórica e étnica dos alagoanos e pernambucanos é uma só, e idêntica é a sua orientação lingüística".

Em seu estudo, Marroquim destaca, dentre vários processos fonéticos, a questão do apagamento do r em final de palavra. A apócope é um fenômeno geral no Nordeste. Ocorre não só com o "r", mas com o "l" e o "s", pois a posição final da sílaba não é privilégio apenas dos róticos. Há inúmeros processos de que participam juntos. Segundo o Marroquim (1934, p.77), "Na língua do povo todas as palavras terminam em vogal". Dessa forma, confirma o apagamento do r em final de palavra na linguagem popular e mostra, ao mesmo tempo, uma tendência à sílaba aberta. "O r e o l caem invariavelmente: *lugá, corrê, andá, alugué, animá, papé, currá*. Nas classes cultas, no falar descuidado e cotidiano, cai o r final quando a palavra, em meio da frase, se segue outra que comece por consoante: '*vou pedi licença ao professô pra sair*'. (Id.Ibid.p.77). O povo elimina invariavelmente o r quando naquela posição. Esse fenômeno, segundo o autor, acontece, também, no romeno. A diferença é que "No romeno, foi o menor esforço que suprimiu o r dos infinitos" (Id.Ibid.p34), e, entre nós, tal processo é atribuído à influência do tupi.

A respeito do processo de alternância, Marroquim (1934, p.31) diz que "[...] a passagem de l a r começou, com efeito, na formação do português: *platu(m) > prato; nobile(m) > nobre; blandu(m) > brando*; [...] No português arcaico encontramos: *enxemplo, ingrês, groria, craro*". São exemplos de Marroquim (1934, p.29): "[...] *carçada, fôrgo, sordado, córgo, arvura, por calçada, fôlego, soldado, córrego, alvura*". Segundo o autor, o nordestino "[...] não pronuncia o l medial e final. O primeiro se transforma em r e o segundo

cai”. (Id.Ibid.p.30). A esse respeito, Leite de Vasconcelos (1901, p.159), afirma que “[...] antes de cair o l se transforma em r: sol, *sor, só. Alega a forma animar em vez de animal (do Amazonas)”. Marroquim critica este posicionamento de Leite de Vasconcelos, seguido por Amaral, no que diz respeito à transformação do l em r antes de cair. Diz que o problema se complica, porque assim como l medial pode passar a r, também o l final pode cair sem necessidade de qualquer metamorfose. “Não sendo fato de uso geral, existe realmente no nordeste, especialmente em Pernambuco, a troca do l pelo r”. (Op.Cit.p.32).

Grosso modo, Amaral (1920), Nascentes (1922), Aguiar (1922), Marroquim (1934), com base em análise impressionística, atestam a variação dos róticos na linguagem popular das localidades estudadas (São Paulo, Rio de Janeiro, Alagoas, Pernambuco e Ceará), e corroboram que, dentre os processos observados, o apagamento do r final de vocábulos se manifesta, também, no falar descuidado das classes cultas.

1.4.3.2 Os róticos no português brasileiro: pesquisas com abordagem sociolingüística

Apresentamos, a seguir, alguns trabalhos sobre o r e posicionamentos dos respectivos autores provenientes de cidades espalhadas por diferentes regiões deste nosso imenso país. São estudos aprofundados no sentido de trazer informações esclarecedoras sobre este aspecto tão complexo da língua – a variação – visando a um maior conhecimento sobre esta, bem como, a uma maior aproximação entre nós, brasileiros.

a) Os fonemas /r/ e /r/ no Rio de Janeiro

A Tese de Doutorado de Callou (1979) é o marco dos seus estudos acerca do /r/, no português do Brasil. Seu trabalho baseia-se na análise da variação fonológica da vibrante múltipla, segundo métodos quantitativos. Tem por objetivo mostrar que houve uma mudança da norma de pronúncia do /r/ na fala urbana culta do Rio de Janeiro, mudança esta, que corresponde a uma diferença no modo e no ponto de articulação. Levando em conta variáveis socioculturais e lingüísticas, observa a variação lingüística em diferentes contextos. Os resultados confirmam a regra de posteriorização, segundo a qual, o /r/ em posição de coda silábica sofreria um processo de posteriorização e enfraquecimento, que levaria à simplificação da estrutura silábica no português do Brasil.

Posteriormente, Callou, Moraes e Leite (1998, p.61-72) analisam o processo de enfraquecimento do **R** final no “dialeto” [sic.] carioca, através de um estudo de tendências e em painel, na perspectiva da sociolinguística quantitativa laboviana. São analisados três conjuntos de dados do Projeto NURC, coletados em duas épocas (70 e 90), com locutores estratificados em três faixas etárias. Através de um estudo em painel (panel study – com os mesmos informantes) e de um estudo de tendência (trend study – por meio da constituição de uma nova amostra), fica evidente, segundo os autores, que esse apagamento não corresponde na fala culta, a um padrão de mudança em progresso, mas de gradação etária.

Em todas as amostras, o primeiro grupo selecionado foi a classe morfológica. Para os verbos, essa variável “[...] tem um comportamento neutro”, daí porque foram analisados em separado. Segundo os autores,

A perda do R é mais freqüente nos verbos: o infinito e a primeira e terceira pessoas do futuro do subjuntivo são marcados em português tanto pela presença do R final quanto pela tonicidade da sílaba que contém o segmento. Nos não-verbos, em que o R não carrega informação morfológica, o peso relativo é baixo. (1998, p.66).

Neste caso, o apagamento do **r** incide sobre material com conteúdo morfológico. O que se tem, aqui, é uma regra fonética variável para a qual é imprescindível informação morfológica. “Tal procedimento vai de encontro às afirmações correntes na literatura, de que material fonológico que carregue informação morfológica tende, nos processos de mudança, a ser preservado”. (Id.Ibid.p.66).O fator tamanho do vocábulo, para os nomes, mostrou-se insignificante, pois “[...] a perda do **R** é praticamente bloqueada em vocábulos monossilábicos”. (Id.Ibid.p.67).

Analisando os fatores sociais, acrescentam que, o caso em pauta, é bastante complexo, uma vez que tiveram que diferenciar falantes do sexo masculino de falantes do sexo feminino e de distinguir entre verbos e não-verbos. As curvas de distribuição dos verbos, para os homens, indicam uma variação estável. Nos não-verbos, indicam uma mudança em curso. Para as mulheres, indicam mudança em progresso, nos dois casos. As mulheres não apresentam o mesmo comportamento. Nos verbos, o apagamento do **R** diminui da primeira para a segunda e da terceira para a quarta, mas aumenta da segunda para a terceira. Nos não-verbos, o apagamento do **R** diminui da primeira para a segunda e aumenta da segunda para terceira, contudo as mulheres idosas são estáveis.

b) Os fonemas /r/ e /r/ nas capitais do Sul do Brasil

Um estudo sobre o **r** foi desenvolvido por Monaretto (2000), em que examinou sob a perspectiva da Sociolinguística de Labov (1966), e de Sankoff (1988), o fenômeno de apagamento da vibrante pós-vocálica na fala do Sul do Brasil. Utilizou entrevistas do banco de dados do Projeto VARSUL, com o objetivo de verificar que fatores, lingüísticos e sociais, estão envolvidos no apagamento do **r** em final de sílaba. Os resultados mostraram que, de um modo geral, o apagamento do **r** é expressivo, mas os casos de não-queda, incluindo-se aí o uso de outras variantes, superam os de queda. A localidade, também, desempenha papel importante para seu emprego, por exemplo, “Florianópolis lidera o apagamento seguido por Porto Alegre e Curitiba”. (2000, p.281).

Em relação à classe morfológica, a queda do **r** é mais comum em verbos. Tendo em vista a grande diferença de apagamento da vibrante, em verbos e não-verbos, a autora realizou a análise, separadamente, e constatou que, em verbos, a classe morfológica, a idade e a localidade são significativas, e que, em não-verbos, destacam-se os fatores: dimensão do vocábulo e acento lexical. “Isso demonstra que o fator dialetal é que condiciona a variação em não-verbos, ao passo que, em verbos, a variação é motivada por fatores lingüísticos”. (Id.Ibid.p.281).

Outros fatores selecionados foram: a vogal anterior que, como contexto precedente, favorece o apagamento; a idade, em que os falantes mais jovens implicam taxas mais altas de apagamento, ou seja, evidencia-se um processo de mudança em progresso; a escolaridade, em que os falantes de baixa instrução, apresentam mais ocorrências de apagamento do que os falantes que concluíram o Segundo Grau.

Conclui que o apagamento do **r** pós-vocálico na fala do Sul do Brasil é um processo que atua, basicamente, em final de palavra, em verbos no infinitivo. E, como há mais casos de não-apagamento na fala das Capitais da região Sul, nota que, em termos comparativos, nessa região, se preserva mais a estrutura silábica em final de palavra do que no “dialeto” [sic.] do Rio de Janeiro, que mostra estar em um estágio mais avançado nesse processo. Portanto, o Sul do Brasil é uma região conservadora.

c) Os fonemas /r/ e /r/ em Porto Alegre

O estudo realizado por Monaretto (2002, p.253-268) sobre o comportamento da vibrante pós-vocálica em Porto Alegre, tem por objetivo verificar se há indícios de uma mudança em curso ou se está diante de variação estável. Foi escolhida a região Sul, por ser considerada conservadora, onde o índice de preservação da estrutura silábica CVC, sem o apagamento do **r**, é mais elevado do que em outras regiões. Foi escolhido Porto Alegre, por fazer parte do Projeto NURC e do VARSUL. Seguindo a metodologia de Labov (1994), sobre o estudo da mudança lingüística, trata do **r** em final de sílaba (pós-vocálico), observado em três amostras distintas da fala de Porto Alegre, coletadas em diferentes épocas, com intervalo de dez anos aproximadamente: 1970 (NURC), 1989 (VARSUL), 1999 (VARSUL ampliado).

Inicialmente, apresenta resultados relativos a pesquisas anteriores, sobre a variação da vibrante na fala do Sul do Brasil: se pré-vocálico, em início de palavra (rato) e em início de sílaba precedido por consoante (honra), a forma preferida é r-forte (fricativa velar ou vibrante alveolar); se pós-vocálico (mar, carta), r-fraco predomina, mais precisamente o tepe. Observa que, na posição de ataque, o uso das variantes do r-forte parece estar passando por um processo de mudança, que se manifesta no sentido da passagem de articulação anterior (vibrante alveolar) para posterior (fricativa velar), com privilégio da fricativa velar. E, na posição de coda, a vibrante anterior aparece ao lado de outras variantes com privilégio do tepe (60%), seguido pelo apagamento (25%). A diminuição no uso da vibrante anterior, na posição pré-vocálica, indica

[...] uma tendência ao desaparecimento dessa variante nos estados do Sul como já ocorreu na maioria das regiões brasileiras (Norte, Nordeste, Sudeste, excetuando-se o Estado de São Paulo), nas quais predomina a realização da fricativa uvular, velar ou aspirada (Votre, 1978; Oliveira, 1983, Callou, Moraes e Leite, 1998). Também observado por Câmara Jr. (1953) que afirma [...] ser a vibrante alveolar uma pronúncia da minoria de falantes e de realização inexistente em algumas regiões, como Rio de Janeiro. Essa passagem parece representar uma tendência universal já observada em muitas línguas e em algumas regiões, como é o caso do francês, do alemão e dos dialetos do norte da Itália (2002, p.255).

Comparando resultados da década de 70 com os da terceira (final de 90), observa que, das cinco variantes examinadas, na posição pós-vocálica, apenas duas, de modo significativo, apresentam uma mudança em um intervalo de 30 anos: o tepe diminuiu e o apagamento aumentou. As demais variantes tiveram variação estável. Dessa forma, o apagamento da vibrante está em processo de crescimento, tomando o lugar do tepe, uma

variável típica do falar do Sul, e a fala de Porto Alegre tende a aproximar-se de outros falares do Brasil.

Com relação à variável posição, a autora diz que o apagamento do **r** pós-vocálico está condicionado à posição que ocupa na palavra, ocorrendo basicamente em final de palavra. Quanto à classe morfológica, confirma que

[...] a perda do **r** é mais comum em verbos, devido ao fato de que o infinitivo e a primeira e terceira pessoas do futuro do subjuntivo são marcados em português pela presença do **r**-final e pela tonicidade. Enquanto em não-verbos o **r**-final, que não é um morfema por si só, é mais preservado. (MONARETTO, 2002, p.261).

Verificando os fatores intervenientes do apagamento do **r**-final em verbos, os resultados mostram que:

- para a variável sexo, a mulher destaca-se no uso do apagamento, neste caso, é inovadora;
- quanto à dimensão da palavra, sua hipótese de que quanto mais longa a palavra, mais haveria apagamento, não se confirmou. O falante apaga tanto em palavra de uma sílaba, como em palavra de mais de três sílabas;
- em relação ao contexto precedente, o apagamento do **r**-final se dá no contexto precedente de vogal posterior.

Como a variável idade não foi selecionada, Monaretto (2002, p.267) conclui que, em verbos, o apagamento do **r**-final parece manter-se estável. Quanto à realização da vibrante na fala do Sul do Brasil, no que concerne à passagem da realização anterior para posterior, diz a autora que “[...] está passando por um processo de mudança, pois as variantes típicas da região estão dando lugar a outras, que já são características de outras regiões do País. Em posição pós-vocálica, o apagamento cresce e o tepe diminui”.

d) Os fonemas /r/ e /r/ em Cametá – PA

Lima (2003), com base no material que integra o Projeto Atlas Geo-Sociolingüístico do Pará, faz um estudo da variação do /r/ pós-vocálico em contexto interno, na fala urbana de Cametá – PA. Dentre as variáveis analisadas, o fator faixa etária se mostrou bastante relevante no condicionamento da variante /r/. “O favorecimento das variantes [h, ɦ] e

[Ø] pelos mais jovens e das variantes [r] e [r] pelos mais idosos revela um processo de mudança em curso, em que [h, h̃] e [Ø] configuram-se como variantes inovadoras e [r] e [r], como conservadoras”. (2003, p.66). Os mais jovens são exatamente os mais favoráveis ao apagamento. Com relação à variável sexo, as mulheres apresentaram um comportamento inverso ao dos homens. “A variante [r], mais conservadora, é a mais favorecida pelos homens e exatamente a menos favorecida pelas mulheres. A variante [Ø], inovadora é a mais favorecida pelas mulheres [...]”. (2003, p.66).

Quanto ao número de sílaba da palavra, “[...] a variante [Ø] é a mais recorrente quando a palavra é polissílaba e a menos recorrente quando palavra é dissílaba”. (2003, p.75). Enfim, em Cametá, há um processo de mudança em curso, em estágio avançado, da passagem das variantes [r] e [r] (mais anteriores) à variante [h, h̃] (mais posterior do /r/). O processo de mudança, que ocorre em Cametá, reflete uma tendência geral do Português do Brasil, no que diz respeito à mudança da norma de pronúncia do /r/ pós-vocálico. De acordo com essa tendência, o Brasil fica dividido em duas áreas dialetais: uma conservadora (do Rio de Janeiro em direção ao Sul), e outra, inovadora (do Rio de Janeiro em direção ao Norte). A área conservadora favorece a pronúncia da variante [r], e a inovadora, favorece a realização das variantes [x, ɣ] e [h, h̃].

Segundo Lima (2003, p.62), “Um dado que chama muito a atenção nos resultados de Cametá é a alta frequência da variante retroflexa (9%) que é mais alta do que o percentual encontrado em Porto Alegre (7%) e São Paulo (5%), por Callou et al (1996)”. A hipótese defendida, aqui, é a de que o erre retroflexo é uma variante natural do tepe, da mesma forma em que o apagamento é uma variante natural da aspirada. Essa hipótese se fundamenta no fato de que a região, onde a norma de pronúncia é o tepe (São Paulo, região Sul), é também onde ocorre o maior índice de variante retroflexa, e a região onde a norma de pronúncia é a aspirada (Cametá) é onde ocorre o maior índice de apagamento. Os falantes idosos que mais favorecem a variante tepe são, também, os que mais favorecem a retroflexa, enquanto os falantes mais jovens que favorecem a variante aspirada são, também, os que mais favorecem o apagamento.

e) Os fonemas /r/ e /r/ em Itaituba – PA

Oliveira (2002) apresenta um estudo sobre o apagamento e manutenção do (r) final de vocábulo na fala de Itaituba. Os resultados apontam tendência ao apagamento do (r) final de vocábulo, na referida localidade. Segundo a autora, “Parece que esse apagamento é resultado dos processos de posteriorização e fricativização, pois a variante usada pelos falantes antes de se concretizar o apagamento é uma variante de caráter posterior e fricativo”. (2002, p.91).

Quanto à variável sexo, as mulheres apagam menos do que os homens. Justifica-se este resultado, pelo fato de Itaituba não ser um grande centro urbano, e a mulher, em grande parte, exercer um papel tradicional em sua comunidade. Com relação à variável faixa etária, os adultos, falantes entre 26-45 anos, são os que mais têm optado pelo apagamento do (r) em final de vocábulo e, embora, entre os jovens, a maior opção seja pela manutenção, leva em consideração que a variante por eles usada apresenta caráter fricativo e posterior, o que indica que existe uma propensão à aplicação da regra de apagamento. Os resultados, referentes à classe de palavras, apontam os verbos como um dos fatores que mais favorecem a aplicação da regra de apagamento, enquanto as demais classes desfavorecem-na. Quanto à dimensão, foi nos polissílabos que verificou o maior índice de apagamento. O fator escolaridade mostrou menos aplicação da regra de apagamento para os que apresentavam mais instrução. “Os falantes que apresentam mais instrução apagam menos. Talvez pelo fato de preferirem as formas mais próximas da escrita, por acharem que elas constituem a forma correta de falar”. (2002, p.87).

f) Os fonemas /r/ e /r/ em Belo Horizonte – MG

Oliveira (1983), ao estudar o fenômeno de variação do /r/, observou que grande parte de relatos sobre o /r/ está relacionada à sua posição de coda em final de palavra. Ao analisar os dados de Belo Horizonte constata que o fator lingüístico mais saliente é o contexto fonológico seguinte, que pode ser constituído por vogal, consoante ou pausa. Neste contexto, a vogal favorece a ocorrência do tepe em final de palavra, uma vez que no interior do vocábulo, vogal e pausa não são contextos possíveis, enquanto, a consoante favorece o apagamento. Para as consoantes, também, foram considerados o ponto, o modo e o

vozeamento, destacando-se como favoráveis o ponto labial e o modo plosivo. Quanto ao vozeamento, as consoantes vozeadas são mais favoráveis. (Id.Ibid. p.100).

De um modo geral, afirma que: a) o apagamento é muito mais freqüente e saliente em posição final de palavra do que no interior da palavra; b) sua ausência em final de palavra é mais comum em verbos do que em não-verbos; c) de acordo com alguns relatos, o apagamento está relacionado a falantes de classe mais baixa e é considerado um vulgarismo; d) o apagamento é um processo variável, sujeito a condicionamento fonológico. (Id.Ibid.p.93).

g) Os fonemas /r/ e /r/ em João Pessoa – PB

Hora; Monaretto (2003) apresentam um estudo sobre os róticos no interior e final de palavra, no falar pessoense. A proposta inicial é analisar o enfraquecimento do rótico e conseqüente apagamento e, em segundo lugar encontrar justificativa para o seu apagamento diante de fricativa. Os dados que serviram de base para a análise foram do Projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba – VALPB – (HORA; PEDROSA, 2001) – com 60 informantes, naturais de João Pessoa, estratificados, segundo sexo, faixa etária e anos de escolarização. Utilizaram para a análise o pacote de programas VARBRUL. Foram controladas oito restrições, sendo três sociais e cinco estruturais, com duas variantes.

Os resultados para a posição de coda no interior da palavra ficaram assim: com relação ao contexto fonológico seguinte, a tendência do rótico aspirado diante de consoante fricativa é a utilização do zero fonético. Quanto à variável sexo, a variante aspirada está correlacionada positivamente ao sexo feminino. Em relação à variável faixa etária, os jovens não favorecem a realização da aspirada, isto é, se correlacionam mais positivamente ao zero fonético, apresentando comportamento característico de uma variante que está em mudança em progresso. Ao cruzar sexo e faixa etária houve uma inversão, quem favorece a forma aspirada entre os mais jovens são os falantes do sexo masculino, já entre os adultos são os falantes do sexo feminino.

Os resultados para a posição de coda, em final de palavra, ficaram assim: quanto à categoria gramatical, as variáveis são as que menos se correlacionam positivamente à presença do rótico. Quanto ao contexto fonológico seguinte, os resultados demonstram que, se vazio ou preenchido por consoante, se correlaciona positivamente à presença do rótico. A

vogal, no contexto seguinte, favorece o apagamento do rótico. Quando favorece a presença do rótico, funciona como núcleo da sílaba. Quanto à tonicidade, a sílaba átona se correlaciona mais positivamente à manutenção do rótico. Em relação aos anos de escolarização, à medida que aumentam os anos de escolarização mais forte é a presença do rótico. Observam que o aparecimento da variante [r] é tão pouco produtivo quanto o é sua vocalização, que aparece entre falantes de poucos anos de escolarização, tão estigmatizado, hoje, quanto o foi um dia. Exemplo: “garfo” – ga[w]fo, “porca” – po[j]ca. Por último, na faixa etária, constatam que a manutenção do rótico é um processo de variação estável, já que os resultados entre os jovens e idosos são bastante próximos. Constatam a partir dos resultados, que o dialeto [sic.] pessoense em relação ao rótico na posição de coda em final de palavra corresponde ao descrito por Callou (1996), relativo a Recife, cuja distinção se dá entre [h] e [Ø].

Por fim, tentam uma explicação para a influência das fricativas no apagamento do rótico na posição interna, à luz da Geometria de Traços, concluindo que o efeito das fricativas, segundo Oliveira (1983), está em suas próprias características fonéticas. Analisando o fenômeno pela Fonologia Lexical, constatam que o **r** final, diante de vogal, torna-se ataque de sílaba, impedindo o apagamento, e que o ambiente de coda final é o contexto preferido do apagamento, embora, em João Pessoa, os dados indiquem um condicionamento fonético para o apagamento em coda medial (o caso das fricativas), contrariando os princípios do nível lexical, como em:

Ga[h].fo : ga[Ø].fo	ce[ɦ].veja : ce[Ø].veja
Fo[h].ça : fo[Ø].ça	mu[h].char : mu[Ø].char
Cato[ɦ].ze : cato[Ø].ze	go[ɦ].jeta : go[Ø].jeta

h) Os fonemas /r/ e /r/ em Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife.

Callou e Moraes (1995) fazem um estudo dos condicionamentos sócio e geolinguísticos na realização do **/R/** no português do Brasil, com a finalidade de estabelecerem delimitação de áreas dialetais, com base na distribuição desse segmento nas cinco capitais pesquisadas pelo projeto do NURC/Brasil (Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife).

Os resultados, de um modo geral, sem discriminar contextos, revelam entre São Paulo e Porto Alegre uma coincidência quase absoluta de seus índices de frequência em relação às sete variantes. Enquanto o Rio de Janeiro, Salvador e Recife apresentam comportamento comparáveis. Ressaltam que o índice de frequência da fricativa velar aumenta no sentido Norte/Sul na mesma proporção em que diminui o índice de frequência da aspirada.

O mapa com dados percentuais que estabelece uma faixa de isoglossas opõe nitidamente a região Sul (São Paulo e Porto Alegre) às regiões Sudeste (Rio de Janeiro) e Nordeste (Salvador e Recife). Por exemplo: a primeira isoglossa opõe a ocorrência de vibrante apical simples, 53,5%, ao Sul, a um percentual de 4%, ao Norte; a quarta isoglossa opõe ausência absoluta de vibrante apical múltipla, ao Norte, a um percentual de 7%, ao Sul. Como não discriminaram contextos pré e pós-vocálico, os resultados globais neutralizaram distinções que se evidenciaram após considerarem cada contexto isoladamente, como mostram a seguir:

Levando em conta o contexto 1 (pós-vocálica final), observam que na ocorrência de queda do /R/, há uma diminuição no sentido Norte/Sul:

- RE/SSA 61%
- RJ/SP 49%
- POA 37%

No contexto 2 (pós-vocálico medial), a vibrante simples apresenta taxa de ocorrência mais elevada e contrastiva (em média 85,5% ao Sul vs. 3,5% ao Norte), sendo ainda nesta posição que ocorre, no Sul, a variante retroflexa. No contexto 3 (pré-vocálica inicial), quanto à fricativa aspirada, os dados apontam uma inversão em relação ao quadro geral, a taxa de ocorrência é menor ao Norte do que ao Sul (26% vs. 45%). No contexto 4 (intervocálica), a fricativa aspirada apresenta comportamento similar ao do contexto 3. Quanto à vibrante ápico-alveolar, opõe a fala de Porto Alegre à das outras cidades: 36% contra 5% em São Paulo e 0% nas demais.

Pelos resultados puderam inferir que, para o estabelecimento da norma de pronúncia do /R/, não podem deixar de levar em conta sua distribuição regional, contextual e social (sexo, faixa etária), devendo as variáveis lingüísticas ser observadas à luz desses

condicionamentos geo e sociolingüísticos, correlacionando, ainda, variantes e classes gramaticais.

i) Os fonemas /r/ e /r/ nos Atlas Regionais do Brasil

Fechamos nosso levantamento sobre as pesquisas que enfocam a variação dos fonemas /r/ e /r/, com o trabalho de Cunha (2006), cuja metodologia utilizada segue orientação da geo-sociolingüística. O *corpus* usado pertence a oito Atlas representativos de nove Estados brasileiros: Amazonas, Bahia, Sergipe, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná e Rio Grande do Sul, incluindo Santa Catarina no Atlas da Região Sul. Trata-se de um estudo sobre a vibrante em posição implosiva, com a finalidade de descrever a pluralidade de variantes através das quais se manifesta, averiguando sua distribuição e os fatores que a condicionam.

Numa visão geral, a autora supracitada observa que a vibrante apresenta comportamento diferenciado tanto na posição externa, como na interna. “Enquanto a taxa de apagamento para a primeira atinge 64% das realizações, na posição interna só quantifica 8% dos dados. As mudanças fonéticas, também, são menos expressivas quanto ao /R/ final, alcançando somente 1% das realizações obtidas”. (Id.Ibid.p.177).

Foram realizadas rodadas direcionadas a cada contexto. Em posição externa, no contexto antecedente, “[...] a vogal alta anterior não-arredondada [i] se revelou como maior favorecedora do cancelamento da vibrante, [...] enquanto [ɔ] e [o] apresentam o menor peso relativo para a regra de cancelamento, (.27) e (.28) respectivamente”. (Id.Ibid.p.178). O fator região ficou em segundo lugar, “[...] sendo o Estado de Minas Gerais o mais favorecedor para o apagamento do R (.98), seguido da Paraíba (.97), e Sergipe (.96)”. (Id.Ibid.p.178). No Sul do país a manutenção é bem mais freqüente. A posição final absoluta obteve um relativo de (.53). O grupo dimensão do vocábulo confirmou a tese de que, “[...] quanto menores os vocábulos, maiores são as chances de conservação dos segmentos”. (Id.Ibid.p.179).

Em posição interna, na variável região, o Estado mais favorecedor para o cancelamento da vibrante, em posição implosiva, foi “[...] o Estado da Paraíba com .87, seguido de Sergipe .86 e Pará .78”. (Id.Ibid.p.179). Quanto ao modo de articulação da

consoante subsequente, “[...] as oclusivas alcançaram o maior P.R.: .58. Logo após vêm as fricativas, com .57, e, quase insignes, as nasais, com .06”. (Id.Ibid.p.180). No contexto antecedente, a vogal [i], da mesma forma que para os **-R** externos, obteve (1.0), seguida pela vogal baixa [a], com (0.83). No que diz respeito a nomes e verbos, são os verbos os vocábulos em que incide a queda do segmento.

Como alguns fatores prejudicam a comparação entre os dados, no tocante à diacronia, pois estes são cartografados em Atlas publicados há mais de dez anos, resolveu contrapor os dois Atlas mais recentes – Atlas Lingüístico do Amazonas e Atlas Etnolingüístico da Região Sul, como uma forma de atenuar essa disparidade. Os resultados, quanto à posição final do vocábulo, são díspares. “O cancelamento corresponde a 69% das realizações no Amazonas, quase equiparado aos 64% de manutenção na Região Sul do país. (Id.Ibid.p.189).

Após estudarmos diversos trabalhos, de autores e regiões diferentes, e identificarmos os contextos lingüístico e sócio-dialetal em que ocorre a variação sob estudo, podemos fazer algumas observações a respeito:

- De um modo geral, tais estudos apontam para um processo de posteriorização dessa variável, com mudança de ponto e modo de articulação, passando de alveolar a vibrante aspirada;
- Considerando-se a trajetória da evolução da vibrante, adaptada por Monaretto (2002, p.266), como vibrante anterior > vibrante posterior > apagamento, conseqüentemente, o processo de posteriorização resultará na queda do segmento que, segundo Callou (1998, p.61), “[...] levará à simplificação da estrutura silábica no Português do Brasil – em posição final de vocábulo, na fala culta do Rio de Janeiro (R à h à Ø CVC à CV)”. Hora; Monaretto (2003, p.115) dizem que “Universalmente, a coda da sílaba é reconhecida como uma posição fraca para consoantes, em comparação com a posição de ataque”;
- A variação diatópica apresentada mostra que o apagamento da vibrante está em processo de crescimento. Mesmo, na região Sul, onde predominam as variantes anteriores (tepe e vibrante alveolar) e, onde há mais casos de não-apagamento na fala, mostrando-se uma região conservadora, conforme Monaretto (2000, p.282), a mudança atua, embora, de modo lento. Monaretto (2002, p.259) observa que, “[...] em um intervalo de 30 anos, aproximadamente: o tepe

diminuiu e o apagamento aumentou. [...] E a fala de Porto Alegre, em relação à queda da vibrante pós-vocálica, tende a aproximar-se de outros dialetos [sic.] do Brasil”; Enquanto, nas regiões Norte e Nordeste, onde predominam as variantes mais posteriores (fricativas), o apagamento ocorre quase que categoricamente em final de palavra;

- Observamos, também, nos referidos trabalhos, que os falantes mais jovens favorecem o apagamento, indicando, sob perspectiva de uma análise em tempo aparente, que as taxas de apagamento possam revelar uma mudança em progresso.

Por tudo o que foi apresentado, ressaltamos o valor que estas pesquisas representam no panorama nacional, no sentido de prestarem uma maior contribuição ao conhecimento de nossa língua. Cada uma, a seu modo, destacou aspectos relevantes na variação do **r**, ou mesmo, no seu total apagamento, dando ênfase a alguns fatores sociais, como: a questão do estigma, do sexo, da escolaridade, da renda; e a lingüísticos, como: a classe morfológica, a posição na palavra, o número de sílaba, a tonicidade, a dimensão da palavra; e a fatores regionais, como: a localidade, entre outros. Como os estudos sobre a variação do **r** estão voltados para outras cidades do nosso país e não, para Fortaleza, decidimos, então, colocá-la no cenário nacional da variação do **r** através da pesquisa que ora realizamos.

2 METODOLOGIA

A metodologia do trabalho Aspectos Sócio-Dialetais da Língua Falada em Fortaleza segue as linhas gerais da metodologia do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil – ALiB, com as devidas adaptações.

2.1 Revisão Bibliográfica

Os objetivos a que nos propusemos atingir com essa pesquisa e a natureza das informações que embasaram a metodologia em que se desenvolveu exigiram uma ampla fundamentação teórica advinda de diferentes fontes.

A revisão bibliográfica teve como objetivo nos proporcionar um conhecimento mais aprofundado sobre a vibrante e suas variantes na Língua Portuguesa, a fim de averiguarmos as realizações dos fonemas /r/ e /r/ no falar fortalezense, bem como nos oferecer um maior conhecimento sobre ciências como Dialetologia, Sociolingüística, Fonética e Fonologia que serviram de embasamento teórico do nosso trabalho. Dela também fazem parte, além da bibliografia lingüística teórica, trabalhos aplicados como Teses de Doutorado, Dissertações de Mestrado, artigos e trabalhos outros apresentados em Congressos nacionais e internacionais.

2.2 Delimitação do Corpus

O *corpus* constitui-se de entrevistas a partir de pesquisa de campo realizada na cidade de Fortaleza – CE. As entrevistas, correspondendo a 36 horas de gravação (1:30h por informante), foram gravadas em fita cassete de 60 minutos e feitas *in loco*, diretamente com cada um dos informantes, em ambientes adequados, isto é, sem muitos ruídos externos e de fácil acesso aos informantes. Algumas foram gravadas na Universidade, mas a maioria foi realizada na própria residência do informante. A seguir, foram transcritas grafemática e foneticamente, com o intuito de detectarmos as possíveis variantes do /r/ e /r/ na fala do fortalezense. Posteriormente, o material foi digitalizado e armazenado em CD-ROM. O

arquivamento desses materiais obedeceu a rigoroso processo de identificação e catalogação de forma a garantir o acesso imediato para análise e consulta.

2.2.1 Escolha da localidade

A localidade escolhida para o levantamento do *corpus* é a cidade de Fortaleza, capital do Ceará, cuja área urbana está dividida em seis Regionais (R), envolvendo bairros do centro e da periferia. Mesmo com uma distribuição aleatória, sem levar em consideração a variável área geográfica de residência, optamos por incluir informantes de bairros diferentes, evitando, assim, camuflar os resultados. Foram entrevistados informantes dos seguintes bairros:

Quadro 1. Bairros utilizados na pesquisa de campo

Inf.	Bairros	Regionais (I,II,III,IV,V,VI)
01	Barra do Ceará	R – I
02	Cidade dos Funcionários	R – VI
03	Messejana	R – VI
04	Pan Americano	R – IV
05	Maraponga	R – V
06	Cidade 2000	R – II
07	Centro	R – II
08	Benfica	R – IV
09	Jóquei Clube	R – III
10	Jangurussu	R – VI
11	Bela Vista	R – III
12	Antônio Bezerra	R – III
13	Aldeota	R – II
14	Edson Queiroz	R – VI
15	Joaquim Távora	R – II
16	Varjota	R – II
17	Conjunto Ceará	R – V
18	Dias Macedo	R – VI
19	Parque Santa Rosa	R – V
20	Prefeito José Walter	R – V
21	Dionísio Torres	R – II
22	Fátima	R – IV
23	Monte Castelo	R – I
24	Meireles	R – II

Observamos que o maior número de informantes está concentrado nas Regionais II (com sete informantes) e VI (com cinco), justamente nas que apresentam o maior índice de crescimento, tanto do ponto de vista populacional como econômico, segundo mapa do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU). A seguir, o mapa da cidade de Fortaleza nos apresenta uma visão dos pontos pesquisados:

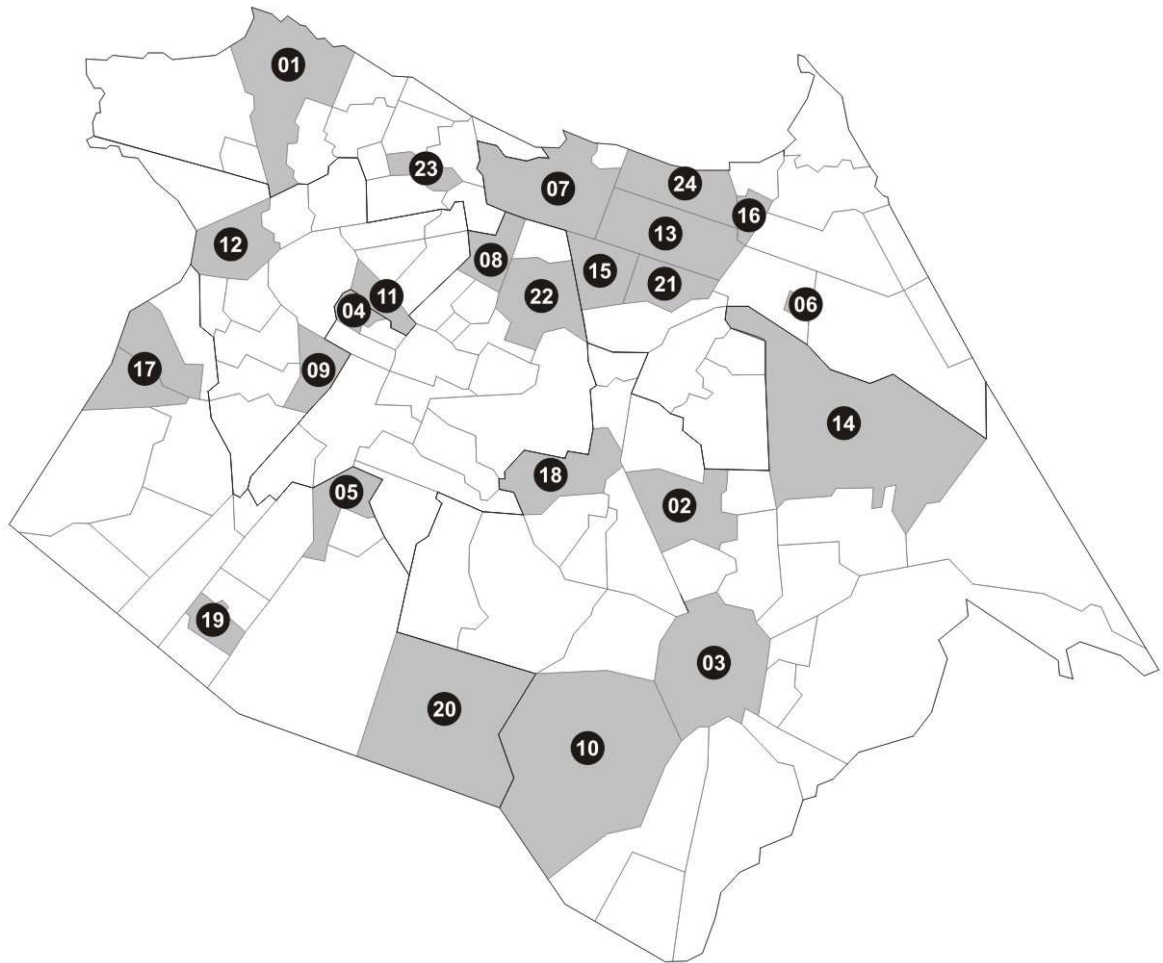


Figura 1. Mapa da cidade de Fortaleza

2.2.2 Caracterização dos informantes

Os informantes são naturais da cidade de Fortaleza, de onde não se afastaram por mais de 1/3 de suas vidas e filhos de pais fortalezenses.

a) Número de Informantes – 24

b) Faixas Etárias dos Informantes (Variação Diageracional)

I – de 18 a 30 anos – Identificando-se como: 1,2,5,6,9,10,13,14,17,18,21,22.

II- de 45 a 60 anos – Identificando-se como: 3,4,7,8,11,12,15,16,19,20,23,24.

c) Sexo (Variação Diassexual ou Diagenérica)

Homens – 12 – Identificados com números ímpares: 1,3,5,7,9,11,13,15,17,19,21,23.

Mulheres – 12 – Identificadas com números pares: 2,4,6,8,10,12,14,16,18,20,22,24.

d) Grau de Escolaridade

– 12 que tenham cursado até a 8ª série do Ensino Fundamental – EF;

– 12 com Curso Superior completo – ES.

O quadro seguinte resume as características sociais dos informantes:

Quadro 2. Distribuição da amostragem

Faixa Etária	Sexo	Grau de Escolaridade	
		EF (03)	ES (04)
I 18 – 30 anos (01)	Feminino (nº par)	01.03.02	01.04.06
		01.03.10	01.04.14
		01.03.18	01.04.22
	Masculino (nº ímpar)	01.03.01	01.04.05
		01.03.09	01.04.13
		01.03.17	01.04.21
II 45 – 60 anos (02)	Feminino (nº par)	02.03.04	02.04.08
		02.03.12	02.04.16
		02.03.20	02.04.24
	Masculino (nº ímpar)	02.03.03	02.04.07
		02.03.11	02.04.15
		02.03.19	02.04.23

A ordem da fila dos números, na codificação, é a seguinte:

- 1ª fila: faixa etária;
- 2ª fila: grau de escolaridade;
- 3ª fila: sexo.

Exemplificando: Um informante de número 01.03.01 é identificado como: 1ª fila (01) = faixa etária I; 2ª fila (03) = Ensino Fundamental; 3ª fila (01) (número ímpar) = informante do sexo masculino. Então temos: um informante da faixa etária I, com Ensino Fundamental e do sexo masculino. Outro exemplo: 02.04.08 – é um informante da faixa etária 2, com Curso Superior e do sexo feminino.

Para sabermos quantas casas teremos no final, após a codificação, multiplicamos os fatores. No nosso caso, temos 2 faixas etárias (I – II) x 2 graus de escolaridade (EF – ES) x 2 sexos (H – M) = 08. A construção dessas casas pode ser visualizada no esquema abaixo:

(12)	<u>01</u> <u>02</u>	<u>09</u> <u>10</u>	<u>17</u> <u>18</u>	FE – I – (18 – 30 anos)	> EF – 03
	<u>03</u> <u>04</u>	<u>11</u> <u>12</u>	<u>19</u> <u>20</u>	FE – II – (45 – 60 anos)	
<hr/>					
(12)	<u>05</u> <u>06</u>	<u>13</u> <u>14</u>	<u>21</u> <u>22</u>	FE – I – (18 – 30 anos)	> EF – 04
	<u>07</u> <u>08</u>	<u>15</u> <u>16</u>	<u>23</u> <u>24</u>	FE – II – (45 – 60 anos)	

2.2.3 Variáveis controladas

Devido à complexidade articulatória dos róticos – classe dos sons do fonema /r/ – estudar as suas realizações constitui-se um fenômeno relevante, pois apresenta uma gama de variantes: [r, x, ʁ, h, ñ, ɹ, r]. Em nossa pesquisa, levamos em consideração, também, o seu apagamento (zero fonético), ou seja, a ausência de articulação, a saber:

- Vibrante alveolar (ou múltipla) – [r] – “carro” – [‘karu]
- Tepe alveolar (ou simples) – [r] – “caro” – [‘karu]
- Fricativa velar – [x], [ʁ] – “carta”, – [‘kaxta], “corda” [‘kɔʁda]
- Fricativa glotal – [h], [ɦ] – “porta”, – [‘pɔhta], “corda” [‘kɔɦda]
- Retroflexa alveolar – [ɹ] – “porta” – [‘pɔɹta]
- Zero fonético (não realização) – [∅]- “amor” [a’mo∅], “falar” [fa’la∅]

Foram controladas, três variáveis sociais e cinco lingüísticas.

2.2.3.1 Variáveis sociolingüísticas

As variáveis sociolingüísticas selecionadas para análise foram:

- Faixa etária;
- Grau de escolaridade;
- Sexo.

2.2.3.2 Variáveis lingüísticas

Ao lado das variáveis sociais, levamos em consideração as variáveis lingüísticas, procurando estabelecer possíveis correlações entre as variantes do **r** e os condicionadores fonéticos adjacentes, como:

- Tonicidade da sílaba que contém o fonema;
- Dimensão do vocábulo;
- Classe do vocábulo;
- Natureza do contexto fonológico precedente (vogal nasal, oral, consoante ou pausa);
- Natureza do contexto fonológico subsequente (vogal nasal, oral, consoante ou pausa).

Posteriormente, estas ocorrências foram distribuídas por quatro contextos:

- CONTEXTO 1 – (pré- vocálico inicial) – rosa – /^hrɔza/ - [‘hɔza]
- CONTEXTO 2 – (intervocálico) – caro/carro – /^hkaru/ - [‘karu], /^hkaru/ - [‘kahu]
- CONTEXTO 3 – (pós-vocálico medial) – carta, corda – /^hkaRta/ - [‘kahta],
/^hkɔRda/ - [‘kɔhda]
- CONTEXTO 4 – (pós-vocálico final): mar – /^hmar/ – [‘mah], [‘maØ]
Por exemplo – /por e’zêplu/ – [pore’zêplu], [poØe’zêplu]
mar calmo /^hmar ‘kałmu/ – [mah‘kawmu] [maØ‘kawmu]

2.3 Coleta de Dados

A pluralidade de variantes, através das quais os fonemas /r/ e /r/ se manifestam, é analisada na fala fortalezense, levando-se em conta, além do aspecto contrastivo, presença versus ausência dos fonemas, a questão da norma de uso em seus contextos.

Na constituição do *corpus* do nosso trabalho foram utilizados os mesmos questionários do Atlas Lingüístico do Brasil (com adaptações), elaborados pelos membros do Comitê Nacional, testados e revistos pelos mesmos, procurando alcançar um nível de adequação e propriedade compatíveis com as necessidades de um projeto como o ALiB, de âmbito nacional.

Todas as questões têm uma formulação inicial, de modo a assegurar um grau razoável de uniformidade necessário à intercomparabilidade dos dados obtidos, acrescentando-se, em alguns casos, gravuras que visam a auxiliar o desenvolvimento do inquérito, conforme modelo em anexo. O número que vem após cada pergunta do questionário adaptado corresponde ao número da mesma pergunta no questionário de origem, versão 2001 do Projeto ALiB.

Para a coleta de dados, utilizamos gravador portátil mini cassete RQ-L11 – marca Panasonic, com microfone multidirecional embutido. Apesar de a qualidade ser boa, geralmente as fitas cassetes, originais ou cópias, apresentam ruídos provenientes, às vezes, do ato liga/desliga do gravador durante a entrevista, ou ainda outros tipos de problemas relacionados à percepção das características da fala, tais como: timbre, distância entre o microfone e o informante, variabilidade da velocidade (pilhas, fonte elétrica), dentre outros. As fitas cassetes foram digitalizadas através do Programa Sound Forge que permite limpar e reduzir ruídos, melhorando a qualidade das mesmas.

2.3.1 Instrumentos de pesquisa

Como instrumentos de pesquisa foram utilizados do Projeto ALiB:

- Ficha da Localidade
- Ficha do Informante (com adaptações)
- Questionário Fonético Fonológico (QFF) – com 159 questões
- Questionário Semântico Lexical (QSL) – com 207 itens
- Temas para Discursos Semidirigidos (TDS)
- Perguntas Metalingüísticas (PM)
- Texto para Leitura

Ficha da Localidade foi preenchida no início da pesquisa. Como se trata de um só local, os dados essenciais e mais atualizados, tais como: número de habitantes, um pequeno histórico, dentre outros, estão reunidos, em anexo, sob o título – A Cidade de Fortaleza.

A Ficha do Informante foi preenchida em duas etapas. A primeira (questões 1 a 37), antes do início da gravação da entrevista. Contém, além de dados pessoais do informante (nome, alcunha, endereço, data do nascimento, naturalidade, escolaridade, estado civil, sexo),

naturalidade e profissão dos pais e do cônjuge, questões que se referem ao contato do informante com os meios de comunicação – rádio, TV, jornal, revistas, à sua participação em diversões locais e ao tipo de religião ou culto que pratica. A segunda etapa (questões: 38 a 49), preenchida após a gravação da entrevista, contém informação do inquiridor sobre características psicológicas do informante, tais como: espontaneidade, postura, grau de conhecimento entre ele e o inquiridor e pequeno comentário sobre o ambiente do inquirido (a interferência de circunstâncias e suas características, ruídos), encerrando com local, data e o nome do inquiridor.

A partir do Questionário Fonético-Fonológico (doravante identificado por QFF) foi nossa proposta pesquisarmos, dentre outros aspectos, as diferentes realizações do /r/ e /r/ em posição inicial, intervocálica, medial e final do vocábulo, ora como fricativa, ora como aspirada, ora como vibrante, ora como retroflexa, ou ainda o seu apagamento, indicando marcas diferenciadoras regionais / sociais.

No QFF, a pergunta foi formulada de forma bem objetiva porque somente uma resposta deveria ser aceita. Das 159 perguntas interessaram-nos particularmente as que tinham como objetivo eliciar palavras contendo a consoante vibrante, como por exemplo: 1. TERRENO; 2. PRATELEIRA.

No Questionário Semântico-Lexical – QSL, as respostas são livres e nos permitiram obter o maior número possível de variantes faladas nessa comunidade. As perguntas deste questionário incidem sobre atividades do dia-a-dia e são agrupadas em esferas semânticas: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo, atividades agro-pastoris, fauna, corpo humano, ciclos da vida, convívio e comportamento social, religião e crenças, jogos e diversões infantis, habitação, alimentação e cozinha, vestuário e acessórios, vida urbana.

Os Temas para Discursos Semidirigidos – (TDS) envolveram:

- a) Relato pessoal (um acontecimento marcante da vida do informante);
- b) Comentário sobre os programas de televisão de que ele gosta mais;
- c) Descrição de sua atividade ocupacional;
- d) Relato não-pessoal (que tenha ocorrido com um amigo etc.).

Perguntas Metalingüísticas – (PM) – Nesta parte da entrevista o informante denomina a língua que fala (Questão 01), e tem a oportunidade de demonstrar se tem conhecimento de diferenças lingüísticas distópicas ou regionais (Questões de 02 a 05), ou diageracionais, que dizem respeito à faixa etária. (Questão 06).

Texto para Leitura – *Parábola dos Sete Vimes* – tradicionalmente utilizada em inquéritos fonéticos com o objetivo de analisar a variação entre a emissão oral e a leitura.

2.4 Transcrição do Material

Uma vez gravados os dados, procedemos à transcrição grafemática e fonética dos mesmos.

- Transcrição grafemática do material

Na transcrição grafemática foi utilizada a fonte Times New Roman, tamanho 12 e, sem muitos detalhes quanto às marcas de oralidade, uma vez que isto é feito na transcrição fonética. Foram transcritos os itens que são objetos da questão e o contexto em que estão inseridos, ou seja, um vocábulo antes e um depois, a não ser que sejam separados por pausa. Como a transcrição fonética, a grafemática, também, tem suas convenções e/ou normas. Simplificando a transcrição grafemática, foram propostos os seguintes critérios:

- a) Utilizar as normas de pontuação em vigor;
- b) Não registrar graficamente os alongamentos vocálicos;
- c) Utilizar as reticências [...] para os casos de hesitação da fala;
- d) Assinalar:
 - Os trechos em dúvida entre parênteses. Ex.: [...]
 - Os trechos ininteligíveis com (inint).

- Transcrição fonética do material

A transcrição fonética do material foi baseada na impressão auditiva. São muitos e diferentes, os alfabetos utilizados na descrição e no registro das línguas. Atualmente, o mais

utilizado, no mundo inteiro, é o Alfabeto Fonético Internacional da Associação Internacional de Fonética (IPA), fundada em 1886. Para a nossa transcrição fonética utilizamos alguns símbolos do IPA – 14, com adaptações necessárias ao nosso *corpus*, conforme lista de símbolos, constante no início deste trabalho. Foram transcritas todas as variantes emitidas pelo informante.

2.5 Análise Qualitativa e Quantitativa

Em seguida, foi feita a análise qualitativa dos dados, cuja interpretação nos proporcionou um conhecimento mais profundo sobre o fenômeno enfocado neste estudo. A análise quantitativa foi feita através de frequência e percentuais dos dados analisados qualitativamente, apresentados em quadros, tabelas e gráficos, que comprovaram estatisticamente a ocorrência de tais fatos.

3 ANÁLISE DO CORPUS

Neste trabalho, analisamos as realizações do /r/ e /r/ no falar fortalezense, buscando depreender os fatores estruturais e sócio-dialetais condicionadores do uso dos róticos, bem como as variantes por meio das quais se manifestam. Segundo Callou; Moraes (1995, p.69), “O fonema /R/, como se sabe, apresenta um elevado grau de polimorfismo, prestando-se, exemplarmente, à caracterização da variação no português do Brasil”. Por estas razões, na análise dos dados lingüísticos em variação, o nosso estudo se voltou basicamente para análise do r em posição pós-vocálica (interna e externa), contexto favorável à variação lingüística, por destacar os fatores dialetais no realce de suas variantes.

Através da análise dos dados, podemos avaliar tendências dos falantes ao uso de uma ou outra forma lingüística e, também, o número de vezes em que esta variante poderia ocorrer, mas deixou de ocorrer. É nisto que consiste o estudo da variação, isto é, no estudo do uso de diferentes formas que, em um mesmo contexto, dizem a mesma coisa. Muitas vezes, estas formas alternativas coexistem por muito tempo, tanto a forma nova como a antiga, naquela comunidade. Tarallo (1990, p.5) compara esta situação a um campo de batalha, em que “[...] duas (ou mais) maneiras de se dizer a mesma coisa (variantes) se enfrentam em um duelo de contemporização, por sua subsistência e coexistência [...]”. Parece que as vibrantes se encontram nesta batalha e, talvez, pela sua diversidade de realizações, tenham atraído a atenção de muitos estudiosos e provocado o desenvolvimento de numerosas pesquisas a respeito.

Em todo o *corpus*, foram levantadas 5.945 ocorrências contendo róticos. Desse total, 2.695 foram analisadas em contexto medial e final, e 3.250, nos demais contextos. No levantamento dos dados para a análise das realizações dos fonemas /r/ e /r/, foram considerados oito fatores, sendo três sociais (faixa etária, grau de escolaridade e sexo) e cinco estruturais (tonicidade da sílaba que contém o fonema, dimensão do vocábulo, categoria gramatical, natureza do contexto fonológico precedente e natureza do contexto fonológico subsequente). Posteriormente, estas ocorrências foram distribuídas por quatro contextos: contexto 1 (posição inicial), contexto 2 (intervocálico), contexto 3 (posição pós-vocálica medial) e contexto 4 (posição pós-vocálica final).

Levamos em consideração, em nossa pesquisa, oito variantes lingüísticas do **r** = [r, ʀ, x, ɣ, ʎ, h, ð, Ø], incluindo o seu apagamento. A princípio, selecionamos todas as possíveis ocorrências do **r**, foneticamente, porém, sabemos que nem sempre são realizadas na fala. Com base em nossos dados e, levando em conta a sua realização em posição pós-vocálica (medial e final), eliminamos algumas variantes que se tornaram irrelevantes para a nossa análise, por apresentarem baixo índice de ocorrência, ou não execução. São elas: a fricativa velar (desvozeada [x] / vozeada [ɣ]), e a retroflexa alveolar vozeada [ʎ], uma vez que, não encontramos estas realizações em nossos dados. A ocorrência de retroflexa no falar fortalezense é 0%.

O subconjunto de variantes dos róticos, após a transcrição do *corpus*, ficou bastante reduzido no falar fortalezense, apresentando apenas as seguintes variantes: a fricativa glotal (aspirada) [h], passível de ocorrer no contexto inicial de sílaba, em posição pós-vocálica medial ou final de vocábulo diante de consoante desvozeada, em contraste com o [r] entre vogais no interior da palavra, ou em pausa; a aspirada [h̥], em posição final de sílaba ou de vocábulo, diante de consoante vozeada; o tepe [r̥], como segundo elemento no grupo consonantal ou em posição intervocálica, e o zero fonético [Ø].

3.1 Análise das Variáveis Lingüísticas e Sociolingüísticas por Contexto

a) Contexto 1 (pré-vocálico inicial) – rosa – [h]osa

Destacamos, como primeiro fator, o **r** em posição inicial (pré-vocálica). O rótico em início de sílaba e não precedido por vogal apresenta duas opções: pode realizar-se como vibrante múltiplo, como ocorre em algumas regiões do nosso país (no Sul, por exemplo: “rosa” – [r]osa), ou como fricativa, como ocorre na grande maioria dos falares brasileiros, inclusive no, de Fortaleza – “rosa” – [h]osa. Esta variante [h], neste contexto, foi identificada sem grandes dificuldades, em 496 dados, como os que seguem:

Riacho – [h]iacho

Rabo – [h]abo

Rato – [h]ato

Rasgar – [h]asgar

Relâmpago – [h]elâmpago

Raio – [h]aio

Depois, levando em consideração a variável natureza do contexto fonológico precedente, no caso os fonemas vocálicos que ocorrem antes do **r**, observamos que este fonema em posição inicial de sílaba no meio do vocábulo e precedido por vogal, realiza-se sem apresentar variação, como tepe:

[a] cata[r]ata, ba[r]ulho, ga[r]upa

[ɛ] núme[r]o, úte[r]ro

[e] ve[r]eda

[i] menti[r]a

[ɔ] alvo[r]ada, ago[r]ra

[o] co[r]oa

[u] segu[r]o

Com o segmento vocálico isolado, antes do rótico, conforme vimos acima, não houve alteração fonética. No entanto, tendo o grupo vocálico “ei” – [ej] como precedente, isto é, no mesmo contexto, o tepe não variou, mas foi observada a sua influência na redução do núcleo vocálico do grupo pela supressão da semivogal “i” [j], como em:

Prateleira pratele[Ø]ra

Travesseiro travesse[Ø]ro

Torneira torne[Ø]ra

Peneira pene[Ø]ra

Bandeira bande[Ø]ra

Parteira parte[Ø]ra

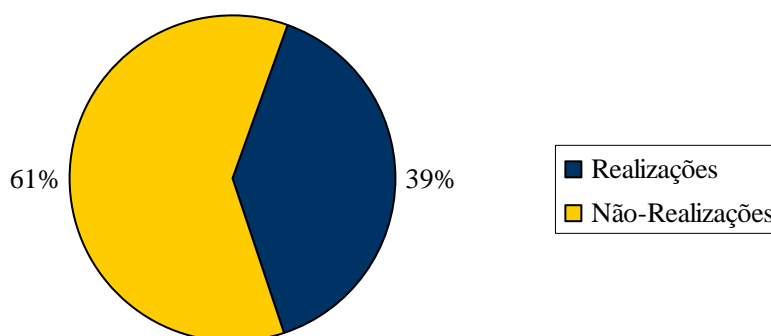
Em 1.039 dados, neste contexto, foram encontradas 478 ocorrências do ditongo “ei” [ej] antes do **r**. Dentre estas, 187 preservaram o ditongo (39%), enquanto 291 apareceram monotongadas (61%). Tais resultados nos levam a inferir que, no estudo dos róticos, devemos considerar não apenas os fatores lingüísticos, mas a sua distribuição regional e social (faixa etária, grau de escolaridade, sexo), e que as variáveis lingüísticas devem ser analisadas à luz desses condicionadores sócio-dialetais.

Analisando os resultados da tabela abaixo, observamos que, de um modo geral, as variáveis sociolingüísticas apresentam uma tendência à redução do ditongo “ei” diante do tepe alveolar. A faixa etária II apresenta uma taxa menor de apagamento (46,4%) em relação à faixa etária I (53,6), mostrando uma preferência maior pela forma padrão entre os idosos. Quanto ao grau de escolaridade, os resultados mostram que há menos apagamento entre os que apresentam mais instrução. E, com relação à variável sexo, os homens favorecem a redução do ditongo, enquanto as mulheres privilegiam a forma padrão, isto é, preservam o ditongo.

Tabela 1. Variáveis sociolingüísticas no processo de monotongação

Variáveis		Realizações		Não-Realizações	
		Qtd	%	Qtd	%
Faixa Etária	I	76	40,6	156	53,6
	II	111	59,4	135	46,4
Grau de escolaridade	Ensino Fundamental	70	37,4	165	56,7
	Ensino Superior	117	62,6	126	43,3
Sexo	Masculino	87	46,5	160	55,0
	Feminino	100	53,5	131	45,0

Gráfico 1. Variável natureza do contexto fonológico precedente – processo de monotongação



Conforme visualizamos no gráfico acima, o processo apresenta uma taxa muito alta de redução. Segundo a literatura da área, este ditongo ocupa a segunda posição em produtividade, ficando atrás, apenas do ditongo [ow], neste processo. Marroquim (1934, p.64) diz que “Ei. Perde a semivogal. É esse fenômeno comum entre o povo e entre as pessoas cultas. (ex.: quêjo, bandêra, pêxe)”. Amaral (1955, p.50) indica o contexto favorável à monotongação ao afirmar que “[...] ei (dit.) – Reduz-se a ê quando seguido de r, x ou j: esquêro, pêxe, bêjo”. Para Nascentes (1953, p.42), “O ditongo ei conserva-se nos

monossílabos, diante de vogais e na sílaba final: *dei*, *lei*, *cheio*, *saltei*, *mas*, diante de consoante, se reduz a *e*: *beijo* – *bejo*”. O processo foi observado, também, em Aguiar (1996). Em nossa análise, observamos a monotongação do ditongo “*ei*” [e] diante do /r/, e a manutenção do [ej] nos monossílabos e diante de /t/ e /m/, como nos dados “*prefeito*” e “*trazei-me*”, realizados por todos os informantes sem monotongar. Diante da fricativa /ʒ/ nos itens “*beijar*” e “*beija-flor*”, de 48 respostas, 12 monotongaram (25%).

Araújo (2000, p.24), no estudo sobre a redução dos ditongos orais decrescentes [aj, ej] e [ow] no falar culto de Fortaleza, observa que “[...] a redução do [ej] é fortemente condicionada pela natureza do contexto seguinte” e aponta a fricativa palatal e o tepe alveolar como os maiores aliados na realização desse processo fonético. Com base nos resultados obtidos, acrescenta que “[...] diante de flap (94%), a monotongação é praticamente uma regra categórica”. (Id, Ibid.p.64).

A monotongação do ditongo [ow] diante da consoante rótica, também, está presente em nossa análise, com relação ao item 57 do QFF, cuja resposta deveria ser a palavra “*loura*”. Observamos que, além do apagamento quase total em sílaba tônica, como em “*loura*” – l[ou]ra, ou em átona, como em “*ouvir*”- [o]vir, ocorre a alternância do ditongo [ow] com [oj]. Em 24 informantes, 12 responderam “l[oj]ra” (50%), 3, “l[ow]ra” (12,50%) e 9 monotongaram “l[o]ra” (37,50%).

No tocante à monotongação do ditongo “*ou*” [ow], Nascentes (1953, p.44) diz que este ditongo, em sua marcha evolutiva, se reduz a [o], e que, em certas palavras, alterna com “*oi*”, em Portugal. “Tal alternância, muito característica da fala portuguesa, não existe no Brasil. No Rio de Janeiro, como em todo o Brasil, diz-se: *ouro*, *louro*, *coisa*, *dois*. Os pedantes, por lusitanismo, dizem *oiro*, *loiro*, *cousa*, *dous*”. Processo, igualmente, observado por Amaral (1955, p.50), que afirma “Para o caipira tal sincretismo não existe”. Para Marroquim (1934, p.65), “Não há sincretismo entre o *oi* e o *ou*, no falar nordestino”. Já Aguiar (1996, p.68) admite a monotongação do *ou* e a modalidade *oi*.

Foi identificado em nossos dados, no item “*ceroulas*” – por [si’loras] – (Inf. 03), um processo de alternância do r em l, a monotongação do ditongo “*ou*” – [o] e um processo de hipértese (alteração fonética que consiste na transposição de um fonema de uma sílaba para

outra). Para Marroquim (1934, p.97), a transposição, como em “*Ciloura, trigue, largatixa, triato*, são casos comuns na linguagem popular”. Em Amaral (1955, p.54), encontramos os exemplos: “*agordão* (algodão), *cardaço, largato*”. Processo bastante freqüente em nossos dados é a redução de “para” por “pra”, muito utilizada na oralidade, principalmente, na fala espontânea, coloquial. Em certos contextos, em que o informante chegou a relatar um fato, ocorreu, também, o apagamento do **r** em “pra” – p[Ø]a. A palavra “úbere” foi realizada ub[Ø]re (Inf. 04), com supressão da vogal postônica, mas o tepe permaneceu. Falando sobre a pronúncia do **r**, no Ceará, Aguiar (1996, p.78), observa que, “[...] nas classes incultas, como elemento de sílaba postônica, nos proparoxítonos, o que se verifica pela queda da vogal anterior, é que o r ora cai, ora persiste: pássaro-passro, número-numro, árvore-arvre”.

b) Contexto 2 (posição intervocálica) – caro – carro – ca[r]o / ca[h]o

Neste contexto, destacamos a posição contrastiva dos fonemas: vibrante simples /r/ e vibrante múltiplo /r/, entre vogais, no interior da palavra. No *corpus* desta pesquisa foram encontrados, de modo uniforme, 500 dados com a variante fricativa velar [h] em posição intervocálica, como mostram os exemplos abaixo:

Terreno – te[h]eno	Borracha – bo[h]acha
Varrer – va[h]er	Sorriso – so[h]isso
Arroz – a[h]oz	Cigarro – ciga[h]o

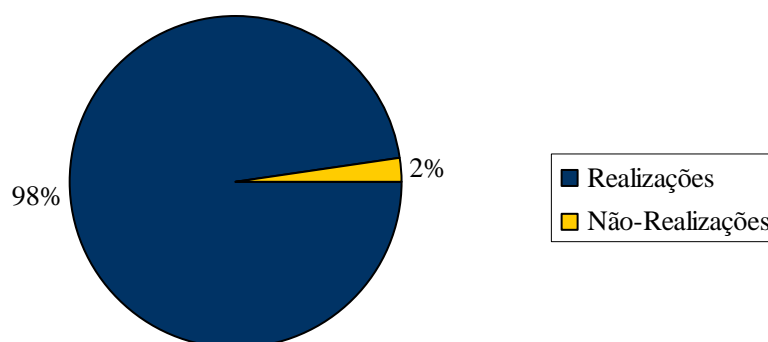
Pelo motivo justificado acima, quase não há alterações fonéticas neste contexto. Chamou-nos a atenção, o item “ferro elétrico” – realizado [fɛhɛ’lɛtriku], com uma elisão, por 9 dentre os 24 informantes (37,50%).

No que diz respeito à vibrante simples, além de sua realização contrastiva entre vogais, pode manifestar-se, também, seguindo consoante heterorgânica na mesma sílaba, formando os chamados grupos próprios, como em “cravo” – [‘kr]avo, “primo” – [‘pr]imo. Foram levantadas 1.674 ocorrências da vibrante, como segundo membro do grupo consonantal, e dentre estas, 37 foram apagadas, como em “Mané magro” – Mané mag[Ø]o, “dentro” – dent[Ø]o, “alpendre” – alpend[Ø]e, “próprio” – próp[Ø]io.

Tabela 2. Variáveis sociolingüísticas no /r/ como segundo elemento na mesma sílaba

Variáveis		Realizações		Não-Realizações	
		Qtd	%	Qtd	%
Faixa Etária	I	840	50,2	18	48,6
	II	834	49,8	19	51,4
Grau de escolaridade	Ensino Fundamental	793	47,4	20	54,1
	Ensino Superior	881	52,6	17	45,9
Sexo	Masculino	847	50,6	24	64,9
	Feminino	827	49,4	13	35,1

A Tabela 2 permite verificar que, neste processo de apagamento, as variáveis sociolingüísticas apresentam resultados muito próximos. Na faixa etária, os números mostram um maior índice de não-realização entre os informantes acima de 45 anos (51,4%). No grau de escolaridade, o índice mais elevado está entre os informantes com Ensino Fundamental (54,1%). Na variável sexo, há uma tendência maior ao apagamento entre os falantes do sexo masculino (64,9%). Parece-nos, no entanto, que o fator mais relevante neste processo, seja estrutural, pois o fenômeno enfocado ocorre quase sempre em posição final átona. Quando o grupo consonantal está em sílaba tônica o **r** permanece, exceto no item “programa”, realizado prog[Ø]ama. (Infs. 6, 11, 21). O gráfico abaixo ajuda a visualizar esta marca no falar fortalezense:

Gráfico 2. O /r/ como segundo elemento na mesma sílaba

Em seu estudo sobre os grupos consonantais, Nascentes (1953, p.53) divide as consoantes “ligadas” [sic.] em: consoante seguida de r e consoante seguida de l. No primeiro grupo, “Conserva-se em sílaba tônica e o r tende a desaparecer em sílaba átona: compadre-compade, negro-nêgo, registro-rezisto”. E no segundo, “Tal como na passagem do latim para o português, o l se muda em r: blando-brando”. Como podemos observar o processo de apagamento do **r**, como segundo elemento do grupo consonantal, identificado em nossos

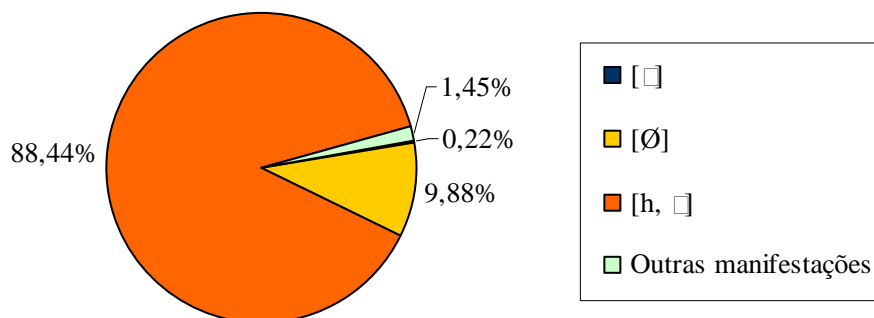
dados, com raras exceções, encaixa-se, perfeitamente, no primeiro grupo classificado por Nascentes. Segundo Aguiar (1996, p.78), “[...] Todos pronunciamos *próprio*, como em castelhano, e ninguém dirá *próprio*, a não ser em pronúncia esmerada; mas neste caso deve ter ocorrido uma dissimilação: $pr+pr = pr+p$ ”.

Outros processos de alteração fonética, comuns na linguagem popular, foram observados neste contexto. Por exemplo, a metátese na palavra “braguilha” por “barguilha”, em que a inversão do **r**, na mesma sílaba, foi constatada em 11 informantes (45,83%) no universo de 24; em “esfregar” por “esfergar” (Inf. 11); Observamos um caso de hipértese na palavra “vidro” por “vrido” (Inf. 19). Na palavra “crina” por “quilina” (Infs. 03 e 04), houve a intercalação de um /i/ epentético (suarabácti). Este processo de inserção mostra a tendência ao padrão silábico CV. Muito comum encontramos nos grupos consonantais com “l” e “r”, uma vogal de apoio entre as consoantes, como em: “clarear” – [qui]lrear, “flor” – fulô. Porém, esta vogal nunca ocorre entre consoantes que formam grupos próprios (p.ex.: “prato” – *[pi’ratu]).

Para Marroquim (1934, p.83), trata-se de um alargamento dos grupos consonantais pelo acréscimo de uma vogal entre eles e atribui, como causa, a dificuldade de pronúncia, diz que “Realmente é mais fácil ao povo alargar a palavra acrescentando-lhe uma sílaba do que pronunciar duas consoantes juntas”. Numa visão sociolinguística, na ocorrência de tal fenômeno, fatores de ordem estrutural, como os prosódicos (o ritmo, por exemplo), ou social, devem ser levados em conta no processo. Para Callou (1993, p.68), “Na verdade, em palavras como ‘admirar’, ‘obter’, ‘optar’ etc., na fala, mesmo na pronúncia culta, ocorre normalmente uma vogal entre duas consoantes, vindo a se desenvolver, assim, uma nova sílaba”.

c) Contexto 3 (pós-vocálico medial) – porta – po[h]ta, corda – co[h]da

Em posição pós-vocálica medial, o comportamento das variantes está relacionado à variável natureza do contexto fonológico subsequente. No tocante às variantes que se relacionam a esta posição, a fricativa glotal [h, ɦ] é a predominante (88,44%). Além desta, notamos pouquíssimas realizações do tepe (0,22%), o apagamento, que se coloca como a segunda forma preferida (9,88%) e alguns processos de alteração fonética, do tipo metátese, alternância (1,45%), num total 1376 ocorrências. No Gráfico 3, estão indicadas as percentagens de realização e não-realização no total dos dados deste contexto.

Gráfico 3. Manifestações dos fonemas /r/ e /r/ na posição pós-vocálica medial

Como já comentamos alhures, na estrutura silábica, a posição pós-vocálica é o elemento mais frágil e, portanto, mais vulnerável a restrições. Malmberg (1954, p.120), com base na fonética histórica, diz que “[...] as consoantes implosivas se enfraqueceram ou desapareceram mais facilmente do que as consoantes explosivas”. Com o rótico, neste contexto, não poderia ser diferente. Por ser uma consoante complexa e apresentar uma pluralidade de realizações fonéticas está sujeita a diferentes restrições que podem incidir, tanto no ponto como no modo de articulação.

Podemos observar, na Tabela 3, a exemplo do que aconteceu com o **r** nos outros contextos, que as variáveis sociolingüísticas favorecem o apagamento.

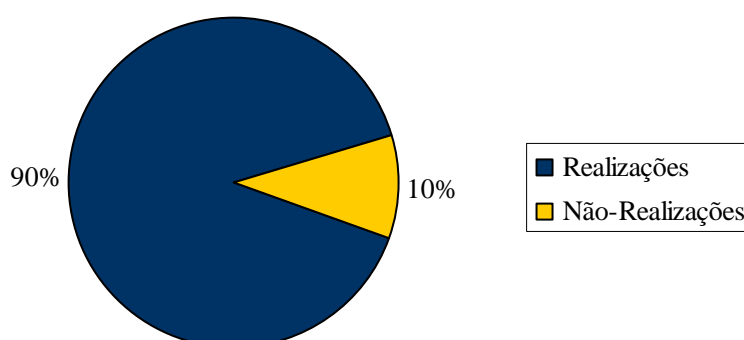
Tabela 3. Variáveis sociolingüísticas no rótico pós-vocálico medial

Variáveis		Realizações		Não-Realizações	
		Qtd	%	Qtd	%
Faixa Etária	I	621	50,1	72	52,9
	II	619	49,9	64	47,1
Grau de escolaridade	Ensino Fundamental	599	48,3	69	50,7
	Ensino Superior	641	51,7	67	49,3
Sexo	Masculino	618	49,8	74	54,4
	Feminino	622	50,2	62	45,6

A faixa etária apresenta 52,9% de apagamento entre os mais jovens, contra 47,1% entre os idosos. O grau de escolaridade confirma que os de maior nível de ensino apagam menos (49,3%). E, quanto ao sexo, o masculino continua na liderança com 54,4% de apagamento. Contudo, observamos que foi o ambiente fonético que mais contribuiu no processo e, neste contexto, a variável natureza do contexto fonológico subsequente, como veremos adiante.

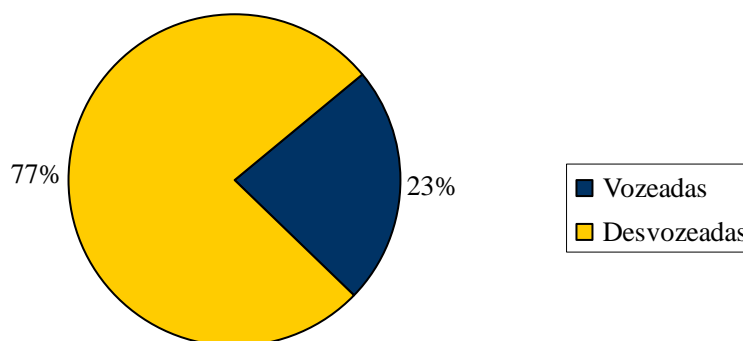
Analisando o comportamento das variantes em posição pós-vocálica no interior da palavra, encontramos duas restrições: a presença da fricativa glotal, como em “porta” – po[h]ta, “corda” – co[h]da, e um processo de apagamento do rótico, ocasionado pela variável contexto fonológico subsequente, no caso, as obstruintes (oclusivas e fricativas) e soantes (nasais), como em: “surpresa” – su[Ø]presa, “perturbado” – pertu[Ø]bado, “perfume” – pe[Ø]fume, “força” – fo[Ø]ça, “murchar” – mu[Ø]char, “informar” – info[Ø]mar. Observemos o gráfico abaixo:

Gráfico 4. Rótico pós-vocálico medial



Analisando este processo de apagamento, verificamos que, dentre as obstruintes, as fricativas condicionam em maior número de vezes a não-realização do **r** precedente e, levando-se em conta o traço de vozeamento, as fricativas desvozeadas /f/, /s/ e /ʃ/ são as que mais contribuem para a supressão da vibrante. (77%). Temos os resultados expressos no gráfico abaixo.

Gráfico 5. Rótico pós-vocálico medial seguido de fricativas



Em sentido análogo, Hora; Monaretto (2003, p.121) constatam que, no falar pessoense, em posição pós-vocálica no interior da palavra, “[...] de forma categórica, o rótico

aspirado se realiza sempre que o contexto seguinte é o de outra consoante que não uma fricativa. Diante de uma fricativa, a tendência é a utilização do zero fonético”. Explicam que a oposição entre a presença do [h] e [Ø], em posição interna e final de palavra, é controlada pelo contexto fonológico seguinte e pelo estilo que, sendo formal, dá preferência à forma aspirada.

A presença da fricativa funciona como restrição favorecendo o apagamento apenas no interior da palavra: ga[h]fo : ga[Ø]fo, ce[h]veja : ce[Ø]veja, cato[h]ze : cato[Ø]ze. [...] Quando no final, o comportamento do falante é sempre o mesmo, com preferência pelo apagamento: toma[h]decisões : toma[Ø]decisões, ma[h]calmo : ma[Ø]calmo. (Id.Ibid.p.128).

Segundo os estudiosos citados acima, “O efeito da fricativa é um aspecto do problema com paralelos na história do Português onde corsariu > cossário, ursu > osso etc.”. (Id.Ibid.p.135). Bueno (1967, p.81) afirma que “A vibrante seguida de sibilante (R+s), já desde o latim vulgar se assimilava: *dossum* por *dorsum*; [...] O português arcaico continuou a assimilação: *usso* e *osso* (*ursum*); *pessoa* (*personam*). A língua clássica refez *urso*, *verso*”.

Macambira (1985, p.153), em estudo sobre o ‘dialeto’ [sic.] culto de Fortaleza, nos apresenta o **r** seguido por **s** mais consoante, como uma das letras mudas em português. São exemplos do autor: *interstício*, *perspectiva*, *superstição*, *perspicaz*, *perscrutar*. De acordo com a estrutura fonológica da língua portuguesa, no grupo **rs** o **r** não deve ser pronunciado. E vai mais adiante, quando conclui que “[...] ordinariamente não se pronuncia o **r** seguido por consoante fricativa: garfo – /’gafu/, sorvete – /sɔ’veti/, curso – /’kusu/. [...] A interjeição **ixe** origina-se de **virgem**, com as seguintes obliterações: **virgem** → **virge** → **vige** → **vixe**, donde a final **ixe**”. (Id.Ibid.p.153).

Do ponto de vista fonêmico, auditivo antes que articulatorio, Câmara Jr. (1977, p.39) diz que:

[...] oclusivas e fricativas têm em comum a circunstância de serem francamente consonânticas. [...] Temos assim, os fonemas consonânticos puros, plosivos e fricativos, respectivamente. As nasais, laterais e vibrantes se associam por uma combinação do consonântico com o vocálico (sonântico). Nas nasais há a ressonância nasal; nas outras duas séries só há ressonância oral, diferindo entre si pelo ruído de oclusão parcial (/l/ e /l/) e pelo de vibração (/r/ e /r’/).

Segundo Chomsky & Halle (1968), em termos de traços, a diferença entre róticos e laterais está no fato de que apenas os últimos são marcados pelo traço [lateral]. A vibrante

distingue-se do tepe pelo fato de que só a primeira é marcada pelo traço [contínuo]. Portanto, o que caracteriza uma consoante é, além do efeito auditivo, a corrente de ar na cavidade oral.

Parece-nos que na tentativa de elucidar este efeito, devemos levar em consideração as características fonéticas das próprias consoantes, pois, enquanto as líquidas possuem o traço vocálico e o consonântico, a fricativa, apenas o consonântico, além de um grau de abertura bem menor (fricativas 1, líquidas 3). Percebemos que o processo de enfraquecimento, via de regra, relaciona-se ao Princípio de Sonoridade, já mencionado anteriormente, pois, levando-se em conta o grau de abertura das vogais e consoantes, quanto maior a sonoridade menor a resistência à saída da corrente de ar. Caminhando da direita para a esquerda na Escala de Sonoridade, as oclusivas são as menos sonoras e as que encontram maior resistência, e o **r**, nessa escala, pertence à categoria das líquidas, o que o torna mais próximo da vogal.

Em nossos dados, observamos que pode ocorrer o inverso do fenômeno acima, ou seja, a substituição das fricativas vozeadas /v/, /z/ e /ʒ/, em determinados contextos, pela vibrante múltipla /r/ em sua variante aspirada /ʁ/, como em “vou” – [‘fio], “a gente” – [a’fêtfi], “mesmo” – [‘mefmu].

Destacamos, neste espaço, um processo observado na fonética histórica do latim – o Rotacismo. Segundo Dubois (1978, p.523), chama-se rotacismo “[...] a transformação da sibilante sonora [z] em [r] apical. [...] Por extensão, o termo rotacismo designa a transformação do [r] a partir de outras consoantes, como o [d] e, sobretudo o [l]”.

Marroquim (1934, p.220) explica que a mudança de s em r é fenômeno regular em latim, “[...] onde os imparissílabos da 3ª declinação nos apresentam vários exemplos: *jus*, *júris*, por *jusis*, *corpus*, *corporis* por *corposis*. No dialeto, há o caso de *mesmo*, que em algumas regiões do Brasil é pronunciado *mêrmo*”. Abaurre e Sandalo (2003, p.164) dizem que a debucalização de coronais contínuas “[...] é um processo comum no português brasileiro. Vale notar que também a fricativa coronal /s/ pode ser debucalizada, uma vez que constatamos, em alguns dialetos, a realização deste segmento como [h] (cf.me[h]mo, ‘mesmo’)”. Analisando os posicionamentos acima, observamos que na passagem da consoante fricativa plena /S/, em “me[z]mo”, ao rótico aspirado [ʁ], em “me[ʁ]mo”, houve um processo de enfraquecimento, ou seja, a substituição da fricativa /S/ pela vibrante múltipla

/r/, em sua variante aspirada [h], marca da realização desse fonema na região nordestina, principalmente, no Ceará.

Dizemos ‘nordestina’ porque pesquisadores documentaram esse fenômeno em Alagoas, Pernambuco e no Ceará (Cf. AGUIAR, 1937, p.271-307), (Cf. SERAINE, 1970, p. 21-55). São trabalhos que tratam dos aspectos fonético-fonológicos no falar nordestino e que se destacam pelo pioneirismo e importância. Bueno (1967, p.22-3), numa visão um tanto preconceituosa, observa que “Há no norte do Brasil todo e também no Rio de Janeiro, talvez por causa do grande número de nortistas aí residentes, um r gutural [...]”. E fala, ainda, de estudos em que constata, nos estados da Bahia, Alagoas, Pernambuco e Rio de Janeiro, a realização do [h] aspirado, principalmente, por pessoas de “baixo nível intelectual”. Logo, esta marca regional não é exclusividade do cearense, encontra-se em processo de difusão para outras regiões do país.

O fenômeno não é novo para estes autores e, todos eles, sem muita especificidade, corroboram que o uso dessa variante é socialmente estigmatizado. Martinz de Aguiar (1937, p.290), refere-se a este som como *consoante faucal* “[...] que emitimos ao rir (há, há, há), embora um pouco mais atenuado”. *Faucal* é “[...] um termo geral que abrange sons faríngeos, glotais e laríngeos, todos produzidos na garganta – fauces em latim”. (MACAMBIRA, 1985, p.29). No artigo supracitado, Aguiar (1937, p.290-298), assim descreve o fenômeno:

- Consoante **j** – Na linguagem infantil e dos rústicos, transforma-se, antes de vogal palatal, na consoante faucal que emitimos ao rir (*ha, ha, ha*), embora um pouco mais atenuada: *hente* (gente), *hiro* (giro). Às vezes, essa transmutação alcança até palavras em que figuram as outras vogais: *hanela* (janela), *hogar* (jogar), *humentó* (jumento). Esta faucal lembra o nosso r, velar, e por isso é representada por r por pessoas pouco letradas.
- Consoante **s** – No dialeto popular, passa a r antes de d e consoante nasal: *ur-dia* (os dias), *ur-dedo* (os dedos), *mehmo* (mesmo), *ar manga* (as mangas), *dehde* (desde), *ur-nome* (os nomes);. A consoante **z**, antes de vogal palatal, também pode passar à faucal característica do riso, na linguagem infantil e do povo: *fahê* (fazer), *fahia* (fazia), *fahenda* (fazenda). O s final, que se liga como z à palavra seguinte, começada por palatal, passa a h. Daí ser muito comum ouvir *ma-h-eu*, *ma-h-é-isso*, por *mas eu*, *mas é isso*.

- Consoante **v** – Transforma-se no dialeto rústico e no infantil, na mesma faucal em que se transmuta o j que vem antes da palatal: *estaha* (estava), *ahia* (havia), *hamo* (vamos). Cavalo passa a *cahalo*, e até a *chalo!* (com o c, duro, seguido imediatamente da faucal) e *halo*.(cavalo). A faucal é às vezes tão reduzida, que só um ouvido experimentado pode apreendê-la.

Conclui que “[...] três consoantes portuguesas tendem a unificar-se na faucal h, na linguagem popular e infantil: o j, o v e o z. Notemos que a pronúncia *mah* (+ vogal palatal) aparece mesmo na fala descuidada das pessoas cultas”. (Id.Ibid.p.299). O referido autor estigmatiza o fenômeno de enfraquecimento das fricativas sonoras /v/, /z/ e /ʒ/, mas reconhece-o na fala descuidada das pessoas cultas, na qual observa que “mas” aparece como /ˈmah/.

Outros autores vêm, neste caso, um fator de nível de registro informal, numa fala mais relaxada, digamos, familiar, sem que venha a marcar uma variante regional ou social. Contudo, trabalhos mais atuais têm contestado essa teoria, como o de Roncarati (1988) e o de Aragão (2000). Para Roncarati, as evidências de seu estudo demonstram que “[...] os fatores mais influentes no enfraquecimento das fricativas sonoras são de natureza lexical e interacional”. E, cita como fatores lingüísticos mais importantes: a natureza da consoante seguinte, a presença do morfema imperfeito {-ava} e a natureza da vogal seguinte. Aragão aponta, dentre outras causas que contribuem para o enfraquecimento das consoantes fricativas sonoras e sua reificação em [h], além dos fatores lingüísticos, como: a vogal seguinte – “tava” [ˈtava > taɦa], a posição inicial do segmento – “vamos” [ˈvâmus > fâmus], a posição medial – “mesmo” [ˈmezmu > meɦum], fatores diastráticos e diatópicos, pois,

[...] considera o fato sócio-dialetal uma vez que está relacionado não apenas ao grau de pouca escolaridade do falante, mas ao contexto situacional de informalidade de falantes mais escolarizados [...] é marca muito forte em determinados estados do Brasil, como o Ceará, passando a ser também, diatópico ou geográfico.

Aragão; Soares (1996, p.16), em estudo sobre a *Variação Diatópica e Diastrática nos Falares do Nordeste do Brasil*, utilizando *corpora* diferentes (o *corpus* da Paraíba, constituído pelo material do Atlas Lingüístico da Paraíba e o do Ceará, constituído dos *corpora* dos projetos: *O Português Não-Padrão do Ceará* e *Dialetos Sociais Cearenses*), estabelecem comparação entre os falares nos dois Estados – Paraíba e Ceará – e observam, dentre outros processos, que a neutralização dos fonemas vozeados /v/, /z/, /ʒ/ e sua

conseqüente “reificação” na variante aspirada [h] do fonema /r/, é marca específica do Ceará, uma vez que, na Paraíba, o fenômeno ocorreu apenas em alguns casos, como em “mesmo” [‘mezmu > ‘mehmu], “a gente” [a’zêti > a’hêti]. Igual resultado foi encontrado por Mollica (2003, p.24), “[...] no português do Rio de Janeiro, a fricativização do /r/ medial acaba por restringir-se à palavra ‘mesmo’ e à expressão ‘a gente’”.

Aragão e Soares acrescentam, também, que a neutralização dos fonemas /v/, /z/, /ʒ/ é uma variante diastrática, relacionada ao grau de escolaridade do falante, uma vez que, os *corpora* analisados foram de informantes com, no máximo, primeiro grau completo de escolarização. (Op.Cit.p.17).

A respeito dessa marca no falar cearense, Macambira (1985, p.273-4), fundamentando-se no ‘dialeto’ [sic.] culto de Fortaleza, diz que:

O pronunciar-se o nosso **v** como **r** espirante nalgumas regiões cearenses demonstra com evidência o parentesco fonético entre as duas fricativas: **carralo réi** em lugar de **cavalo velho**. Até mesmo no português coloquial de Fortaleza, **rambora** substitui **vambora** na boca de formandos e formados, incluídos também os professores. A maior prova da semelhança é que, falando-se depressa, não se distingue se o falante proferiu **v** ou **r** no caso de **vambora**.

Parece-nos que o processo de debucalização ou enfraquecimento explica a ocorrência dessa marca fonética no falar fortalezense. Nossa análise indica alguns fatos como os mostrados a seguir:

- A neutralização de /v/ > [h] ocorre de forma sistemática, em posição inicial e medial, em nomes e verbos. É mais freqüente com a vogal /a/. Vejamos alguns dados:

Brincavam de bola. – brinca[h]am de bola. (Inf. 01).

Vem, almoçar, moçada! – [h]em almoçar, moçada! (Inf.01).

Vai vender na rua alguma coisa . [h]ai vender na rua alguma coisa. (Inf. 03).

Vai se virar da maneira que ... – [h]ai se virar da maneira que... (In. 03).

Vem falar com a gente. [h]em falar com a gente. (Inf. 04)

Ave Maria! A[h]e Maria! (Inf. 04)

Vidro – [h]idro. (Inf. 11).

Levar. Le[h]ar. (Inf. 11).

Estava havendo. Ta[h]avendo. (Inf. 23).

Ele estava lá. Ele ta[h]a lá. (Inf. 23)

Jogava bola. Joga[h]a bola. (Inf. 23).

Observamos que o maior número de ocorrência é com a desinência do Pretérito Imperfeito do Indicativo {-ava}. Observamos, também, que em outras formas verbais não foi relevante e apresentou um baixo índice de ocorrência em outras classes de palavras. Observamos, ainda, que, depois das formas verbais em {-ava}, são as formas do verbo IR, as mais atingidas pelo processo de neutralização: “vou” – [‘h]o, “vai” – [‘h]ai, “vá” – [h]á, “vamos” – [h]amos, “vão” – [h]ão; é, também, freqüente em algumas formas dos verbos TER: “teve”- te[h]e, “tiver” – ti[h]er; ESTAR: “estava” – esta[h]a, “tava” – ta[h]a; VIR: “vim” – [h]im, “vem” – [h]em; LEVAR: “levava” – le[h]ava.

A neutralização de /z/ > [h] ocorre, sistematicamente, em posição medial, antes de consoante vozeada e, em posição final, seguida de vogal ou de consoante vozeada, como segue:

Por causa que ele... Por cau[h] que ele... (Inf. 01).

Rixa mesmo. Rixa me[h]mo. (Inf. 01).

Posso responder mais não. Posso responder mai[h] não. (Inf.01).

Mais bem... Mai[h] bem... (Inf. 01).

Está fazendo sol. Está fa[h]endo sol. (Inf. 03).

É burro mesmo. É burro me[h]mo. (Inf.03).

É corno mesmo. É corno me[h]mo. (Inf. 03).

Casa de família. Ca[h]a de família. (Inf. 03).

Essa mesma. Essa me[h]ma. (Inf.03).

Faz muita amizade. Fai[h] muita amizade. (Inf. 03).

Chama lebrinando, mesmo. Chama lebrinando, me[h]mo. (Inf. 04).

Só neve mesmo. Só neve, me[h]mo. (Inf. 04).

Tem tantos nomes. Tem tanto[h] nome. (Inf. 04).

Fez um despacho, fez uma demanda. Fe[ɦ] um despacho, fe[ɦ] uma demanda.
(Inf. 04).

Ontem fiz o mesmo ritmo. Ontem fiz o me[ɦ]mo ritmo.(Inf. 04).

Aqui, faz doze anos. Aqui, fa[ɦ] doze anos.(Inf. 04).

Tem que trabalhar, mesmo. Tem que trabalhar, me[ɦ]mo. (Inf. 04).

Mesmo. Me[ɦ]mo. (Infs. 07, 16, 17, 24).

Rodou mais de dez vezes. Rodou mai[ɦ] de de[ɦ] vezes. (Inf. 08).

Tisna. Ti[ɦ]na. (Infs. 11, 12, 20).

Desde. De[ɦ]de. (Inf. 15).

Por causa das notícias. Por cau[ɦ] da[ɦ] notícias. (Inf. 17).

Meu irmão mais novo. Meu irmão mai[ɦ] novo. (18).

Mais nada não. Mai[ɦ] nada não. (Inf. 18).

Vende mais barato.Vende mai[ɦ] barato. (Inf. 19).

Maio mês das noivas. Maio mê[ɦ] da[ɦ] noivas. (Inf. 19).

Mais de trinta. Mai[ɦ] de trinta. (Inf.20).

É isso mesmo. É isso me[ɦ]mo. (Inf.20).

Foi mais ou menos. Foi [maɦo'mêno]. (Inf. 20).

Se estiverdes. Se e[ɦ]tiverdes. (Inf.20).

Observamos que a marca de plural parece desfavorável à neutralização de /z/, pois em muitos casos ocorre a neutralização e, nem por isso, a indicação de plural é afetada, como em “Os dedos” – [oɦ] dedo[∅]. Seguindo uma hierarquia, a maior ocorrência de neutralização do /z/, no interior de vocábulo, está no item ”mesmo”, seguido do favorecimento do contexto fonológico seguinte, as consoantes nasais /m/, /n/, a lateral /l/ e a oclusiva dental /d/. É preponderante o efeito de consoantes nasais sobre a neutralização do /z/. Aguiar (1996, p.121), ao estudar alterações fonéticas determinadas por relações sintáticas, apresenta o seguinte fato: “Temos uma moeda de cobre de valor de dez *réis*, a que chamamos um *derréis* (e, portanto dois *derréis*, três *derréis*, etc.) com a assimilação do z ao r”.

A neutralização de /ʒ/ > [ɦ] ocorre sistematicamente em posição inicial, sendo mais freqüente com a vogal /a/ e com a vogal nasal /ê/, como nos casos:

- Já dá pra pintar. [h]á dá pra pintar. (Inf. 03).
- Já vem preparado. [h]á vem preparado. (Inf. 03).
- Já está com mais de vinte e seis anos. [h]á tá com...(Inf. 03).
- Eu já estou acostumado. Eu [h]á tô acostumado. (Inf. 03).
- Tem muita gente boa e a gente. Tem muita [h]ente boa e a [h]ente.(Inf. 03).
- É vereda que a gente vai passando. É vareda que a [h]ente vai... (Inf. 04).
- Fulano já me disse. Fulano [h]á me disse. (Inf. 04).
- Já ter. [h]á tê. (Inf. 07).
- A gente, A [h]ente. (Infs. 11, 17).
- Levava a gente. Levava a [h]ente. (Inf. 23).
- A gente tinha. A [h]ente tinha. (Inf. 23).
- A gente passava. A [h]ente passava. (Inf. 23).
- A gente se reencontrar. A [h]ente se reencontrar. (Inf. 23).

Como Roncarati (no prelo), Aragão; Soares (1996) e Mollica (2003), nossa expectativa em relação à neutralização de /z/ > [h] restringia-se à palavra “mesmo” – me[h]mo, ao plural de determinantes, como em “os dias” – o[h] dias, ao advérbio “mais” mai[h] e à conjunção “mas” – ma[h]; em relação à neutralização de /v/ > [h], é que se daria com o Imperfeito do Indicativo e com o verbo IR; e, quanto à neutralização de /ʒ/ > [h], resumia-se ao “já” – [h]á e à palavra “gente” – [h]ente. Mas não foi o esperado e, conforme vimos, é uma marca muito forte no falar fortalezense.

De um modo geral, constatamos que há predominância de realização plena das fricativas desvozeada e vozeada, em posição inicial de vocábulo e em início de sílaba no meio da palavra. Contudo, em termos discursivo-pragmático, em situação menos monitorada, digamos mesmo, relaxada, mais rápida, a fala favorece a neutralização e, até mesmo, o apagamento das referidas consoantes, embora em menor número, nos contextos mostrados anteriormente. Talvez uma explicação para que este fenômeno de transformação ocorra seja a perda do ponto de articulação, permanecendo apenas a fricção.

No que concerne às laterais, sabemos que, neste contexto, a alternância – processo de neutralização entre /l/ e /r/, em favor do último – muito comum na linguagem popular, pode ocorrer em dois ambientes fonológicos: como segunda consoante do grupo consonantal (“planta” – p[r]anta) e em final de sílaba interna (“alma” – a[ɦ]ma). Em final de palavra, geralmente, cai (“natural” – naturá). Em nossos dados, a predominância é a glidização da consoante “l” pós-vocálica em [w], como exemplificamos abaixo:

Real	rea[w]
Brasil	Brasi[w]
Feltro	fe[w]tro
Soldado	so[w]dado
Alvorada	a[w]vorada
Calcanhar	ca[w]canhar

Não muito comum é a troca do **r** pela fricativa desvozeada [ʃ]. Foram identificados no *corpus* alguns dados com esta marca, a exemplo de:

Divertir	dive[ʃ]tir (Inf. 21)
Divertindo	dive[ʃ]tindo (Inf. 19)
Artista	a[ʃ]tista (Inf.18)
Vertigem	ve[ʃ]tigem (Inf. 23, 24)

Dependendo da variedade da língua, o **r** pode ser substituído pelas vogais assilábicas /w/, /j/, como em “sorvete” – so[w]vete, “porca” – pó[j]ca. São formas comuns na linguagem popular e bastante estigmatizadas, uma vez que denotam baixo nível de escolaridade. O processo de vocalização foi observado em alguns dados, como por exemplo, na palavra *córrego* > co[ɦ]go > cóigo, em que houve a supressão da vogal postônica e, a seguir, a vocalização; na palavra “terçol”, realizada “teiçol” (Inf. 9); e, na palavra “argueiro” que apresentou, primeiramente, a alternância do **r** em **l**, a seguir, a vocalização – a[w]gueiro (Infs.1, 3, 4, 7, 11, 18, 20). Este processo, embora de forma pouco produtiva, foi observado por Hora; Monaretto (2003, p.129) no falar pessoense e, por nós, no falar fortalezense. A posição final de sílaba, neste contexto, é apontada como favorável à transformação do trill em glide.

Falando sobre a fonética descritiva cearense, Aguiar (1996, p.48) diz que “[...] o r final de sílaba, o qual é velar, em todas as camadas sociais, passa a i (cóigo, coineta, péito: córrego, corneta, perto) no falar matuto de alguns municípios”. Segundo Marroquim (1934, p.90), “[...] “O grupo r mais consoante dá grande contribuição para esse metaplasmo na língua popular: *Baibino, baibearia, aico, poico*”. Melo, encabeçando a mesma posição, diz que: “Quanto a l, creio que primeiro se dá a transformação em –r, segundo a cadeia: -l > -r > -y, de tal modo que o acidente se dará apenas com o –r [...] ouve-se *baiba, caine, coida, poita*, ao lado de *barba, carne, corda, porta*”. (1971, p.106).

Alguns casos de metátese foram identificados em nossos dados, tais como: “terçol” por “treiçol” (Infs. 1, 10, 11, 20); “fervendo” por “frevendo” (Inf. 19). São exemplos de Nascentes (1953, p.65): “Por transposição: *caderneta-cardeneta, lagarta-largata*; Por penetração: *dormir-drumi, torcer-trocer*”. Marroquim (1934, p.97) observou que “A extrema mobilidade do r fá-lo mudar freqüentemente de lugar: *ditriminá(r)*, (determinar), *porteição, perfume*”. Para Aguiar (1996, p.77). “Na linguagem do povo, é móvel nas sílabas iniciais *per e pré*. Daí, *perciso, e preguntar*”. Exemplos de Amaral (1955, p.54): “*purcissão, partelêra, agardecê*”.

Encerramos a análise deste contexto, apresentando as diferentes realizações do vocábulo “irmão” em nossos dados. Quando isolado, foi realizado sem variação, porém, contextualizado em “os sete irmãos”, no Texto para Leitura, apresentou variações do tipo: sete[h]irmãos (1 Inf.), sete i[Ø]irmãos (2 Infs.), sete[z]irmãos (5 Infs.), seti[h]irmãos (5 Infs.) e sete irmãos (11 Infs.), em 24 informantes. Aguiar (1996, p.86) diz que “Metátese interessantíssima é a que se nota no popular ‘*rimão* (r – brando), por *irmão*, quando depois de palavras terminadas por vogal e que com ele constituam um grupo rítmico: *o – ‘rimão, meu – ‘rimão, seu – ‘rimão*”.

d) Contexto 4 (pós-vocálico final) – mar – ma[h]

No PE, sem grande dificuldade, o rótico em posição pós-vocálica, no nível fonético, é especificado, apenas, como vibrante coronal /r/. No PB, a situação é crucial, pois a consoante rótica pode apresentar realizações diversificadas, tanto no contexto pós-vocálico medial, como no contexto pós-vocálico final, motivo pelo qual decidimos analisá-los

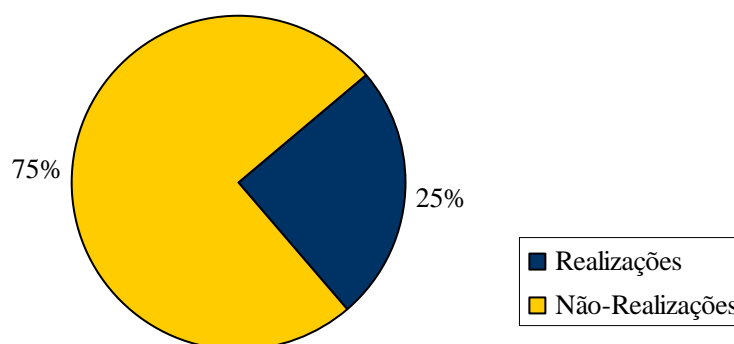
separadamente, como o fez Callou (1997, p.126), “[...] já que a distribuição do /R/ apresenta aspectos particulares”.

No contexto pós-vocálico final, podemos considerar duas condições para realização do rótico. Na primeira, a sua realização diante de pausa (posição final absoluta). Na segunda, a sua realização diante de palavra iniciada por vogal ou por consoante (posição pós-vocálica, implosiva, seguida de vogal ou de consoante).

Iniciamos a nossa análise pela primeira opção. O comportamento das variantes, neste contexto, é semelhante ao das variantes no contexto anterior, correlaciona-se à variável natureza do contexto fonológico subsequente, neste caso, à pausa, impossível de ocorrer no meio da palavra. Em posição final absoluta, é possível a realização, tanto da vibrante simples, como da vibrante múltipla. Em nossos dados ocorrem duas variantes: a fricativa glotal [h] e o apagamento [Ø], com predomínio da última.

Pelo alto índice de apagamento, deduzimos que a pausa pode ser considerada como favorável à não-realização da consoante, neste contexto, que ficou resumido a uma variável binária, constituída pela presença do [h] e de sua supressão [Ø]. Tais resultados ratificam outras pesquisas anteriores a respeito dos róticos em posição implosiva, como: a de Callou (1979; 1998), Monaretto (2000; 2002), Hora; Monaretto (2003), Oliveira (2003), Lima (2003), Cunha (2006). Conforme o gráfico abaixo, podemos observar que, em posição final de palavra, o índice de apagamento é muito elevado (75%).

Gráfico 6. Rótico pós-vocálico final – em pausa



A respeito das variantes da vibrante no PB, Mateus (2003, p.187) explica que a realização de /r/ como aspiração [h] e a sua supressão (realização zero) resultam da

desassociação de alguns traços que identificam a consoante [h] e o zero fonético: “[h] envolve o corte do traço consonântico e, em consequência, o corte do nó de Ponto de Articulação da Consoante (uma aspiração é uma soante, mas não é uma consoante); a realização do zero implica que a raiz seja desassociada não havendo, portanto, qualquer realização fonética”.

Desse modo, as consoantes com obstrução laríngea não contam com o módulo de Ponto e nem podem ser marcadas pelo traço [+consonantal], não são, portanto, consoantes “puras”. Abaurre; Sandalo (2003, p.162) interpretam o [h] como efeito de um processo de debucalização da vibrante. Dizem que “[...] para a derivação de um elemento glotal, o nódulo de Ponto deve ser desligado (debucalização). [...] Uma vibrante debucalizada (i.é. glotal) é impossível articulatoriamente, sendo, portanto, a fricativa glotal a única possibilidade, aqui”.

As autoras acima referenciadas acrescentam que a mudança de vibrante para fricativa glotal é explicada na gramática de traços como debucalizada (na fonologia gerativa), mas pode, também, ser explicada pelo estruturalismo como um processo de enfraquecimento. Callou, Leite & Moraes (2002, p.544) afirmam que a “fricativa glotal surda é a predominante em muitos dialetos”, e que ocorre por um processo de enfraquecimento em direção ao desaparecimento: $r > R > x > h > \emptyset$.

Passamos à análise do rótico em posição pós-vocálica final, contextualizado, diante de vogal ou consoante. Diante de palavra iniciada por vogal, a permanência da consoante rótica nesta posição, pode favorecer o seu apagamento, o que é muito comum em nossos dados, como em: “por exemplo” – po[\emptyset]exemplo, “botar água” – bota[\emptyset]água. Ou favorecer a sua presença, como em:

por exemplo – [pore'zêplu]

colocar água – [kɔlka'ragwa]

dar à luz – [dara'lujz]

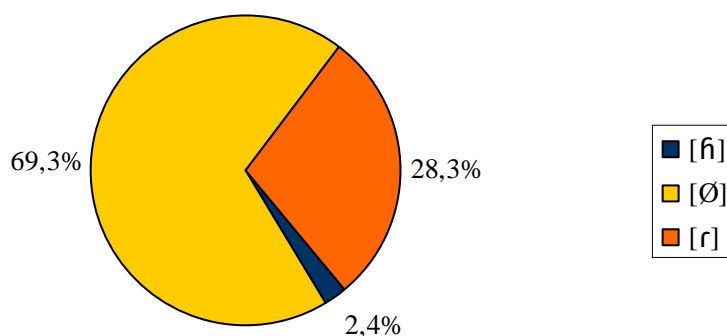
ouvir isto – [ovi'ristu]

ter olhado – [terɔ'ladu]

Neste caso, o rótico se transformou em ataque de sílaba, como tepe, em um processo de ressilabificação, ao se encontrar entre vogais em junção intervocabular, impedindo o apagamento, portanto, no pós-léxico – sândi externo (fenômeno que ocorre em

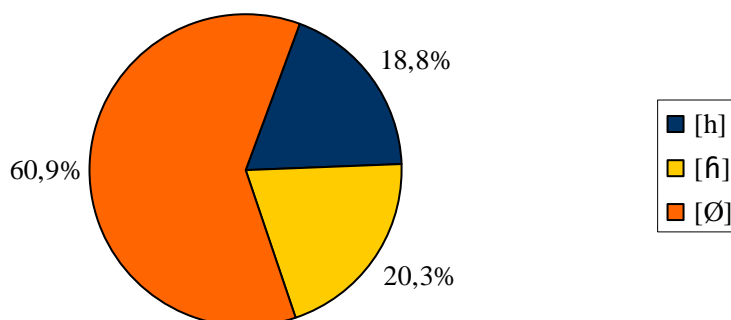
fronteira de palavra, em que o segmento final ou medial é afetado pelo contexto em que ocorre, ocasionando transformação na estrutura silábica). O [h] pós-vocálico passou a pré-vocálico [r], e a sílaba, de travada à livre – CV. Observamos, pelo alto índice de não-realização do [h] apresentado em nossos dados que, mesmo diante de palavra iniciada por vogal, a preferência é pelo apagamento, pois a realização do tepe neste contexto deve-se, quase, exclusivamente, à presença da vogal inicial da palavra seguinte. Em 166 ocorrências do rótico pós-vocálico diante de vogal, apenas (2,4%) foram para a aspirada [h], (69,3%) foram para o zero fonético [Ø] e (28,3%) para o tepe [r].

Gráfico 7. Rótico pós-vocálico final diante de vogal



Diante de consoante, identificamos a presença do [h], como em “dura[h] muito”, “busca[h] no”, “chega[h] perto”, dentre outros dados. No entanto, estes mesmos dados foram realizados por outros informantes com apagamento do rótico, como em: “dura[Ø] muito”, “busca[Ø] no”, “chega[Ø] perto”. Das 330 ocorrências do rótico pós-vocálico, diante de consoante, (18,8%) foram para a aspirada [h], (20,3%) para a aspirada [h] e (60,9%) para o zero fonético [Ø]. O gráfico abaixo permite visualizar melhor os valores percentuais:

Gráfico 8. Rótico pós-vocálico final diante de consoante



Se, por um lado, a consoante pode favorecer o apagamento do [h], por outro lado, a vogal inicial da palavra seguinte pode favorecer a manutenção do rótico, ao funcionar como núcleo silábico. Situação semelhante ocorreu em nossos dados. Enquanto a vogal diminuiu o valor do apagamento, ao apresentar comportamento diferenciado em função do processo de ressilabificação do [r], a consoante o favoreceu, e o resultado, conforme o gráfico acima, é uma taxa muito alta de não-realizações neste contexto. No estudo realizado por Oliveira (1983), a vogal favorece a ocorrência do tepe em final de vocábulo. Já a consoante, favorece o apagamento. Hora; Monaretto (2003, p.124-5) dizem que, no falar pessoense, “[...] o contexto seguinte, se vazio ou preenchido por uma consoante, se correlaciona positivamente à presença do rótico. A presença da vogal no contexto seguinte, portanto, favorece o apagamento do rótico”.

Com relação às variáveis sociolinguísticas, entre a faixa etária I e II quase não há diferença quanto à realização e não-realização do rótico. A diferença mais significativa fica no grau de escolaridade, com o Ensino Fundamental apresentando um percentual de 54,4% de não-realizações, e o Ensino Superior com 45,6%. A variável sexo, neste contexto, também, favorece o apagamento, com os homens mais uma vez encabeçando a inovação, com 58,9% *versus* 41,1%, para as mulheres.

Tabela 4. Variáveis sociolinguísticas no rótico pós-vocálico final no contexto

Variáveis		Realizações		Não-Realizações	
		Qtd	%	Qtd	%
Faixa Etária	I	91	50,6	158	50,0
	II	89	49,4	158	50,0
Grau de escolaridade	Ensino Fundamental	89	49,4	172	54,4
	Ensino Superior	91	50,6	144	45,6
Sexo	Masculino	77	42,8	186	58,9
	Feminino	103	57,2	130	41,1

Sabemos que na aquisição da linguagem os processos variáveis da fala (monotongação, cancelamento do **r** em grupos consonantais, rotacismo, desnasalização, dentre outros), não se iniciam logo, são modificações estruturais que vão surgindo na busca de um padrão mais simples, como CVr > CVØ – “mar” > ma[Ø] ou Vr > VØ – “ar” > a[Ø]. Portanto, o apagamento do **r** no interior e no final das palavras se explica por fatores estruturais e/ou sociais. Dentre os estruturais, está a tendência natural da língua à sílaba livre (aberta), isto é, terminada por vogal. É o caso, por exemplo, do cancelamento do rótico pós-

vocálico em posição medial e final – “curso” – cu[Ø]so, “falar” – ‘faláØ , “amor” – amo[Ø]. E dentre os fatores sociais, a diferença no percentual de não-realização do **r** evidencia a questão do registro, pois durante os relatos, comentários e descrições, isto é, em situações menos controladas, os informantes usaram uma linguagem mais espontânea e, nesse momento, as variações surgiram, independentemente, de faixa etária, grau de escolaridade e sexo.

As variáveis lingüísticas e sociolingüísticas analisadas, a seguir, referem-se ao contexto 4 (pós-vocálico final), onde ocorreu o maior índice de supressão do rótico no falar fortalezense e, portanto, a maior variação.

➤ **Tonicidade da sílaba que contém o fonema**

Verificamos até que ponto os fatores, abaixo, funcionam como condicionantes da realização das variantes:

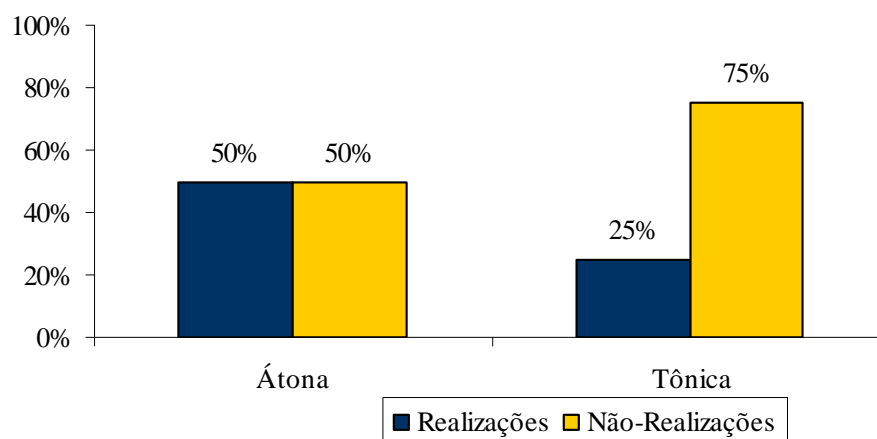
- sílaba tônica: (início, meio, fim) rosa, amargo, amor, cantar;
- sílaba átona: (início, meio, fim) região, carçaça, revólver.

Esta variável, na posição pós-vocálica final, está ligada quase diretamente à classe do vocábulo – verbo – no infinitivo e, conseqüentemente à sílaba tônica. As formas que apresentam sílaba final átona são sempre não-verbais e se correlacionam mais positivamente à manutenção do **r**, enquanto na sílaba tônica a vogal tem pauta acentual forte, favorecendo o apagamento do rótico. Monaretto (2000, p.279), diz que “[...] em verbos, o infinitivo e a primeira e terceira pessoas do futuro do subjuntivo são redundantemente marcados em português tanto pela presença do r-final como pela tonicidade da sílaba que contém o segmento”.

Em nossos dados foram encontrados, apenas, 8 vocábulos isolados em posição pós-vocálica final átona e, dentre estes, 4 apagamentos (50%): cânce[Ø], zípe[Ø], açúca[Ø], Lúcife[Ø]. A maior taxa de apagamento ocorreu em sílaba tônica e com o verbo no infinitivo, conforme o gráfico a seguir. Em termos comparativos, a tabela mostra que a maior força de não-realização está na tonicidade da sílaba que contém o rótico.

Tabela 5. Influência da variável tonicidade no rótico pós-vocálico final

Fatores	Realizações		Não-Realizações	
	Qtd	%	Qtd	%
Átona	4	2,0	4	0,6
Tônica	200	98,0	615	99,4

Gráfico 9. Variável tonicidade no rótico pós-vocálico final

➤ Dimensão do vocábulo

Quanto ao tamanho do vocábulo, partimos do pressuposto de que “[...] quanto maior a palavra, maior o enfraquecimento da sílaba travada e, conseqüentemente, maior o favorecimento da queda da consoante pós-vocálica”. (CALLOU, 1996). Confirmado em Lima (2003), em Oliveira (2002), quando afirma que “[...] foi nos polissílabos que verificou maior índice de apagamentos”. Já em Monaretto (2002, p.265), a hipótese de que “[...] quanto mais longa a palavra, mais haveria apagamento do r, não foi confirmada, uma vez que o falante apaga tanto em palavra de uma só sílaba (ter, dar) como em palavras de três sílabas (viajar, destruir)”.

Os fatores, deste contexto, são os seguintes:

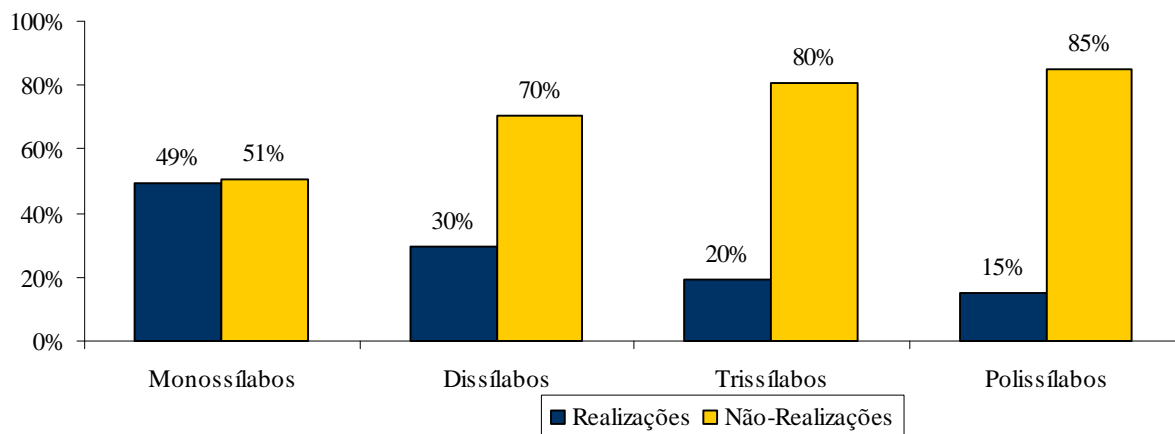
- monossílabo: mar, dor;
- dissílabo: falar, doutor;
- trissílabo: açúcar, encontrar;
- polissílabo: liquidificador, anoitecer.

Em nossos dados, a diferença no total de realizações de cada fator, contribuiu para que fossem analisados separadamente. Os polissílabos, não fugindo à regra, apresentam a maior taxa de apagamento (85%). Quanto aos dissílabos, como mostra a tabela abaixo, talvez, motivados pela variável tonicidade, tenham apresentado um índice tão alto de não-realizações, pois a maior parte de suas realizações foi como verbo no infinitivo. Tais resultados ratificam as palavras de Mateus (2003, p.196) de que “A sílaba com /r/ final é acentuada na maior parte dos casos”. Os resultados nos permitem inferir que, em palavras com até duas sílabas, o apagamento é mais favorecido do que em palavras com três ou mais sílabas.

Tabela 6. Influência da variável dimensão do vocábulo no rótico pós-vocálico final

Fatores	Realizações		Não-Realizações	
	Qtd	%	Qtd	%
Monossílabos	129	21,9	132	8,5
Dissílabos	311	52,9	740	47,7
Trissílabos	106	18,0	437	28,2
Polissílabos	42	7,1	241	15,5

Gráfico 10. Variável dimensão do vocábulo no rótico pós-vocálico final



➤ **Classe do vocábulo ou categoria gramatical – (verbo/não-verbo)**

Nossa hipótese era encontrar algum tipo de correlação entre a classe do vocábulo e o índice de ocorrência das variantes do **r**. Para isto foram postulados os seguintes fatores:

- verbo: infinitivo – querer
- não-infinitivo – quiser
- substantivo: marr

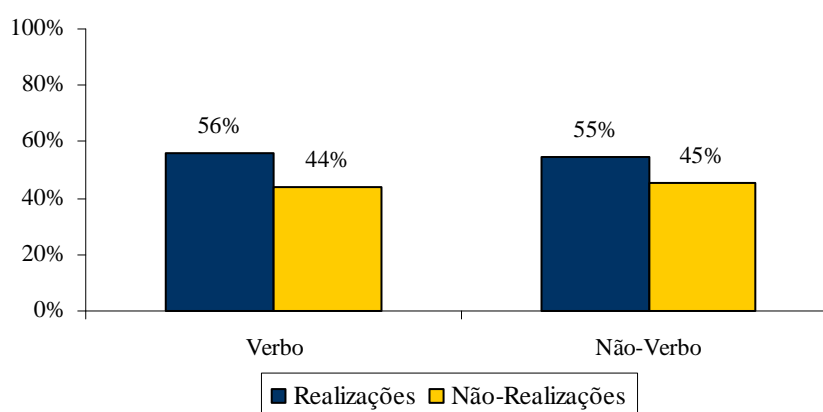
- adjetivo: melhor
- preposição: por
- conjunção: porque.

A princípio a classe morfológica foi dividida em verbos (infinitivo – “querer”, não-infinitivo “quiser” – primeira e terceira pessoas do futuro do subjuntivo) e em não-verbos (substantivo, adjetivo, advérbio, preposição, conjunção). Depois, analisando os dados, esta variável ficou reduzida a verbo (no infinitivo) e a não-verbo (substantivos e adjetivos), sendo descartadas, por insuficiência de dados, as categorias invariáveis (advérbio, preposição e conjunção). A maior taxa de ocorrência de apagamento da consoante rótica foi apresentada com verbos no infinitivo, estando relacionada, portanto, à posição do **r** em final de palavra. O que já era esperado, pois pesquisas sobre o apagamento do **r** pós-vocálico final, Callou (1979), Votre (1978), Monaretto (2000), Oliveira (1997), mostram que se trata de um caso de mudança em progresso, em alguns locais, em estágio já bem avançado.

Tabela 7. Influência da variável classe do vocábulo no rótico pós-vocálico final

Fatores	Realizações		Não-Realizações	
	Qtd	%	Qtd	%
Verbo	115	56,4	283	54,5
Não-Verbo	89	43,6	236	45,5

Gráfico 11. Variável classe do vocábulo no rótico pós-vocálico final



Em Callou, Moraes e Leite (1998, p.66), a perda do **r** em final de palavra, embora ocorra em outras classes de palavra, é mais freqüente nos verbos: “[...] o infinitivo e a primeira e terceira pessoas do futuro do subjuntivo são marcados em português tanto pela presença do **R** final quanto pela tonicidade da sílaba que contém o segmento”. Monaretto

(2000, p.280), também, confirma que a queda do **r** é mais comum em verbos e, tendo em vista a grande diferença de apagamento em verbos e não-verbos realizou a sua análise separadamente. Oliveira (1983) afirma que “[...] a ausência do **r** é mais comum em verbos do que em não-verbos”.

Em nossos dados, o apagamento do **r** pós-vocálico final em não-verbos, ao contrário do que verificou Monaretto (2000, p.281) nas capitais do Sul do país, ocorre quase da mesma forma que em verbos, apesar de o **r** em posição implosiva não ser morfema, e de, nem sempre, vir acentuado, como em: “açúcar” – açuca[Ø], “revólver”- revólve[Ø].

➤ Variável natureza do contexto fonológico precedente

Com relação à variável natureza do contexto fonológico precedente, podemos visualizar, na Tabela 8, os seguintes resultados.

Tabela 8. Natureza do contexto fonológico precedente no rótico pós-vocálico final

Fatores	Realizações		Não-Realizações	
	Qtd	%	Qtd	%
[a]	92	23,4%	302	76,6%
[ɛ]	18	30,0%	42	70,0%
[e]	30	20,8%	114	79,2%
[i]	19	30,6%	43	69,4%
[ɔ]	2	50,0%	2	50,0%
[o]	43	27,4%	114	72,6%
[u]	-	0,0%	1	100,0%

Tais resultados nos levaram a agrupar as vogais, quanto ao arredondamento dos lábios, em: não-arredondadas (não-arred) – [a], [ɛ], [e], [i], e arredondadas (arred) – [ɔ], [o], [u]. Dentre estas, foram descartadas as vogais [ɔ] e [u], por se mostrarem irrelevantes no processo. Quanto à vogal [o], apesar do resultado apresentado acima, acreditamos que variáveis, como a dimensão do vocábulo e a tonicidade, foram mais atuantes neste processo do que o contexto precedente, pois identificamos quase na totalidade dos dados deste ambiente fonético, que o apagamento ocorreu em palavras com mais de três sílabas e terminadas em sílaba tônica, como verificamos nos exemplos abaixo:

“Beija-flor” - beija-flo[Ø]

- “Matador” - matado[Ø]
 “Professor” - professo[Ø]
 “Provedor” - provedo[Ø]
 “Interior” - interio[Ø]
 “Interruptor” - interrupto[Ø]
 “Liquídificador” - liquídificado[Ø]
 “Trabalhador” - trabalhado[Ø]

Observamos que, em nossos dados, o apagamento do rótico pós-vocálico final ocorre, preferencialmente, no contexto precedente de vogal não-arred, não esquecendo, porém, a estreita relação que há entre a força consonantal e a estrutura silábica.

➤ **Variável faixa etária**

Tabela 9. Variável faixa etária

Fatores	Realizações		Não-Realizações	
	Qtd	%	Qtd	%
Faixa etária I	97	47,5	295	47,7
Faixa etária II	107	52,5	324	52,3
Total	187	100,0	619	100,0

Segundo resultados apresentados, constatamos que não há uma diferença muito acentuada entre jovens e idosos, quanto ao apagamento do **r**. Conforme a tabela acima, há até um certo equilíbrio, o que em Sociolinguística denomina-se estabilidade. Em Hora; Monaretto (2003, p.123), para João Pessoa, “[...] os resultados entre jovens e idosos são bastante próximos e ambos correlacionados positivamente”.

➤ **Variável grau de escolaridade**

Tabela 10. Variável grau de escolaridade

Fatores	Realizações		Não-Realizações	
	Qtd	%	Qtd	%
Ensino Fundamental	67	32,8	309	49,9
Ensino Superior	137	67,2	310	50,1
Total	187	100,0	619	100,0

Em nossos dados, a variável grau de escolaridade mostra uma relação direta entre a manutenção da consoante rótica e os anos de escolarização, isto é, quanto mais anos de escolarização, maior a manutenção do **r**. Apesar de os informantes, com Ensino Fundamental, apresentarem mais ocorrências de apagamento do que os que concluíram o curso Superior, a diferença de não-realização do **r**, entre eles, não é exorbitante. A escola se destaca, neste contexto, atuando de forma positiva na recuperação dos róticos em posição medial e final de palavra. Resultados comprovados em Monaretto (2000), Hora; Monaretto (2003), Oliveira (2002), nos levam à conclusão de que “Os falantes que apresentam mais instrução apagam menos”.

Segundo Marroquim (1934, p.77), “De qualquer forma, mesmo nas cidades, a pronúncia vulgar faz soar levemente o r final, e não será exagero afirmar que a inclinação é para eliminá-lo no falar corrente”. Em parte, suas previsões já se concretizaram, pois a tendência ao apagamento do **r** pós-vocálico, em final de palavra, na fala cotidiana, já é uma realidade vivenciada em muitas regiões do nosso país. A ressalva é que este fenômeno independe de grau de instrução ou mesmo de classe social.

Os estudos dialetais e sociolinguísticos têm mostrado que o conhecimento dessas variações pode ajudar bastante no conhecimento de nossa língua como um todo. Cremos que esses estudos poderiam ter uma melhor aplicação no sentido de valorizar as variantes regionais e sociais, principalmente, na escola, na aceitação e no respeito aos antecedentes culturais e linguísticos do educando. Fazemos nossas as sugestões de Bagno (2000, p.154), no sentido de que deve haver “Valorização das variedades não-padrão menos prestigiadas com demonstração científica de seu funcionamento linguístico perfeitamente regulado, e incentivo ao estudo da língua falada em sala de aula”.

➤ Variável sexo

Tabela 11. Variável sexo

Fatores	Realizações		Não-Realizações	
	Qtd	%	Qtd	%
Masculino	77	37,7	336	54,3
Feminino	127	62,3	283	45,7
Total	187	100,0	619	100,0

Na variável **sexo**, os homens favorecem a não-realização da consoante rótica, enquanto as mulheres, ao contrário, privilegiam a realização. Apesar dos resultados, a diferença entre os dois sexos é pequena, podendo tratar-se de uma variação estável. Se a manutenção do [h] for considerada como a variante padrão, a mulher procura seguir o padrão. Neste caso, o homem é o inovador, contrariando a literatura pertinente que destaca o papel da mulher como elemento inovador. Igual resultado está em Hora; Monaretto (2003, p.122), para o falar pessoense, em que “[...] o sexo masculino se correlaciona mais positivamente ao zero fonético”. Em Monaretto (2002, p.265), ocorreu o contrário, “A mulher, comparada ao homem, destaca-se no apagamento da vibrante (50,8 *versus* 0,40)”.

Neste trabalho, não pretendemos destacar generalizações já comprovadas em outros estudos sobre a mulher, como, por exemplo, a que “tem maior consciência lingüística”, a que “lidera a mudança lingüística”, mas observar até que ponto esta variável mostra-se relevante neste processo.

A sociedade está mudando e, apesar da desigualdade social que ainda impera, a mulher está na luta, a cada dia conquistando o que lhe é de direito entre os homens. Por isso mesmo, em nosso país, não há uma marca distintiva para o sexo. O que percebemos de “diferente” na fala do homem ou da mulher, muitas vezes, é apenas uma questão de estilo, uma fala mais espontânea ou monitorada.

Lucchesi (1998, p.206-7), referindo-se ao papel da mulher no processo de mudança, diz que esse papel “[...] é determinado pelas disposições culturais e ideológicas que caracterizam aquela sociedade específica num determinado momento histórico. Portanto, o papel da mulher só pode ser de fato considerado dentro de cada caso particular de mudança”.

Por tudo o que foi discutido, até aqui, decidimos reunir no Quadro 3, a distribuição das realizações dos fonemas /r/ e /r/ no falar fortalezense. No que diz respeito aos processos de alteração fonética, tradicionalmente, atribuídos à linguagem popular e que estão presentes no *corpus* analisado, devido à baixa produtividade que apresentaram não se mostram significativos e tampouco chegam a constituir uma marca do falar fortalezense. Exceto, a apócope do **r** que, dependendo da situação discursiva, os resultados obtidos mostraram que é passível de ocorrer, atualmente, também, na linguagem culta.

Quadro 3. Realizações dos fonemas /r/ e /r/ no falar fortalezense

Contextos	Realizações	Exemplos
Inicial	/r/ – [h]	[h]osa a[h]osa
Intervocálico	Distintiva /r/ – /r/ – [h] – [r]	ca[r]o ca[h]o
Pós-vocálico medial: - antes de obstruintes (oclusivas, fricativas) e soantes (nasais) - antes de outra consoante	/R/ [h] ~ [Ø] [h] ~ [ɦ]	fo[h]ça ~ fo[Ø]ça ~ su[Ø]presa po[h]ta ~ co[ɦ]da
Pós-vocálico final: - antes de pausa - antes de vogal - antes de consoante	/R/ [h] ~ [Ø] [ɦ] ~ [r] ~ [Ø] [h] ~ [ɦ] ~ [Ø]	ma[h] ~ ma[Ø] po[r]exemplo ~ po[Ø]exemplo po[h] partir ~ busca[ɦ] no ~ busca[Ø] no
Seguindo consoante na mesma sílaba	tepe /r/ ~ [Ø]	/'pr/ato ~ dent[Ø]o
Seguindo consoante em outras sílaba	/r/ – [h]	gen[h]o

Analisando o quadro acima, observamos que, no contexto inicial e final de vocábulos prevalece a fricativa glotal [h], concorrendo, no último contexto, com o apagamento [Ø] em pausa. Nos demais contextos, dependendo da variável natureza do contexto fonológico subsequente, ocorre variação em posição medial e final. O apagamento do **r**, na fala do fortalezense, é mais comum em posição pós-vocálica final. Em posição pós-vocálica medial, parece haver um condicionamento das consoantes obstruintes (oclusivas e fricativas) e soantes (nasais) sobre a realização do **r**.

Mediante o exposto, podemos apresentar, também, a distribuição dos resultados das variáveis sociolingüísticas – faixa etária, grau de escolaridade e sexo.

Pela análise dos dados, podemos inferir que os fatores dessas variáveis exerceram menos influência no processo de apagamento do rótico do que os das variáveis lingüísticas. Numa visão geral sobre o comportamento desses fatores, observamos que, embora, na faixa etária o maior índice de apagamento tenha ocorrido entre os mais jovens, o grau de escolaridade tenha demonstrado a taxa mais elevada de apagamento entre os informantes do Ensino Fundamental, e o sexo masculino não tenha preservado tão bem a forma padrão quanto o sexo feminino, há contextos em que a diferença entre eles é muito sutil.

Como o maior índice de não-realização do **r** ocorreu no contexto 4, isto é, na posição pós-vocálica final, diante de pausa, tais resultados nos permitem concluir que o fator mais favorável ao aumento de sílabas abertas é a posição do fonema no vocábulo, pois as consoantes implosivas são menos resistentes a processos de alteração fonética, como: a assimilação, a apócope, a alternância, a vocalização, dentre outros, do que as explosivas e as intervocálicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do estudo sobre as realizações do **r** no falar fortalezense, tivemos a oportunidade de conhecer e de valorizar a nossa variação local e, ao mesmo tempo, de inserir seus resultados no quadro geral da variação diatópica do **r**, no Brasil, contribuindo, dessa forma, para a descrição do PB, juntamente com as numerosas pesquisas que há a esse respeito.

Ressaltamos que, após analisarmos outros trabalhos sobre o **r** e escutarmos os informantes desta pesquisa, constatamos algumas tendências na fala do fortalezense que a aproximam de outros falares do Brasil. Perante a verificação de resultados, as conclusões da análise efetuada põem em destaque os aspectos apresentados abaixo:

- O processo de variação referente ao apagamento do **r**, em posição pós-vocálica final de vocábulo – CV**r** → CVØ – “cantar” > [kã'taØ], que ocorre em Fortaleza, reflete uma tendência generalizada à simplificação da estrutura silábica e, conseqüentemente, ao aumento numérico de sílabas canônicas – CV – no PB;

- As variantes registradas não dependem apenas de fatores sociolinguísticos. São sensíveis, também, a fatores de caráter estritamente lingüísticos, ocorrendo a supressão, preferencialmente, em determinados contextos segmentais;

- O apagamento do **r** pós-vocálico final, está condicionado à posição que ocupa na sílaba e no vocábulo (início, meio e fim);

- O apagamento em posição pós-vocálica final é mais forte do que em posição pós-vocálica medial;

- No contexto pós-vocálico medial, o **r** apresenta um condicionamento fonético para o apagamento diante de fricativas, como em: “curso” – cu[h]so, cu[Ø]so, “marcha” – ma[h]cha, ma[Ø]cha. Este processo foi identificado, também, no falar pessoense, por Hora; Monaretto (2003). A diferença é que, no falar fortalezense, a variável natureza do contexto fonológico subsequente, que mais favorece o apagamento do **r** precedente, pode ser preenchida por obstruintes (oclusivos e fricativos) e soantes (nasais), conforme a análise do *corpus*.

- A “reificação” das fricativas, ou seja, o processo de enfraquecimento das fricativas vozeadas /v/, /z/ e /ʒ/ na forma [ɦ], variante do fonema /r/, e que ocorre de modo significativo nos informantes, constitui uma marca muito forte no falar fortalezense, revelando a importância de um estudo mais aprofundado de descrição do PB;

- As variantes nos contextos pós-vocálico medial e final diferenciam marcas regionais;

- Com relação ao apagamento do **r**, em posição pós-vocálica final, os resultados obtidos mostraram um processo de mudança em estágio avançado;

- Em posição de travamento silábico, observamos variações condicionadas por diferentes restrições lingüísticas, dialetais e sociais;

- No contexto 4 (posição pós-vocálica final), a realização do **r** no falar fortalezense corresponde ao descrito por Callou, Moraes e Leite (1996), relativo a Recife, e por Hora; Monaretto (2003), para João Pessoa, em que a variação do **r** dá-se entre duas variantes: [h] e [Ø], com predominância da última – “cantar” – canta[h], cantá[Ø]; “flor” – flo[h], flo[Ø]. Nos demais contextos, ficou demonstrado que a fricativa glotal pode ser considerada a variante padrão.

- Os resultados mostraram que, no cômputo geral dos dados, no contexto inicial, prevalece a fricativa glotal [h]. No contexto intervocálico dá-se o contraste fonêmico entre [h] e [r], como ocorre nos demais falares do PB. Nos contextos pós-vocálico medial e final, dependendo da variável natureza do contexto fonológico subsequente, podem ocorrer as variantes: [h], [ɦ], [r] e [Ø];

- No estudo das realizações dos fonemas /r/ e /r/ no falar fortalezense, a variante correspondente à fricativa glotal [h] registrou a maior taxa de apagamento [Ø] no contexto pós-vocálico final, sob influência da variável natureza do contexto fonológico subsequente, em sílaba tônica, em verbo no infinitivo, com predominância do dissílabo, favorecimento do informante do sexo masculino, entre aqueles com Ensino Fundamental, independente de faixa etária, não caracterizando, portanto, uma mudança em progresso;

Enfim, tomando por base o falar fortalezense, observamos que há realizações fonéticas mais ou menos comuns às de outras pesquisas já concluídas em outras regiões do Brasil, as quais constituem, decerto, o núcleo comum da nossa língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, M. B. M. Fonologia: a gramática dos sons. In: **Revista de Letras** 5 (Fonologia e Sintaxe), Santa Maria/Campinas, UFSM, abr., 1993.

ABAURRE, M. B. M.; SANDALO, M. F. S. Os róticos revisitados. In HORA, D. da; COLLISCHONN, G. (orgs.). **Teoria lingüística: fonologia e outros temas**. João Pessoa: Universitária/UFPB, 2003. p. 144-180.

AGUIAR, M. de. Fonética do português do Ceará. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza, 51(51): Ramos & Pouchain, 1937. 04.03.1937.

_____. **Repassé crítico da gramática portuguesa**. 2. ed. rev. e amp. Fortaleza: Casa de José de Alencar, 1996. (Coleção Alagadiço Novo, 80).

AGUILERA, V. de A. **Atlas lingüístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1994. 2 v.

ALBANO, E. O português brasileiro e as controvérsias da fonética atual: pelo aperfeiçoamento da fonologia articulatória. In: **D.E.L.T.A.** v. 15, n. Especial, 1999.

ALKMIM, T. M. Sociolingüística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras**. v. 1. São Paulo: Cortês, 2001. 21-47.

ALTENHOFEN, C. V. (org.). Apresentação. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre: Instituto de Letras, UFRGS, jan., 1999, n. 5.

AMARAL, A. **O dialeto caipira**. São Paulo: Saraiva, 1955.

ARAGÃO, M. do S. S. de. **Lingüística aplicada aos falares regionais**. João Pessoa: A União, 1983.

_____; MENEZES, C. P. B. de. **Atlas Lingüístico da Paraíba**: cartas léxicas e fonéticas. Brasília: UFPB/CNPq, 1984. 2 v.

_____; SOARES, M. E. **Variação diatópica e diastrática nos falares do Nordeste do Brasil**. 1996, mimeo. p. 16.

_____. **Despalatalização e conseqüente iotização no falar fortalezense**. UFC: 2000, [s.ed.], (mimeog.).

ARAÚJO, A. A. de. **A monotongação na norma culta de Fortaleza**. Fortaleza, 2000. Dissertação (Mestrado) – UFC.

BAGNO, M. **Dramática da língua portuguesa**: tradição gramatical, mídia & exclusão social. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. **Português ou brasileiro?** um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola, 2002.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BORBA, F. da S. **Introdução aos estudos lingüísticos**. 12. ed. Campinas, SP: Pontes, 1998.

BORTONI-RICARDO, S. M. O debate sobre a aplicação da sociolingüística à educação. In: **Pesquisa e ensino da língua**: contribuição da sociolingüística. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995. p. 17-30.

_____. **Nós chegemos na escola, e agora?** Sociolingüística & educação. São Paulo: Parábola, 2005.

BRASIL. Decreto nº 30.643, de 20 de março de 1952. **Institui o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa e dispõe sobre seu funcionamento**.

BRIGHT, W. Introduction: The dimension of sociolinguistics. In: _____. **Sociolinguistics**: proceedings of the UCLA Sociolinguistics Conference, 1964. Mouton, 1966.

BROWMAN, C.; GOLDSTEIN, L. Articulatory Phonology: an overview. In: **Phonetica**, 49: 155 – 180, 1992.

BYBEE, J. Phonology and language use – **Cambridge Studies in Linguistics** 94. Cambridge: University Press, 2001.

BUENO, F. da S. **A formação histórica da língua portuguesa**. 3. ed. rev. São Paulo: Saraiva, 1967.

CABRAL, T. **Novo dicionário de termos e expressões populares**. Fortaleza: UFC, 1972.

CAGLIARI, L. C. **Elementos de fonética do português brasileiro**. Tese de Livre Docência, Universidade Estadual de Campinas, 1981.

_____. **Processos fonológicos do português brasileiro interpretados pela fonologia de geometria de traços**. Campinas, SP: Edição do Autor, 1997. Série Lingüística, v.2. (Coleção Espiral).

CALLOU, D. M. I. **Variação e distribuição da vibrante na fala culta do Rio de Janeiro**, 1979. Tese (Doutorado). UFRJ/PROED.

_____; LEITE, Y. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

_____; MORAES, J. A. Condicionamentos sócio e geolingüísticos na realização do /R/ no português do Brasil. **Estudos lingüísticos e literários**, n. 17, Salvador, Mestrado em Letras, UFBA, jul. 1995, 91p.

_____; et al. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: KOCH, I. (org.). **Gramática do português falado**. v. VI, Campinas: UNICAMP, 1996. p. 465-493.

_____; et al. Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. **D.E.L.T.A.**, v. 14, n. esp. p. 61-72, 1998.

_____; et al. Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil. In: ABAURRE, M. B. & RODRIGUES, A. C. S. (orgs.). **Gramática do português falado VIII: novos estudos descritivos**. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 2002.

CÂMARA JR., J. M. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953. (Coleção “Rex”).

_____. **Problemas de lingüística descritiva**. 8. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1976.

_____. **Estrutura da língua portuguesa**. 8. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

_____. **Dicionário de lingüística e gramática**. 8. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1978.

CARDOSO, S. A. M. Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolingüística no Brasil. **Anais**. Salvador: UFBA, 1996.

_____. **Atlas lingüístico de Sergipe – II**. Rio de Janeiro, 2002. Tese (Doutorado).

_____. Dialectologia atual: tendências e perspectivas. Revista do Grupo de Estudos Lingüísticos do Nordeste – **GELNE**. Ano 5, ns.1 e 2. João Pessoa: Idéia, 2003. p. 185-192.

CASCUDO, L. da C. **Vaqueiros e cantadores**. Porto Alegre: Globo, 1939.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. **Dialectology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

CHAVES JR., E. **Nomes e expressões vulgares da medicina no Ceará**. Fortaleza: Edição Centro Médico Cearense, 1985.

CHOMSKY, N.; HALLE, M. **The sound pattern of English**. New York: Harper & Row, 1968.

CLÉO, A. **Atlas lingüístico-etnográfico da região sul do Brasil**. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: UFRGS/UFPR, 2002.

CLEROT, L. F. R. **Vocabulário de termos populares e gíria da Paraíba**. (Estudo de glotologia e semântica paraibana). Rio de Janeiro: s. ed., 1959.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Lingüístico do Brasil**: questionário 2001. Londrina: UEL, 2001.

COSERIU, E. **Sentido y tareas de la dialectología**. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

CRUZ, M. L.de C. **Atlas lingüístico do Amazonas (ALAM)**. Rio de Janeiro, 2004. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CUNHA, C. F. da. **Língua portuguesa e realidade brasileira**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968. (Coleção Temas de Todo Tempo – 13).

_____. **Gramática da língua portuguesa**. 11. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.

CUNHA, C. de S.; RODRIQUES, D.; NASCIMENTO, T. A. M. do. A vibrante em coda silábica nos atlas regionais do Brasil. In: CUNHA, C. de S. (org.). **Estudos geosociolingüísticos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. p. 175 – 183.

DUBOIS, J.; et al. **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1978.

ELIA, S. E. **O problema da língua brasileira**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961.

FERREIRA, C.; et al. **Atlas lingüístico de Sergipe**. Salvador: UFBA, Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

_____. **Diversidade do português do Brasil**: estudos de dialetologia rural e outros. Salvador: UFBA, 1994.

_____. **A dialetologia no Brasil**. (Repensando a língua portuguesa). São Paulo: Contexto, 1994.

FIGUEIREDO, I. de L. Interferências fonéticas na ortografia. In: JORNADA DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO NORDESTE – XII. **Anais**. Teresina: EDUFPI, 1991.

FISCHER, J. L. Social influences on the choice of a linguistic variant. **Word**, 1958. 14: 47-56.

FORTALEZA EM TRANSIÇÃO. **O Povo**. Fortaleza, 08/08/2004. Caderno: Dossiê, a cidade, p. 6, c. 1.

GILLIÉRON, J.; EDMONT, E. **Atlas linguistique de la France**. 35 fasc. Paris: Champion, 1902 – 1910.

GIRÃO, R. **Vocabulário popular cearense**. 2. ed. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2000. (Clássicos Cearenses).

GOLDSMITH, J. Os objetivos da fonologia autosegmental. In: MATEUS, M. H. M.; VILLALVA, A. **Novas perspectivas em fonologia**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1985, p. 295-337.

HARRIS, J. **Syllable structure and stress in Spanish**. Cambridge, Mass: MIT Press, 1983.

HAUGEN, E. The syllable in linguistic description. In: HALLE, LUNT & MCCLEAN (eds.). **For Roman Jakobson**. The Hague. Mouton, 1956. p. 213-221.

HEAD, B. F. Subsídios do Atlas prévio dos falares baianos para o estudo de uma variante dialetal controvertida. In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, n.1, p. 21 – 34, UNICAMP, 1978.

_____. Propriedades fonéticas e generalidade de processos fonológicos: o caso do “R caipira”. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, n. 13, 1987, p.5-39.

HENRIQUES, C. C. Origem das letras, de Antenor Nascentes: uma reescritura. In: **Confluência**. Revista do Instituto de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, 2. sem. 1998, n. 16. p. 66-77.

HORA, D. da. Teoria da variação: uma retrospectiva. In: _____. (org.). **Diversidade lingüística no Brasil**. João Pessoa: Idéia, 1997. 159-174.

_____; PEDROSA, J. L. R. Projeto variação lingüística no estado da Paraíba – **VALPB**. João Pessoa: Idéia, 2001.

_____; MONARETTO, V. N. de Oliveira. Enfraquecimento e apagamento dos róticos. In: _____. COLLISCHONN, Gisela. **Teoria lingüística: fonologia e outros temas**. João Pessoa: UFPB, 2003.

KIPARSKY, P. Linguistic universals and linguistic change. In: BACH, E. & HARMS, R. T. (ed.). **Universals in linguistic theory**. New York, Holt, Rinehart & Winston, 1968.

JAKOBSON, R. **Fonema e fonologia: ensaios**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1967.

JOHNSON, K. Speech perception without speaker normalization. In: JOHNSON, K. & MULLENIX, J. (eds.). **Talker variability in speech processing**. San Diego. Academic Press, 1997. p. 145-65.

KOCH, W.; et al. **Atlas lingüístico e etnográfico da região Sul do Brasil**. Porto Alegre / Florianópolis / Curitiba: UFRGS / UFSC / UFPR, 2002.

LABOV, W. **The social stratification of English in New York City**. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

_____. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LIBARMAN & PRINCE. On stress and linguistic rhythm. **Linguistic Inquiry**, v. 8, n. 2, 1977, p. 249-336.

LIMA, A. A pronúncia do /r/ pós-vocálico na cidade de Cametá – Pará. In: RAZKY, Abdelhak. (org.). **Estudos geo-sociolingüísticos no estado do Pará**. Belém, Pará: Grafia, 2003. p. 56-78.

LOPEZ, B. **The sound pattern of brazilian portuguese** (cariocan dialect). Los Angeles, 1985. Tese (Doutorado) – University of California.

LUCCHESI, D. **Sistema, mudança e linguagem**. Lisboa: Colibri, 1998.

MACAMBIRA, J. R. **Fonologia do português**. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1985.

MALMBERG, B. **A fonética**. Lisboa: Livros do Brasil, 1954. (Coleção Vida e Cultura).

_____. A fonética: teoria e aplicações. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, (25): 07-24, jul./dez. 1993, p. 19.

MARQUARDT, L. **A vibrante no Rio Grande do Sul**: uma análise computacional. Porto Alegre, 1977. Diss. (Mestrado). Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MARROQUIM, M. **A língua do Nordeste** (Alagoas e Pernambuco). São Paulo: Nacional, 1934. 235 p.

MATEUS, M. H. M. **Aspectos da fonologia portuguesa**. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa, 1982. Textos Lingüísticos – 6.

_____. A prosódia nas gramáticas portuguesas. Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos, Braga, 1996, **Diacrítica**, n.11. p. 619-638.

_____; XAVIER, M. F. (orgs.). **Dicionário de termos lingüísticos**. Lisboa: Cosmos, [s.d.]. v. 1.

_____; D'ANDRADE, E. **The phonology of Portuguese**. Cambridge: Oxford University Press, 2002.

_____; et al. A vibrante em coda no português europeu. In: HORA, D. da; COLLISCHONN, G. (orgs.). **Teoria lingüística: fonologia e outros temas**. João Pessoa: Universitária/UFPB, 2003.

MELO, G. C. de. **A língua do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.

MENDONÇA, R. **O português do Brasil**. (origens, evolução, tendências). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

MIRANDA, A. Uma viagem do tempo. **Diário do Nordeste**, Caderno 3, p.4, c.3, Fortaleza, 24 out. 2005.

MOLLICA, M. C. **Da linguagem coloquial à escrita padrão**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

_____; BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

MONARETTO, V. N. de O. O status fonológico da vibrante. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 29, n.4, dez. 1994, p. 153-157.

_____. **Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica**. Porto Alegre, 1997. Tese (Doutorado) – PUCRGS.

_____. O apagamento da vibrante pós-vocálica nas capitais do Sul do Brasil. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, mar. 2000, p. 275-284.

_____. A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. **Fonologia e variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

MONTEIRO, José Lemos. Fontes bibliográficas para o estudo do falar cearense. **Revista da Academia Cearense de Língua Portuguesa**, anos 9 – 11. n. 9. Fortaleza: 1988 – 1990, p. 68 – 94.

_____. **Para compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MORI, A. C. Fonologia. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (orgs.). **Introdução à lingüística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001. p. 147-179.

NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à sociolingüística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953. (Coleção “Rex”).

OLIVEIRA, M. A. de. **Phonological variation and change in brazilian Portuguese**: the case of the liquids. Pennsylvania, 1983. Tese (Doutorado) – University of Pennsylvania.

_____. Reanalizando o processo de cancelamento do (R) em final de sílaba. **Revista de Estudos Lingüísticos**, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 31-58, jul./dez., 1997.

OLIVEIRA, M. B. de. **Manutenção e apagamento do (r) final de vocábulo na fala de Itaituba**. Belém, 2002. Dissertação (Mestrado) – UFPA.

PIKE, K. L. **Phonemics**: a technique for reducing languages to writing. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1947.

PRETI, D. (org.). **O discurso oral culto**. São Paulo: Humanitas, 1997.

_____. **Sociolingüística**. Os níveis da fala: um estudo sociolingüístico do diálogo da literatura brasileira. São Paulo: USP, 2003.

PROJETO ATLAS LINGÜÍSTICO DO BRASIL. AGUILERA, Vanderci de Andrade; MILANI, Gleidy Aparecida; MOTA, Jacyra Andrade (orgs.). – ALiB. **Documentos I**. Salvador: ILUFBA/ EDUFBA, 2003.

RADTKE, E.; THUN, H. [eds.]. Neue wege der romanischen geolinguistik: **Akten des Symposiuns zur empirischen Dialektologie**. Heidelberg, Mainz, 1991. p. 50-77.

_____. Novos caminhos da geolingüística românica: um balanço. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n. 5, p. 31-51, jan. 1999.

RAZKY, A. (org.). **Estudos geo-sociolingüísticos no estado do Pará**. Belém / Pará: Grafia, 2003.

_____. **Atlas lingüístico geo-sociolingüístico do Pará**. Belém, Pará: Grafia, 2004.

RECTOR, M. **A linguagem da juventude**. Petrópolis: Vozes, 1975.

RIBEIRO, J. **A língua nacional**. São Paulo: Nacional, 1933.

RONCARATI, C. N. Enfraquecimento das fricativas sonoras. In: ARAGÃO, M. S. S. de; SOARES, M. Elias (orgs.). **O português não-padrão de Fortaleza**. Aspectos fonológicos, sintáticos e discursivos. Fortaleza: UFC, 1988. (no prelo).

ROSSI, N.; et al. **Atlas prévio dos falares baianos**. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura – MEC; Instituto Nacional do Livro, 1963.

SALES, A. Notas de linguagem (Falar cearense). **Almanach do Estado do Ceará**. Fortaleza, 1924, p. 339 – 42.

SANKOFF, D. **Variables rules**. Montréal: Université de Montréal, Centre de Recherches Mathématiques, 1988.

SAPIR, E. The psychological reality of phonemes. In: MANDELBAUM, D. G. (org.). **Selected writings of Edward Sapir**. Berkeley & Los Angeles, University of California Press, 1944. p. 46-60.

SAUSSURE, F. de. **Curso de lingüística geral**. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle**: variação lingüística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola, 2005.

SENAC. D. N. **Comunicação verbal e não-verbal**. ALCURE, Lenira; FERRAZ, Maria N.S.; CARNEIRO, Rosane. Rio de Janeiro: SENAC/DN/DFP, 1996. 80 p.

SERAINE, F. **Dicionário de termos populares** (registrados no Ceará). Rio de Janeiro: Simões, 1959.

_____. A relação do Maranhão do Padre Luís Figueira e o falar cearense atual. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, 84 (84), 1970.

SILVA NETO, S. da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1951.

_____. A língua portuguesa no Brasil. In: _____. **História da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970. p. 581-636.

SILVA, T. C. **Fonética e Fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Contexto, 1999.

_____. Fonética e Fonologia: perspectivas complementares. In: **Fonética Acústica**. Curso do Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada, Centro de Humanidades, UECE, Fortaleza, 29, 30, 31/05/2006.

SOARES, M. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. São Paulo: Ática, 2002. (Série Fundamentos).

TARALLO, F. **A pesquisa sociolingüística**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990. (Série Princípios).

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. 2. ed. Tradução por Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e lingüística**. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

TRUDGILL, P. **Sociolinguistics** – an introduction. Great Britain, London: Penguin Books, 1981.

VASCONCELOS, J. L. de. **Esquisse d'une dialectologie portugaise**. Paris: Aillaud & Cie, 1901.

VIANA, A. R. G. **Estudos de fonética portuguesa**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1973.

VOTRE, S. **Variação fonológica no Rio de Janeiro**. 1978. Tese (Doutorado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

WARDHAUGH, R. **An introduction to sociolinguistics**. Cambridge: Blackwell, 1992.

ZÁGARI, M. R. Lobuglio et al. **Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.

_____. **Fonologia diacrônica do português**. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 1988.

_____. A dimensão sociolingüística do Projeto ALiB. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; MILANI, Gleidy A.; MOTA, Jacyra, Andrade (orgs.). **Documentos I. ALiB**. 2003. 139-152.

ANEXOS

Anexo A – A Cidade de Fortaleza

FORTALEZA – *Loura desposada do Sol*

A história de Fortaleza começou em 1637, com a chegada da primeira expedição holandesa. Em 1649, nova expedição construiu às margens do Rio Pajeú, o Forte Shoonenborch, rebatizado por Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção. Como em outros povoados coloniais, sua fundação era marcada pela posição do forte para a proteção dos moradores. A povoação começou pela Praça do Conselho, atualmente Praça da Sé. Em 1726, há 281 anos, era instalada a vila que daria origem à cidade de Fortaleza, capital do Estado do Ceará. O Hino de Fortaleza tem letra de Gustavo Barroso e música de Antônio Gondim.

O município de Fortaleza possui uma área de 313,8 km². Limita-se ao Norte com o Oceano Atlântico, ao Sul com os municípios de Pacatuba, Euzábio, Maracanaú e Itaitinga, ao Leste com o município de Aquiraz e o Oceano Atlântico e a Oeste com o município de Caucaia. Fortaleza já alçou o posto de quinta capital do país em população. De acordo com o último Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE -2000- somos 2.141.402 habitantes. Cerca de 7% de sua população é formada por pessoas que vêm de fora, principalmente do interior. O maior índice de migração para Fortaleza vem do Piauí. São Paulo é o segundo colocado e o Maranhão, o terceiro, contando ainda com uma pequena parcela de estrangeiros. Um dado peculiar de nossa capital em relação aos outros municípios é que 42% da população cearense ocupam a região metropolitana de Fortaleza.

Atualmente Fortaleza possui um comércio diversificado, destacando-se a produção de calçados, produtos têxteis, couros, peles, alimentos e a exportação de minerais. A riqueza cultural também está presente através do folclore, do artesanato local e do forró. O artesanato cearense é um dos mais diversificados do país, com rendas, bordados, labirintos, crochês, garrafinhas de areia colorida, peças feitas em couro e palha, dentre outras obras de arte.

A cidade de Fortaleza é admirada pela alegria contagiante e vocação hospitaleira do seu povo. O potencial turístico de nossa capital com suas belas praias e sol quase o ano inteiro já virou o principal discurso de segmento de negócios turísticos para atrair mais visitantes, oferecendo-lhes vastos coqueirais, praias de areias brancas com dunas grandiosas e verdes mares. Mas os atrativos naturais não são suficientes para ampliar o potencial turístico da cidade, precisamos investir, também, no turismo cultural.

Durante os passeios pela cidade, o fortalezense surpreende o visitante com seu humor, riqueza cultural, hospitalidade e expressa sua arte na dança, na música, na literatura de cordel, nos monumentos como a Estátua de Iracema e a Coluna da Hora; na arquitetura do Theatro José de Alencar e do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, hoje o maior complexo de lazer e entretenimento do Estado. As marcas do passado estão em museus, praças e igrejas. São pontos de referência: a Catedral, a Praça do Ferreira, o Theatro José de Alencar, o Museu do Ceará e a Casa José de Alencar. A movimentação maior na capital cearense acontece na Avenida Beira-Mar, Praia do Futuro e Praia de Iracema.

Anexo B – Ficha da Localidade

N.º DO PONTO: N.º DO INFORMANTE:

1. NOME OFICIAL:
2. NOME REGIONAL:
3. NOMES ANTERIORES:
4. NOME(S) DADO(S) AOS HABITANTES: a) pelos próprios: b) pelos habitantes de outras localidades:
5. NOME(S) DADO(S) AO FALAR LOCAL: a) pelos próprios habitantes: b) pelos habitantes de outras localidades:
6. NÚMEROS DE HABITANTES: a) oficial: b) cálculo do informante:
7. ATIVIDADES ECONÔMICAS PREDOMINANTES:
8. INDÚSTRIAS CASEIRAS:
9. SUB-LOCALIDADES (subúrbios, sub-distritos, povoações, etc.):
10. COMUNICAÇÕES (viárias, fluviais, marítimas, ferroviárias, etc.)
11. DADOS SOBRE A INFRA-ESTRUTURA DA LOCALIDADE (alojamentos, escolas, hospitais, etc.):
12. DADOS SOBRE EMIGRAÇÃO:
13. DADOS SOBRE IMIGRAÇÃO:

14. CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS DA LOCALIDADE:

15. HISTÓRICO SUCINTO DA LOCALIDADE (com surgiu, data da fundação, primeiros habitantes):

16. OBSERVAÇÕES GERAIS:

Anexo C – Ficha do Informante

N.º DO PONTO: N.º DO INFORMANTE:

DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE		
1. NOME:		2. ALCUNHA:
3. DATA DE NASCIMENTO:	4. SEXO: A. () M B. () F	5. IDADE:
6. ENDEREÇO:		
7. ESTADO CIVIL: A. () solteiro B. () casado C. () viúvo D. () outro		
8. NATURALIDADE:	9. COM EU IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE)	
10. DOMICÍLIOS E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE:		
11. ESCOLARIDADE:	12. OUTROS CURSOS: A. () especialização B. () profissionalizante C. () outros	
13. NATURALIDADE: A. da mãe: B. do pai: C. do cônjuge:		14. FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS? A. () sim B. () não
		15. EM CASO NEGATIVO, POR QUEM FOI CRIADO? NATURALIDADE: A. da mãe adotiva: B. do pai adotivo:
16. ONDE EXERCE SUA PROFISSÃO (CARACTERÍSTICAS SÓCIO-ECONÔMICAS SUMÁRIAS DO BAIRRO, CIDADE):		
17. OUTRAS PROFISSÕES/OCUPAÇÕES:		18. PROFISSÃO: A. do pai: B. da mãe: C. do cônjuge:
RENDA		
19. TIPO DE RENDA: A. () individual B. () familiar		
CONTATO COM OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO		
20. ASSISTE TV? A. () todos os dias B. () às vezes C. () nunca		21. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. () novelas D. () noticiários G. () outro B. () esportes E. () pr. religioso C. () pr. auditório F. () filmes
22. TIPO DE TRANSMISSÃO: A. () rede gratuita B. () parabólica C. () tv por assinatura	23. OUVI RÁDIO? A. () todos os dias D. () parte do dia G. () enquanto trabalha B. () às vezes E. () o dia inteiro C. () nunca F. () enquanto viaja	
24. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. () noticiário geral D. () noticiário policial C. () outro B. () esportes E. () música C. () pr. religioso F. () pr. c/participação do ouvinte		25. LÊ JORNAL? A. () todos os dias D. () semanalmente B. () às vezes E. () raramente C. () nunca
26. NOME DO JORNAL: A. () local B. () estadual C. () nacional	27. SEÇÕES DO JORNAL QUE GOSTA DE LER: A. () editorial D. () pr. cultural G. () classificados B. () esportes E. () política H. () outra C. () variedades F. () página policial	
28. LÊ REVISTA? A. () às vezes B. () semanalmente C. () mensalmente D. () raramente E. () nunca		
29. NOME/TIPO DE REVISTA: _____		

PARTICIPAÇÃO EM DIVERSÕES				
	FREQÜENTEMENTE	ÀS VEZES	RARAMENTE	NUNCA
30. CINEMA	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
31. TEATRO	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
32. SHOWS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
33. MAN. FOLCLÓRICAS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
34. FUTEBOL	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
35. OUTROS ESPORTES	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
36. OUTROS	A. <input type="checkbox"/>	B. <input type="checkbox"/>	C. <input type="checkbox"/>	D. <input type="checkbox"/>
37. QUE RELIGIÃO OU CULTO PRÁTICA? _____				

PARA PREENCHIMENTO APÓS A ENTREVISTA		
38. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO INFORMANTE: A. <input type="checkbox"/> tímido B. <input type="checkbox"/> vivo C. <input type="checkbox"/> perspicaz D. <input type="checkbox"/> sarcástico		
39. ESPONTANEIDADE DA ELOCUÇÃO: A. <input type="checkbox"/> total B. <input type="checkbox"/> grande C. <input type="checkbox"/> média D. <input type="checkbox"/> fraca		
40. POSTURA DO INFORMANTE DURANTE O INQUÉRITO: A. <input type="checkbox"/> cooperativa B. <input type="checkbox"/> não cooperativa C. <input type="checkbox"/> agressiva D. <input type="checkbox"/> indiferente		
41. CATEGORIA SOCIAL DO INFORMANTE: A. <input type="checkbox"/> "A" B. <input type="checkbox"/> "B" C. <input type="checkbox"/> "C" D. <input type="checkbox"/> "D"		
42. GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE INFORMANTE E INQUIRIDOR:] A. <input type="checkbox"/> grande B. <input type="checkbox"/> médio C. <input type="checkbox"/> pequeno D. <input type="checkbox"/> nenhum		
43. INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES: A. <input type="checkbox"/> sim B. <input type="checkbox"/> não		
44. CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO(S) CIRCUNSTANTE(S): 		
45. AMBIENTE DO INQUÉRITO: 		
46. OBSERVAÇÕES: 		
47. NOME DO ENTREVISTADOR:	48. LOCAL DA ENTREVISTA:	49. DATA DA ENTREVISTA:
	CIDADE: UF:	50. DURAÇÃO:

Anexo D – Questionário Fonético – Fonológico – QFF

1- Onde se constrói uma casa? [Por onde se começa a construção de uma casa?] (2)

TERRENO

2- Como se chama aquilo assim (*mímica*), onde se colocam objetos em casa (latas de mantimento na cozinha, enfeites na sala...) ou produtos para vender nos supermercados, mercearias, etc.? (3)

PRATELEIRA

3- ... objeto com que se corta o tecido? (6)

TESOURA

4- ... aquilo onde se recosta a cabeça para dormir na cama? (8)

TRAVESSEIRO

5- Antigamente, para passar a roupa, usava-se ferro a brasa. Hoje qual o tipo de ferro que se usa? (11)

FERRO ELÉTRICO

6- ... aquilo que se abre quando se quer lavar as mãos numa pia? (12)

TORNEIRA

7- ... aquilo que se usa (*mímica*) para acender o fogão? (15)

FÓSFORO

8- ... aquilo que se coloca nos fogos/foguetes para que eles estourem? (17)

PÓLVORA

9- Para limpar o chão, o que é que é preciso fazer (*mímica*)? (18)

VARRER

10- Uma comida pode estar boa ou _____. (20)

RUIM

11- ... o que se come no almoço, uns grãosinhos brancos que podem acompanhar o feijão, a carne? (21)

ARROZ

12- A carne de porco não é magra porque tem _____. (22)

GORDURA

13- ... uma pequena grade de metal ou de ferro, que se coloca em cima da churrasqueira ou da brasa, para assar carne, frango, etc. ? (23)

GRELHA

14- ... aquele objeto que se usa na cozinha para passar (*mímica*) farinha? (24)

PENEIRA

15- A carne se come a garfo e faca. E a sopa, com que se toma? [O que é que se usa para tomar sopa]? (25)

COLHER

16- ... um aparelho que é usado para fazer vitamina, suco, etc. ? (26)

LIQUIDIFICADOR/LIQUIDIFICADOR

17- Quando a água da panela está bem quente, cheia de bolhinhas, como é que se diz que ela está? (27)

FERVENDO

18- ... aquilo que dá no chão, grande (*mímica*), com uma casca grossa vermelho-amarelada por dentro e que se cozinha para comer, para fazer doce? (32)

ABÓBORA

19- No ovo frito, há uma parte branca e outra amarela. Que nome tem a parte branca? (33)

CLARA

20- Quando o feijão esta seco, a pessoa que está cozinhando vai _____(*mímica*) água dentro. [Quando a galinha canta e vai para o ninho, se diz que ela vai _____ ovo]. (36)

BOTAR

21- ... aquela flor bonita, cheirosa, que é presa num talo com espinho? (38)

ROSA

22- O que é que dá sombra nas ruas, no campo / para o gado nos pastos? (39)

ÁRVORE

23- Para andar a cavalo, o que é que se tem que fazer (*mímica*)? (43)

MONTAR

24- ... um bichinho que voa e tem asas bonitas e coloridas? (46)

BORBOLETA

25- ... o bichinho que o gato caça? (48)

RATO

26- Quando se faz assim (*mímica*) numa canoa, numa embarcação, está se fazendo o quê? (52)

REMANDO

27- No inverno faz frio. E no verão? (61)

CALOR

28- Qual é o contrario de cedo? (62)

TARDE

29- O que é que vem depois do dois? (63)

TRÊS

30- O que é que vem depois do treze? (65)

CATORZE/QUATORZE

31- Quatorze não é uma letra, é o quê? (66)

NÚMERO

32- Por onde os carros passam para irem de uma cidade para outra? (67)

ESTRADA

33- De que material são feitas as janelas, ou pára-brisas dos carros? (73)

VIDRO

34- Quando uma pessoa compra um carro e quer se prevenir de um prejuízo grande (um roubo, uma batida), procura um corretor e faz o quê? (74)

SEGURO

35- E quanto é que se paga para viajar daqui a _____? *Dizer o nome de uma cidade próxima.* (76)

REAL/REAIS

36- Alguém lhe empresta uma coisa, um dinheiro. Quando você/o(a) senhor(a) vai devolver, você/o(a) senhor(a) agradece. Como é que você/o(a) senhor(a) diz? (79)

OBRIGADO

37- Para ganhar dinheiro, o que é que se precisa fazer? (80)

TRABALHAR

38- Para trabalhar e ganhar dinheiro, é preciso procurar o quê? [Quando uma pessoa é mandada embora do trabalho, ela perdeu o _____?] (81)

EMPREGO

39- Quem se elege para dirigir uma cidade? (83)

PREFEITO

40- ... aquele objeto que serve para apagar no papel o que se escreveu errado? (87)

BORRACHA

41- Fazer assim (*mímica*) em um papel é _____? (88)

RASGAR

42- ... o nosso país? (90)

BRASIL

43- ... aquilo que representa o país, que é verde, amarelo, azul e branco? (91)

BANDEIRA

44- Quem nasce no Rio de Janeiro é carioca. E quem nasce em Pernambuco? (92)

PERNAMBUCANO

45- Quando se quer mandar uma carta de uma cidade para outra, como é que se faz? (94)

CORREIO

46- Na escola, em um time de futebol, no trabalho, o que as pessoas são umas das outras? [Quando duas pessoas não são casadas e moram juntas, uma é o quê da outra?] (100)

COMPANHEIRO

47- Qual o contrário de errado? (105)

CERTO

48- Uma pessoa lhe conta um fato que você / o(a) senhor(a) acha que não é verdade. Você / o(a) senhor(a) diz que é uma _____? (106)

MENTIRA

49- Nas festas de igreja, que nome tem a caminhada que o povo faz, levando uma imagem de um ponto a outro? (107)

PROCISSÃO

50- Quando se comete uma falta grave, o que é que se pede a Deus? (110)

PERDÃO

51- ... aquilo que os reis colocam na cabeça (*mímica*)? (111)

COROA

52- ... esta parte? *Apontar* (114)

ORELHA

53- Qual o nome da parte do corpo que, se parar, a pessoa morre? (119)

CORAÇÃO

54- Quando alguém cai e arranca uma parte da pele do braço, do joelho, forma o quê? (123)

FERIDA

55- E Eva foi a primeira _____? (129)

MULHER

56- O pai da esposa é o sogro. E o marido, o que é que ele é do sogro? (132)

GENRO

57- A pessoa que tem cabelos escuros, a gente chama de morena. E a pessoa que tem cabelos claros, dourados e amarelados? (136)

LOURA

58- ... a abertura da calça do homem, normalmente fechada com botões ou com zíper? [Se você / o(a) senhor(a) encontra um conhecido com a calça aberto, você / o(a) senhor(a) diz: Fulano, fecha a _____?] (142)

BRAGUILHA

59- O que é que se põe no corpo para ficar cheiroso? (144)

PERFUME

60- Quando uma pessoa faz aniversário, o que é que se costuma dar a ela, que vem embrulhado? (145)

PRESENTE

61- Dar um abraço é abraçar. E fazer assim (*mímica*)? (146)

BEIJAR

62- Quando se está alegre, se pode dar uma gargalhada ou se pode dar um _____? *Ou mímica.* (147)

SORRISO

63- A pessoa que não está acordada, está _____ (*mímica*). (148)

DORMINDO

64- Quando não se acha uma coisa, ela fica _____? (150)

PERDIDA

65- Quando se perde uma coisa, se vai procurar até _____? (151)

ENCONTRAR

66- Quando se quer saber uma coisa, se vai _____? (152)

PERGUNTAR

67- Qual é o contrario de entrar? (153)

SAIR

68- Quando uma criança está dormindo e não se quer que ela acorde, se diz: Fale baixo, não faça _____, para ela não acordar. (154)

BARULHO

69- Este lado é o direito e este (*mostrar*)? (158)

ESQUERDO

70- Quem não está mais vivo é porque já _____? (159)

MORREU

Anexo E – Questionário Semântico Lexical – QSL

ACIDENTES GEOGRÁFICOS

1- ... um rio pequeno, de uns dois metros de largura? (1)

CÓRREGO/RIACHO

2- Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco, na água, que puxa para baixo. Como se chama isso? (4)

REDEMOINHO (DE ÁGUA)

3- ... o movimento da água do mar? *Imitar o balanço das águas.* (5)

ONDA DE MAR

4- ... o movimento da água do rio? *Imitar o balanço das águas.* (6)

ONDA DE RIO

FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS

5- ... o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves? (7)

REDEMOINHO (DO VENTO)

6- ...um clarão que surge no céu em dias de chuva? (8)

RELÂMPAGO

7- ...uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de mau tempo? (9)

RAIO

8- ...o barulho forte que se escuta logo depois de um _____ (*cf. item 7*) (10)

TROVÃO

9- ... uma chuva com vento forte que vem de repente? (11)

TEMPORAL

10- ... uma chuva de pouca duração, muito forte e pesada? (13)

TROMBA D'ÁGUA

11- ... uma chuva forte e continua? (14)

CHUVA FORTE

12- Durante uma chuva , podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva? (15)

CHUVA DE PEDRA

13- Como dizem aqui quando termina a chuva e o sol começa a aparecer? (16)

ESTIAR/COMPOR O TEMPO

14- Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas (*mímicas*). Que nomes dão a essa faixa? (17)

ARCO-ÍRES

15- ... uma chuva bem fininha? (18)

GAROA

16- De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama? (20)

ORVALHO/SERENO

17- Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso? (21)

NEVOEIRO/CERRAÇÃO/NEBLINA

ASTROS E TEMPO

18- ... a parte do dia quando começa a clarear? (22)

AMANHECER

19- O que é que acontece no céu de manhã quando começa a clarear? (23)

NASCER DO SOL

20- ... a claridade avermelhada do céu antes de _____ (*cf. item 19*) (24)

ALVORADA

21- E o que acontece no céu no final da tarde? (25)

PÔR DO SOL

22- ... a claridade avermelhada que fica no céu depois do _____ (*cf. item 21*) (26)

CREPÚSCULO

23- E quando o sol se põe? (27)

ENTARDECER

24- ... o começo da noite? (28)

ANOITECER

25- De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta estrela? (29)

ESTRELA MATUTINA/VÊNUS/ESTRELA DA MANHÃ/ESTRELA D'ALVA

26- De tardezinha, uma estrela aparece antes das outras, perto do horizonte, e brilha mais. Como chamam esta estrela? (30)

ESTRELA VESPERTINA / VÊNUS / ESTRELA DA TARDE

27- De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, assim, (*mímica*) e faz um risco de luz. Como chamam isso? (31)

ESTRELA CADENTE/ESTRELA FILANTE/METEORO/ZELAÇÃO

28- E quando se vê uma _____ (*cf. item 26*), como é que se diz?

IDENTIFICAR OS VERBOS USADOS PARA EXPRESSAR O MOVIMENTO DA ESTRELA CADENTE. (32)

MUDAR/CORRER UMA ESTRELA

29- Quais são os meses do ano? (34)

JANEIRO/FERVEIRO/MARÇO/ABRIL/SETEMBRO/OUTUBRO/NOVEMBRO/DEZEMBRO.

30- Alguns desses meses têm outro nome, por exemplo, junho, julho etc?(35)

MESES COM NOMES ESPECIAIS

31- ... o dia que foi antes de ANTEONTEM. [*E mais um dia para trás*]. (38)

TRASANTEONTEM

ATIVIDADES AGROPASTORIS

32- ... as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são? (39)

PEDIR PARA DESCREVER, PARA APURAR AS DIFERENÇAS ENTRE AS DISIGNAÇÕES CITADAS PELO INFORMANTE.

TANGERINA/MEXERICA

33- ... a parte roxa do cacho de banana? (44)

MANGARÁ/CORAÇÃO

34- Depois que se corta o pé de arroz ou fumo, ainda fica uma pequena parte no chão. Como se chama essa parte? (47)

SOCA/TOUCEIRA

35- ... flor grande, amarela, redonda, com uma rodela de sementes no meio? (48)

GIRASSOL

36- ... uma raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer? (50)

MACAXEIRA / AIPIM

37- ... um veículo de uma roda, empurrado por uma pessoa, para pequenas cargas em trechos curtos? (52)

CARRINHO DE MÃO

38- ... as duas partes em que a pessoa segura para empurrar o _____ (cf. item 38)? (53)

HASTES DO CARRINHO DE MÃO

39- ... a armação de madeira, em forma de forquilha (*mímica*) que se coloca no pescoço de animais (porco, terneiro / bezerro, carneiro, vaca) para não atravessarem a cerca? (54)

CANGALHA/FORQUILHA

40- E quando se usam objetos de couro, com tampa, para levar farinha, no lombo do cavalo ou do burro? *Mostrar gravura.* (58)

BOLSA/BRUACA

41- ... a cria da ovelha logo que nasce? E até que idade se dá esse nome? (59)

BORREGO

42- Como se diz quando a fêmea de uma animal perde a cria? (60)

PERDA DA CRIA

43- ... o homem que é contratado para trabalhar na roça de outro, que recebe por dia de trabalho? (61)

TRABALHADOR DE ENXADA EM ROÇA ALHEIA

44- O que é que se abre com o facão, a foice para passar por um mato fechado? (62)

PICADA/ATALHO ESTREITO

45- ... o caminho, no pasto, onde não cresce mais grama, de tanto o animal ou homem passarem por ali? (63)

TRILHO/CAMINHO/VEREDA/TRILHA

FAUNA

46- ... a ave preta que come animal morto, podre? (64)

URUBU

47- ... o passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem o bico comprido e fica parado no ar? (65)

COLIBRI/BEIJA-FLOR

48- ... a ave que faz a casa com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa? (66)

JOÃO-DE-BARRO

49- ... uma galinha sem rabo? (69)

SURA

50- ... as patas dianteiras do cavalo? (72)

PATAS DIANTEIRAS DO CAVALO

51- ... o cabelo em cima do pescoço do cavalo? (73)

CRINA DO PESCOÇO

52- ... o cabelo comprido na traseira do cavalo? (74)

CRINA DA CAUDA

53- ... a parte larga atrás do _____ (cf. item 49) (76)

ANCA/GARUPA/CADEIRA

54- O que o boi tem na cabeça? (77)

CHIFRE

55- ... o boi sem _____ (cf. item 51) (78)

BOI SEM CHIFRE

56- ... a cabra que não tem _____ (cf. item 51) (79)

CABRA SEM CHIFRE

57- Em que parte da vaca fica o leite? (80)

ÚBERE

58- ... a parte com que o boi espanta as moscas? (81)

RABO

59- ... um tipo de mosca grande, esverdeada, que faz um barulhão quando voa? (83)

MOSCA VAREJEIRA

60- ... aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, em coco? (86)

BICHO DE FRUTA

61- ... aquele bicho que dá em esterco, em pau pobre? (87)

CORÓ

62- ... aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite? *Imitar o zumbido.* (88)

PERNILONGO/MURIÇOCA

CORPO HUMANO

63- ... esta parte que cobre o olho? (89)

PÁLPEBRAS

64- ... a bolinha que nasce na pálpebra, fica vermelha e incha? (94)

TERÇOL/VIÚVA

65- ... a inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado? (95)

CONJUNTIVITE/DOR D'OLHOS

66- ... aquela pele branca no olho que dá em pessoas mais idosas? (96)

CATARATA

67- ... esses dois dentes pontudos? *Apontar.* (97)

DENTES CANINOS/DENTE QUEIRO/PRESAS

68- ... esses dentes grandes no fundo da boca, vizinhos dos dentes do siso? *Apontar.* (99)

DENTES MOLARES

69- ... a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo? (102)

CATARACA / MELECA

70- ... a pessoa que tem um calombo grande nas cortas e fica assim (*mímica*)? (107)

CORCUNDA

71- ... o mau cheiro embaixo dos braços? (109)

CHEIRO NAS AXILAS

72- Se uma pessoa come muito e sente que vai pôr / botar pra fora o que comeu, se diz que vai o quê? (112)

VOMITAR

73- ... a parte do corpo da mãe onde fica o nenê / bebê antes de nascer? (113)

ÚTERO

74- ... a pessoa que não tem uma perna? (114)

PERNETA

75- ... a pessoa de pernas curvas? *Mímica.* (116)

PESSOA DE PERNAS ARQUEADAS

76- ... o osso redondo que fica na frente do joelho? (117)

RÓTULA/PATACA

77- ... isto? *Apontar.* (118)

TORNOZELO

78- ... isto? *Aponta* (119)

CALCANHAR

CICLOS DA VIDA

79- As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso? (121)

MENSTRUACÃO

80- Numa certa idade acaba a/o _____ (*cf. item 76*). Quando isso acontece, se diz que a mulher _____. (122)

ENTRAR NA MENOPAUSA

81- ... a mulher que ajuda a criança a nascer? (123)

PARTEIRA

82- Chama-se a _____ (*cf. item 81*) quando a mulher está para _____. (124)

DAR A LUZ

83- Quando a mulher grávida perde o filho, se diz que ela teve _____. (126)

ABORTO

84- Quando a mulher fica grávida e, por algum motivo, não chega a ter a criança, se diz que ela _____? (127)

ABORTAR

85- O próprio filho da ama-de-leite e a criança que ela amamenta são o quê um do outro? (129)

IRMÃO DE LEITE

86- Criança pequenininha, a gente diz que é bebê. E quando ele tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino? (132)

MENINO/GURI/PIÁ

87- Quando um homem fica viúvo e cada de novo, o que a segunda mulher é dos filhos que ele já tinha? (134)

MADRASTA

CONVÍVIO E COMPORTAMENTO SOCIAL

88- ...a pessoa que fala demais? (136)

PESSOA TAGARELA

89- ... a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas? (137)

PESSOA POUCO INTELIGENTE / BURRA

90- ... a pessoa que não gosta de gastar o seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar. (138)

PESSOA SOVINA / MISERÁVEL

91- ... a pessoa que deixa suas contas penduradas? (139)

MAU PAGADOR

92- ... o marido que a mulher passa para trás com outro homem? (141)

MARIDO ENGANADO/CORNO/CHIFRUDO

93- ... a mulher que se vende para qualquer homem? (142)

PROSTITUTA

94- Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais? (144)

BÊBADO / BEBARRÃO

95- ... a pessoa que tem o mesmo nome da gente? (146)

XARÁ

96- Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado a mão? (145)

CIGARRO DE PALHA

97- ... o resto do cigarro que se joga fora? (146)

TOCO DE CIGARRO

98- O que algumas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é do outro mundo? (148)

FANTASMA /ASSOMBRAÇÃO

RELIGIÃO E CRENÇAS

99- ... uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta? (151)

BENZEDEIRA

100- ... a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas? (152)

CURANDEIRO

101- No Natal, monta-se um grupo de figuras representando o nascimento do Menino Jesus. Como chamam isso? (154)

PRESEPIO

JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS

102- ... o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha (*mímica*), que os meninos usam para matar passarinho? (157)

ESTILINGUE/ATIRADEIRA/BODOQUE

103- ... o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina ao vento por meio de uma linha? (158)

PAPAGAIO/PIPA/ARRAIA

104- ... a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras? (161)

COBRA-CEGA

105- ... esse ponto combinado? (163)

FERROLHO/SALVA

106- ... uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de um delas e esta pega a pedrinha, varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair? (164)

CHICOTE-QUEIMADO/LENÇO ATRÁS

107- ... uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce? *Mímica*. (165)

GANGORRA

108- ... a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formado por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (*mímica*) e vão pulando com uma perna só?

SOLICITAR DESCRIÇÃO DETALHADA. (167)

AMARELINHA

HABITAÇÃO

109- ... aquela pecinha de madeira, que gira ao redor de um prego, para fechar porta, janela...? (168)

TRAMELA

110- Quando se vai ao banheiro, onde é que a pessoa se senta para fazer as necessidades?(170)

VASO SANITÁRIO/PATENTE/APARELHO

111- ... a cinza quente que fica dentro do fogão a lenha? (172)

BORRALHO

112- Para ascender um cigarro, se usa fósforo ou_____? (173)

ISQUEIRO

113- ... aquele objeto que se usa para clarear no escuro e se leva na mão assim (*mímica*)? (174)

LANTERNA

114- Como se chama o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada? (175)

INTERRUPTOR DE LUZ

ALIMENTAÇÃO E COZINHA

115- ... a primeira refeição do dia, feita pela manhã? (176)

CAFÉ DA MANHÃ [MERENDA]

116- ... a carne depois de triturada na máquina? (178)

CARNE MOÍDA

117- ... uma papa cremosa feita com coco e milho verde ralado, polvilhada com canela? (179)

CURAU/CANJICA

118- E essa mesma papa, com milho verde ralado, sem coco, como é que se chama?

PEDIR PARA DESCREVER COMO SE FAZ. (180)

CURAU

119- ... a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar? (182)

AGUARDENTE

120- Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: Comi tanto que estou_____. (183)

EMPANTURRADO

121- ... isto? *Mostrar.* (186)

PÃO FRANCÊS

VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS

122- ... aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas?
(191)

ROUGE

123- ... um objeto fino de metal, para prender o cabelo? *Mostrar.* (192)

GRAMPO/PREZILHA

124- ... o objeto de metal ou plástico que pega de um lado a outro da cabeça e serve para prender os cabelos? *Mímica.* (193)

DIADEMA/ARCO/TIARA

VIDA URBANA

125- Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde e amarela? (194)

SINALEIRO/SEMÁFORO/SINAL

126- ... aquele morrinho atravessado no asfalto para os carros diminuïrem a velocidade? (195)

LOMBADA/QUEBRA-MOLAS

127- ... aquele trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros têm que contornar para evitar o cruzamento direto? (198)

ROTATÓRIA/RÓTULA/RETORNO/BALÃO

128- ... a área que é preciso ter ou comprar para se fazer uma casa na cidade? (199)

LOTE/TERRENO/DATA

129- ... a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros e faz o percurso dentro da cidade? (200)

ÔNIBUS URBANO

130- ... a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros de uma cidade para outra?
(201)

ÔNIBUS INTERURBANO

131- ... um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber_____ e onde também se pode comprar alguma outra coisa? (202)

BODEGA/BAR/BOTECO

Anexo F – Temas para Discursos Semidirigidos

1. Relato pessoal

Relate um acontecimento marcante em sua vida (casamento, namoro...).

2. Comentário

De que programas de televisão você/o(a) senhor(a) gosta mais? Por quê?

3. Descrição

Você / o(a) senhor(a) trabalha em quê? Fale um pouco sobre seu trabalho.

4. Relato não pessoal

Conte com caso / um fato de seu conhecimento (de que tenha ouvido falar, que tenha acontecido com um amigo etc.).

Anexo G – Perguntas Metalingüísticas

1. Como chama a língua que você / o(a) senhor(a) fala?
2. Tem gente que fala diferente aqui em Fortaleza? Se houver, identificar os grupos “*que falam diferente*”.
3. Poderia dar um exemplo do modo como falam essas pessoas “*que falam diferente*”.
4. E, em outros lugares do Brasil, fala-se diferente daqui de Fortaleza?
5. Poderia dar um exemplo do modo como falam em outros lugares do Brasil?
6. No passado, falavam diferente aqui?

Anexo H – Texto para Leitura

PARÁBOLA DOS SETE VIMES

Era uma vez um pai que tinha sete filhos. Quando estava para morrer, chamou-os a todos e, depois de ter olhado inquieto e tristemente para o céu, disse-lhes:

__ Já não tendes mãe e eu sei que não posso durar muito; mas antes de morrer, desejo que cada um de vós me vá buscar, no Campo do Moinho, um vime seco.

__ Eu também? perguntou o mais novo – um garoto esbelto de quatro anos que estava, inocentemente, brincando ao sol com duas moedas num velho chapéu de feltro.

__ Tu também, Tiago.

Quando os filhos voltaram com os vimes, o pai pediu ao menor deles:

__ Quebra esse vime.

Ao ouvir isso, o pequeno partiu o vime sem nada lhe custar.

__ Agora parte os outros, um a um.

O menino obedeceu.

__ Trazei-me, todos, outro vime! tornou o pai, logo que viu o menino partir o último sem dificuldade alguma.

Quando os rapazes apareceram de novo, enfeixou os sete vimes soltos, atando-os com o fio.

__ Toma este feixe, Paulo. Parte-o! ordenou o pai ao filho mais velho – o homem mais valente da cidade.

Vendo que já lhe doíam as mãos de tanto se esforçar por partir o feixe, acrescentou:

__ Não foste capaz! O osso é duro de roer!...

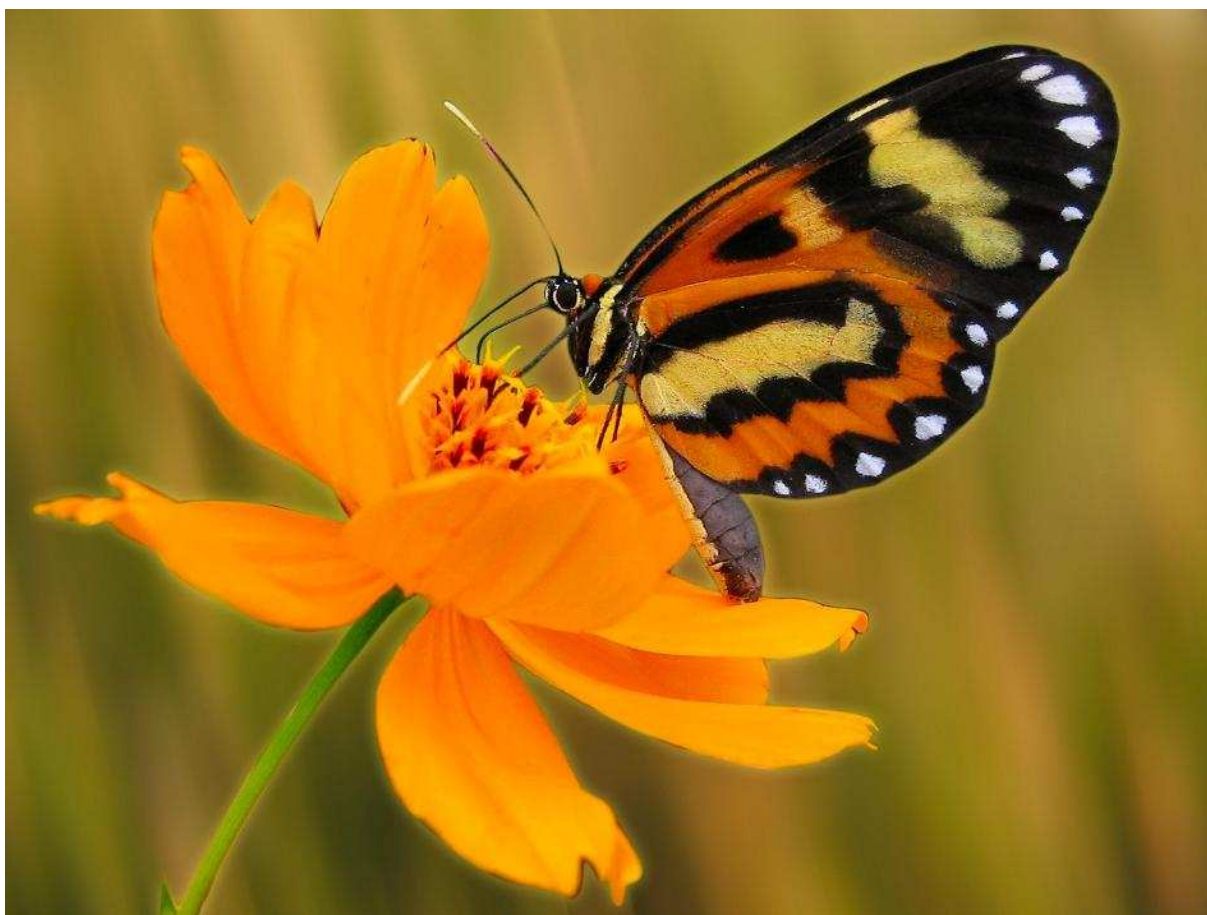
__ Não, senhor, não fui, e já me doem as mãos, respondeu o moço.

Todos os outros tentaram em vão.

__ Se fossem mil vimes em vez de sete, pior seria, exclamou o pai. Quer sejam vimes ou corações, lembrai-vos sempre que a união faz a força. Se estiverdes sempre unidos, ninguém vos fará mal.

Ao acabar de dizer isto, morreu. Fiéis ao bom conselho paterno, até o fim da vida, foram sempre felizes e fortes como leões, os sete irmãos desta história.

Anexo I – Modelo de Gravura para Evocação de Palavras no Questionário Fonético – Fonológico



Anexo J – Informante 23: Faixa Etária II, Sexo Masculino

Aspectos Sócio-Dialetais da Língua Falada em Fortaleza: as realizações dos fonemas /r/ e /r/

Inquérito: 23

Data: 12/05/2006

Informante: M. F. P. B.

Inquiridor: M. S. M. A.

Status: () em andamento (x) concluído

Questionário Fonético- Fonológico – QFF

01. CASA ((Desc. [ga'raʒɛj, 'kwaɦtus, ɦ̃'daʅ supɛri'oʅ, ɦɛzɛɦ'vadu nɔɦmaw'mɛɦʃi 'pra, ɦɛsɛ'beʅ, 'kɫaru])) (01)
02. TERRENO [tɛ'ɦɛnu] (02)
03. PRETELEIRA [pratʃi'lera] (03)
04. TESOURA [tʃi'zora] (06)
05. TRAVESSEIRO [travi'sejru] (08)
06. LUZ [ɛnɛʅ'ʒia] (09)
07. ELÉTRICO [ɛ'ɫɛtriku] (11)
08. TORNEIRA [toɦ'nejra] (12)
09. FECHA [is'kɔra 'pɔɦta] (14)
10. FÓSFORO ['fɔsfɔru] (15)
11. PÓLVORA ['pɔwvɔra] (17)
12. VARRER [la'vaɦ, va'ɦɛɦ](18)
13. RUIM [ɦu'ĩ] (20)
14. ARROZ [a'ɦɔjz] (21)
15. GORDURA [goɦ'duɦa] (22)
16. GRELHA [brɦ'zejru, 'grɛɦa] (23)
17. PENEIRA [pɛ'nejra] (24)
18. COLHER [ku'ɦɛʅ] (25)
19. LIQUIDIFICADOR [likidʒifika'doʅ] (26)
20. FERVENDO [fɛɦ'vɛdu] (27)
21. ABÓBORA [ʒiri'mũ, ʒifimũ] (32)
22. CLARA ['kɫara] (33)
23. BOTAR [kɔɔ'kaʅ 'agwa] (36)
24. ROSA ['ɦɔza] (38)
25. ÁRVORE ['aɦvɔri] (39)
26. MONTAR [sɛ'laʅ, mɔ'taʅ] (43)
27. BORBOLETA [bɔɦbu'leta] (46)
28. RATO ['ɦatu] (48)
29. REMANDO [ɦɛ'mãdu] (52)
30. CALOR [ka'loɦ] (61)
31. TARDE ['taɦdʒi] (62)
32. TRÊS ['trejs] (63)
33. CATORZE [ka'toɦzi] (65)

34. NÚMERO [nũ'meru] (66)
35. ESTRADA [iʃ'trada] (67)
36. VIDRO ['vidru] (73)
37. SEGURO [si'guɾu] (74)
38. REAL [ɾɛ'aw] (76)
39. OBRIGADO [ɔbɾi'gadu] (79)
40. TRABALHAR [traba'laɾ] (80)
41. EMPREGO [ĩ'pɾegu] (81)
42. PREFEITO [pɾe'fejtu] (83)
43. BORRACHA [bo'ɾaʃa] (87)
44. RASGAR [ɾaz'gaʃ] (88)
45. BRASIL [bra'ziw] (90)
46. BANDEIRA [bã'dejɾa] (91)
47. PERNAMBUCANO [pɛɾnãbu'kãnu] (92)
48. SOLDADO [mili'taʃ] (93)
49. CORREIO [ko'ɾeju] (94)
50. COMPANHEIRO [kõpã'ɲerus] (100)
51. PEGO ['pɾezu] (103)
52. CERTO ['sɛɾtu] (105)
53. MENTIRA [mê'tʃiɾa] (106)
54. PROCISSÃO [pɾɔsi'sãw] (107)
55. PERDÃO [pɛɾ'dãw] (110)
56. COROA [ko'ɾoa] (111)
57. ORELHA [o'rela] (114)
58. CORAÇÃO [kɔɾa'sãw] (119)
59. FERIDA [aɾiãj'ãw, fe'ɾida] (123)
60. MULHER [mu'leɾ] (129)
61. GENRO ['ʒêɾu] (132)
62. LOURA ['lowru] (136)
63. BRAGUILHA [bra'giʎa] (142)
64. PERFUME [pɛʃ'fũmi] (144)
65. PRESENTE [pɾɛ'zêɾɿs] (145)
66. BEIJAR [bej'ʒaʃ] (146)
67. SORRISO [so'ɾizu] (147)
68. DORMINDO [duɾi'mĩdu] (148)
69. PERDIDA [pɛɾ'dʒida] (150)
70. ENCONTRAR [a'ʃaʃ, ãkõ'tɾaʃ] (151)
71. PERGUNTAR [a'tɾajs, pɾɔku'ɾaʃ, pɛski'zaʃ, pɛɾgũ'taʃ] (152)
72. SAIR [sa'iɾ] (153)
73. BARULHO [ba'ɾulu] (154)
74. ESQUERDO [is'keɾdu] (158)
75. MORREU [mo'ɾew] (159)

Questionário Semântico-Lexical – QSL

01. RIACHO [ɾi'aʃu] (01)

02. FOZ [eʃtu'arju] (03)
03. REDEMOINHO (DE ÁGUA) [ɦidʒimu'iu] (04)
04. ONDA DE RIO [kɔɦê'teza] (06)
05. REDEMOINHO (DO VENTO) [ɦɔdamu'iu] (07)
06. RELÂMPAGO [ɦɛ'lâpagu] (08)
07. RAIO ['ɦaju] (09)
08. TROVÃO [tru'vãw] (10)
09. TEMPORAL [têpɔ'raw] (11)
10. TORRENCIAL [tɔɦêsi'aw] (14)
11. CHUVA DE PEDRA [grã'nizu] (15)
12. ARCO-ÍRIS ['aɦku 'iris] (17)
13. ORVALHO [ɔɦ'vaɦu, se'rênu] (20)
14. AMANHECER [amãj'seØ, awvore'seØ] (22)
15. NASCER (DO SOL) [u na'seØ du 'sɔw] (23)
16. ALVORADA [aw'rɔra] (24)
17. PÔR (DO SOL) [u 'poØ du 'sɔw] (25)
18. CREPÚSCULO [krɛ'puskulu] (26)
19. ENTARDECER [ĩtaɦde'seØ] (27)
20. ANOITECER [anojte'seØ] (28)
21. ESTRELA D'ALVA [ij'trela 'dawva] (29)
22. ESTRELA CADENTE [ij'trela ka'dêtfi] (31)
23. MUDAR, CORRER UMA ESTRELA [ka'ifi] (32)
24. MESES DO ANO [ʒã'nejru, feve'rejru, 'maɦsu, a'briw, sɛ'têbru, o'tubru, nɔ'vêbru, dɛ'zêbru] (34)
25. MESES COM NOMES ESPECIAIS ['ʒuɦu das 'fɛrjas] (35)
26. TRASANTEONTEM [trɛzã'tõtfi] (38)
27. TANGERINA [tãʒi'rĩna, miʒi'rika] (39)
28. PARTE TERMINAL DA BANANEIRA [mara'ka] (44)
29. GIRASSOL [ʒira'sɔw] (48)
30. MACAXEIRA [maka'fejra] (50)
31. CARRINHO DE MÃO [ka'ɦĩu dʒi 'mãw] (52)
32. BORREGO [bu'ɦegu] (59)
33. PERDA DA CRIA ['peɦda da 'kria] (60)
34. TRABALHADOR DE ENXADA EM ROÇA ALHEIA ['bɔja 'fria, mej'eru] (61)
35. VEREDA [ve'reda] (63)
36. URUBU [uru'bu] (64)
37. BEIJA-FLOR ['bejʒa 'floØ] (65)
38. JOÃO-DE-BARRO ['jwãw dʒi 'baɦu] (66)
39. GALINHA-D'ANGOLA ['to 'fraku] (67)
40. SURA ['sufa] (69)
41. PATAS DIANTEIRAS ['patas dʒiã'tejras] (72)
42. CRINA DO PESCOÇO ['krĩna] (73)
43. CRINA DA CAUDA ['ɦabu] (74)
44. GARUPA [ga'rupa] (76)
45. CHIFRE ['ʒifri] (77)
46. BOI SEM CHIFRE ['boj 'sêj 'ʒifri] (78)

47. CABRA SEM CHIFRE [ˈkabra ˈsɛj ˈʃifri] (79)
48. RABO [ˈfiabu] (81)
49. MOSCA GRANDE [vareˈʒejra] (83)
50. PERNILONGO [pɛfniˈlõgu, mufiˈsɔka] (88)
51. PALPEBRAS [ˈpawpɛbras] (89)
52. TERÇOL [tefˈsɔw] (94)
53. DOR D'OLHOS [ˈdoɦ ˈdoɦu] (95)
54. CATARATA [kataˈrata] (96)
55. DENTES CANINOS [ˈprezas] (97)
56. CORCUNDA [kɔɦˈkũda] (107)
57. VOMITAR [vũmiˈtaø] (112)
58. ÚTERO [ˈutɛru] (113)
59. PERNETA [peɦˈneta] (114)
60. RÓTULA [ˈɦɔtula] (117)
61. TORNOZELO [toɦnuˈzɛlu] (118)
62. CALCANHAR [kawkãjˈaø] (119)
63. MENSTRUACÃO [mêftruaˈsãw] (121)
64. PARTEIRA [paɦˈtejra] (123)
65. DAR À LUZ [paˈriø] (124)
66. ABORTO [aˈboɦtu] (126)
67. ABORTAR [abɔɦˈtaø] (127)
68. IRMÃO DE LEITE [iɦˈmãws dʒi ˈlejtʃi] (129)
69. MADRASTA [maˈdrafta] (134)
70. TAGARELA [falaˈdera] (136)
71. PESSOA POUCO INTELIGENTE [ˈbuɦu] (137)
72. PESSOA SOVINA [mizɛˈravɛw] (138)
73. MAU PAGADOR [kaloˈtejru] (139)
74. ASSASSINO PAGO [piɦtoˈlejru] (140)
75. MARIDO ENGANADO [ʃiˈfrudu, koɦnu] (141)
76. PROSTITUTA [prɔɦtʃiˈtuta, mereˈtriz] (142)
77. XARÁ [ʃaˈra] (143)
78. CIGARRO DE PALHA [siˈgaɦu dʒi ˈpaɦa] (145)
79. FANTASMA [asõbraˈsãw] (148)
80. BENZEDEIRA [ɦɛzaˈdejra] (151)
81. CURANDEIRA [kurãˈdejra] (152)
82. PRESÉPIO [prɛˈzɛpju] (154)
83. ESTILINGUE [balaˈdera] (157)
84. PIPA [ˈfiaja] (158)
85. CABRA-CEGA [ˈkabra ˈsɛga] (161)
86. GANGORRA [gãˈgoɦa] (165)
87. AMARELINHA [amarɛˈliã] (167)
88. TRAMELA [trãˈmɛla] (168)
89. VENEZIANA [pɛɦsiˈãna] (169)
90. BORRALHO [buˈɦaɦu, ˈboɦa] (172)
91. ISQUEIRO [isˈkeru] (173)
92. LANTERNA [lãˈtɛɦna] (174)

93. INTERRUPTOR DE LUZ [ĩtɛɦupi'toɦ] (175)
94. EMPANTURRADO [ĩfto'rãdu] (183)
95. PÃO FRANCÊS [kari'ɔka](186)
96. ROUGE ['ɦuʒi] (191)
97. GRAMPO ['grãpu] (192)
98. SEMÁFORO [sê'mafɔru] (194)
99. ROTATÓRIA [ʒiradoø, ʒira'tɔrju] (198)
100. TERRENO [tɛ'ɦênu] (198)
101. ÔNIBUS INTERMUNICIPAL ['õnibus ĩtɛɦmũnisi'paw] (201)

Temas Para Discursos Semidirigidos

01. QUALQUER UM [kwaw'kɛø 'ũ]
02. APROVEITAR UM [apruvej'taø]
03. OUTRO DIA ['otru 'dʒia]
04. PRO PESSOAL [pøu pesu'aw]
05. ÉRAMOS PEQUENOS ['ɛrãmus pi'kênus]
06. AMERICANO [amɛri'kãnu]
07. LEVAVA A GENTE [lɛ'vava a'ɦêtfi]
08. PRA IR PRA PRAIA ['pra iø 'pra 'praja]
09. COMPADRE [kũ'padri]
10. MORAVA [mɔ'rava]
11. JACARECANGA [ʒakarɛ'kãga]
12. PERTO ['pɛɦtu]
13. A RECA TODA [a 'ɦeka 'toda]
14. A GENTE TINHA [a 'ɦêtfi 'tia]
15. AREIA DA PRAIA [a'reja da 'praja]
16. LEMBRANÇA [lê'brãsa]
17. A GENTE PASSAVA [a'ɦêtfi pa'sava]
18. ALEGRE [a'legri]
19. FREQUENTE [frɛ'kwêtfi]
20. FAZER AGORA [fa'zeø a'gɔra]
21. MINHA MULHER ['mãa mu'ɦɛø]
22. BOLA ROLANDO ['bɔla ɦɔ'lãdu]
23. PROFESSOR [profe'soø]
24. DIRIA [dʒi'ria]
25. ÁREA DE ATUAÇÃO ['arja dʒi atua'sãw]
26. PROFISSÃO DESVALORIZADA [prɔfi'sãw dizvalɔri'zada]
27. REALMENTE [ɦɛaw'mêtfi]
28. REMUNERAÇÃO [ɦɛmũnɛra'sãw]
29. ESTRUTURAS PRECÁRIAS [ĩftu'turas prɛ'karjas]
30. PRECARÍSSIMAS [prɛka'risĩmas]
31. TRABALHO DOS PROFESSORES [tra'baɦu dus profe'soris]
32. PORQUE [poɦ'ke]
33. RENDA ['ɦêda]
34. UMA SÉRIE DE [ũa 'sɛri dʒi]

35. ATENDER [atê'deØ]
36. A MENOR CONDIÇÃO [a mê'nɔØ kōdi'sāw]
37. FORMAÇÃO PRA ISSO [fɔɦma'sāw 'pra 'isu]
38. PRIMEIRO [pri'mejru]
39. PRA DAR ESSE ['pØa 'daØ 'esi]
40. ENSINAR O ESSENCIAL [êsi'naØ u ɛsêsi'aw]
41. TER QUE DAR ['teØ ki 'daØ]
42. A CRIANÇA REQUER E PEDE [a kri'ãsa ɦe'kɛØ i 'pɛdʒi]
43. É ISSO MESMO [ɛ 'isu 'mɛɦmu]
44. NUM ENCARO A PROFISSÃO [nú i'kaɾu a pɾɔfi'sāw]
45. COMO UM SACERDÓCIO ['kōmu ũ sasɛɦ'dɔsju]
46. ISSO É BESTEIRA ['isu ɛ beɦ'tɛra]
47. DIZER QUE É [dʒi'zeØ ki ɛ]
48. LUTAR PRA MELHORAR AS [lu'taØ pØa miɦɔ'raØ as]
49. SE NUM FOR ASSIM [si nú 'foØ a'si]
50. CONTAR UM [kō'taØ 'ũ]
51. LEMBREI AGORA [lê'bɾej a'gɔra]
52. UM CARA [ũ 'kara]
53. ERA AMIGO ['ɛra ã'migu]
54. JOGAVA BOLA COM A GENTE [ʒɔ'gaf̃a 'bɔla kũ a 'ʒɛt̃fi]
55. POR ACASO [puɾa'kazu]
56. FOI SER PROFESSOR TAMBÉM ['foj 'seØ pɾofɛ'soØ tã'bêj]
57. NUMA DAS GREVES ['núa das 'grɛvis]
58. TAVA HAVENDO [taɦa'vɛdu]
59. EM FRENTE [i 'frɛt̃fi]
60. PREFEITURA [pɾɛfɛj'tura]
61. ERA O JURACI ['ɛra u ʒura'si]
62. PARTICIPAR DE UMA [part̃ip̃isi'paØ dʒi 'ũa]
63. CHAMARAM [ɦã'maɦãw]
64. DIRETORES [dʒire'toris]
65. ELE TAVA LA ['eli 'taɦa 'la]
66. FOI AGREDIDO ['foj aɦɾi'dʒidu]
67. JOGARAM SPRAY DE [ʒɔ'garãw is'pɾej dʒi]
68. NO ROSTO DELE [nu 'ɦoɦtu 'deli]
69. REENCONTRO [ɦɛê'kōtru]
70. FOI MAIS OU MENOS ['foi maɦɔ'mênu]
71. A GENTE SE REENCONTRAR [a'ɦɛt̃fi si ɦɛêkō'traØ]
72. IMPORTANTE [ĩpɔɦ'tãt̃fi]
73. PORQUE A GREVE [puɦ'ke a 'grɛvi]
74. PRA SE ACABAR ['pra si aka'baØ]
75. GERADOR [ʒɛra'doØ]
76. REACENDEU [ɦɛasê'dew]
77. CHEGAR PERTO [ɦe'gaØ 'pɛɦtu]
78. PROPUNHA CONSEGUIR [pɾɔ'pũɦa kōsi'giØ]

Perguntas Metalingüísticas

01. PORTUGUÊS [portu'gejs, poɦtu'gejs]
02. DIFERENTE [dʒifɛ'rɛtʃi]
03. REGLÃO [ɦɛʒi'ãw]
04. NUM LEMBRO NÃO ['nũ 'lɛbru 'nãw]
05. VAI ACHAR ALGUNS ['vaj a'ʃaø aw'gũs]

Texto para Leitura

01. PARÁBOLA [pa'rabula]
02. ERA UMA VEZ ['ɛrũa 'vejz]
03. PARA MORRER, CHAMOU-OS ['para mo'ɦeø, ʃã'mous]
04. TER OLHADO ['teø ɔ'ladu]
05. TRISTEMENTE [trifʃi'mɛtʃi]
06. PARA O CÉU ['paru 'sɛw]
07. DURAR MUITO [du'raø 'mũjtu]
08. BUSCAR NO [bus'kaø nu]
09. PERGUNTOU [pɛɦgũ'to]
10. GAROTO [ga'rotu]
11. QUATRO ['kwatru]
12. BRINCANDO [brĩ'kãdu]
13. FELTRO ['fewtru]
14. VOLTARAM [vɔw'tarãw]
15. MENOR DELES [mê'nɔø 'delis]
16. QUEBRA ['kɛbra]
17. AO OUVIR ISTO ['aw o'viø 'isu]
18. PARTIU [paɦ'tʃiw]
19. CUSTAR [kuʃ'taø]
20. AGORA [a'gɔra]
21. PARTE OS OUTROS ['partʃi u'zowtrus]
22. TRAZEI-ME [tra'zejmi]
23. OUTRO VIME ['otru 'vĩmi]
24. TORNOU [toɦ'no]
25. PARTIR O [paɦ'tʃiø u]
26. RAPAZES APARECERAM [ɦa'pazizapare'serãw]
27. PARTE-O ['partʃi u]
28. ORDENOU [ɔɦdê'no]
29. SE ESFORÇAR POR PARTIR O [si esfoø'saø 'poɦ paɦ'tʃiø u]
30. ACRESCENTOU [akɛsɛ'to]
31. DURO DE ROER ['duɾu dʒi ɦu'eø]
32. NÃO SENHOR, NÃO FUI ['nãw sɛj'oø 'nãw 'fuj]
33. RESPONDEU [ɦɛspõ'dew]
34. OS OUTROS TENTARAM [u'zotøus tɛ'tarãw]
35. PIOR SERIA [pi'ɔø se'ria]
36. QUER SEJAM ['kɛɦ 'seʒãw]
37. CORAÇÕES [kɔra'sõjs]

38. LEMBRAI-VOS SEMPRE [lê'brajvu 'sêpri]
39. FAZ A FORÇA ['fajza 'foʃsa]
40. SE ESTIVERDES [si estʃi'veɦdʒis]
41. FARÁ MAL [fa'ra 'maw]
42. ACABAR DE DIZER ISTO [aka'baʃ dʒi dʒi'zeʃ 'iʃtu]
43. MORREU [mo'ɦew]
44. PATERNO [pa'tɛɦnu]
45. FORAM ['forãw]
46. FORTES ['fɔɦtʃis]
47. OS SETE IRMÃOS [us 'sɛɦiɦ'mãws]
48. HISTÓRIA [iɦ'tɔɦja]